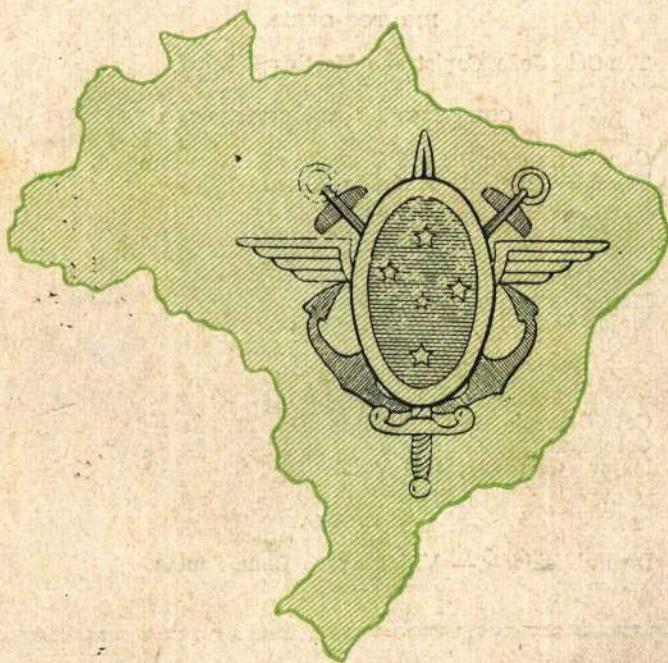


A Defesa Nacional



EXÉRCITO — MARINHA — AERONÁUTICA

Ns. 568 e 569

BRASIL

DIRETORIA ELEITA PARA O EXERCÍCIO DE 1961/1964

DIRETOR-PRESIDENTE

Gen Aurélio Alves de Souza Ferreira

DIRETOR-SECRETÁRIO

Major José de Sá Martins

DIRETOR-GERENTE

Ten-Cel João Capistrano Martins Ribeiro

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Gen Armando Batista Gonçalves

Ten-Cel Hugo de Andrade Abreu

CONSELHO FISCAL

Cel Golbery do Couto e Silva

Major Amerino Raposo Filho

Major Sady de Almeida Vale

SUPLENTES

Cel Olympio de Sá Tavares

Cel Floriano Moller

Major Germano Seidl Vidal

CHEFIA

De Publicidade — Major Lauro Lima Santos

PEDE-SE PERMUTA

PIDESE CANJE

SI RICHIEDE LO SCAMBIO

WE ASK FOR EXCHANGE

ON DÉMANDE L'ÉCHANGE

ONI PETAS INTERSAGON

MAN BITTET UM AUSTAUSCH

A DEFESA NACIONAL

FUNDADA EM 10 DE OUTUBRO DE 1913

Ano
XLIX

Rio de Janeiro, GB — Nov-Dec de 1961

Números
568-569

SUMÁRIO

	Págs.
Editorial	3
Agradecimento	5
O problema comunista e a Segurança Nacional — Gen João Punaro Bley	7
A guerra insurrecional — Ten-Cel Carlos de Meira Mattos	17
Contribuição para o estudo das guerrilhas — Maj J. Guimarães	25
Novo programa do Partido Comunista da URSS e atual orientação do Partido Comunista Brasileiro — Ten-Cel Mário David Andreazza	27
A guerra psicológica — Cap Frederico Kurz	41
Guerras de Carlos XII da Suécia — Princípios de guerra — Cadete José Galvão Diniz	49
Estudo geográfico do Uruguai (cont) — Ten-Cel Darcy Alvares Noll	57
A Estatística a serviço de um problema militar — Maj José Murillo Beurem Ramalho	75
Problemas jurídicos no meio militar — Cap Geraldo Sampaio Vaz de Mello	81

SEÇÃO DO CANDIDATO A ECEME

I — Publicações periódicas sobre assuntos de geografia económica — Maj Germano Seidl Vidal	91
II — Exercícios de inglês — Ten-Cel Celso Meyer	97
Da guerra subversiva à "GUERRA" — TAM (Tradução)	99



A DEFESA NACIONAL com esta encerra as suas publicações do ano de 1961. Acreditamos que, apesar de deficiências que possam ter ocorrido, as finalidades desta Revista foram plenamente atendidas. Vale registrar que nas suas páginas tiveram acolhida as idéias mais modernas, e de maior circulação nos meios militares mais importantes no mundo, referentes à Arte da Guerra. E — é interessante ressaltar — em geral desenvolvidas por militares brasileiros, o que é eloquente testemunho de que não nos faltam elementos estudiosos e dedicados à nossa profissão. Dentro dessa ordem de idéias queremos chamar atenção para a ênfase que na nossa Revista tem recebido o tema da "guerra revolucionária"; isso também porque — forçoso é reconhecer — o BRASIL apresenta no momento condições muito favoráveis à eclosão dessa forma da guerra. A par desse e de outros importantes e valiosos assuntos, *A DEFESA NACIONAL* difundiu idéias e opiniões sobre o estabelecimento de uma Doutrina Militar Brasileira e reorganização das nossas Fôrças Armadas, questões de muita atualidade e que por isso mesmo sem dúvida agradaram os nossos leitores.

Publicação que se destina à divulgação de assuntos de interesse da segurança nacional, não pode esta Revista deixar passar sem registro a data de 27 de novembro. Às novas gerações, aquelas que não viveram os dias trágicos de novembro de 1935, a nossa advertência para que busquem co-

nhecer a verdade antes que o passar dos anos a deturpe. A todos a sugestão para que meditem sobre como uma nação usa uma filosofia para consecução dos seus objetivos imperialistas, os quais persegue há alguns séculos.

Finalizando este editorial queremos expressar nossos agradecimentos àqueles que de qualquer forma ajudaram esta Revista no cumprimento da sua missão em 1961. Assim, aqui nos dirigimos ao Exmo. Sr. Gen Ministro da Guerra, Exmo. Sr. Gen Chefe do EME, Exmo. Sr. Gen Secretário do Ministério da Guerra, e também aos leitores, colaboradores, pessoal da Redação, das oficinas da Imprensa do Exército e do Gabinete Fotocartográfico, e aos anunciantes. A todos êsses o nosso MUITO OBRIGADO, e os votos de BOAS-FESTAS E FELIZ ANO NÔVO que lhes deseja A DEFESA NACIONAL.



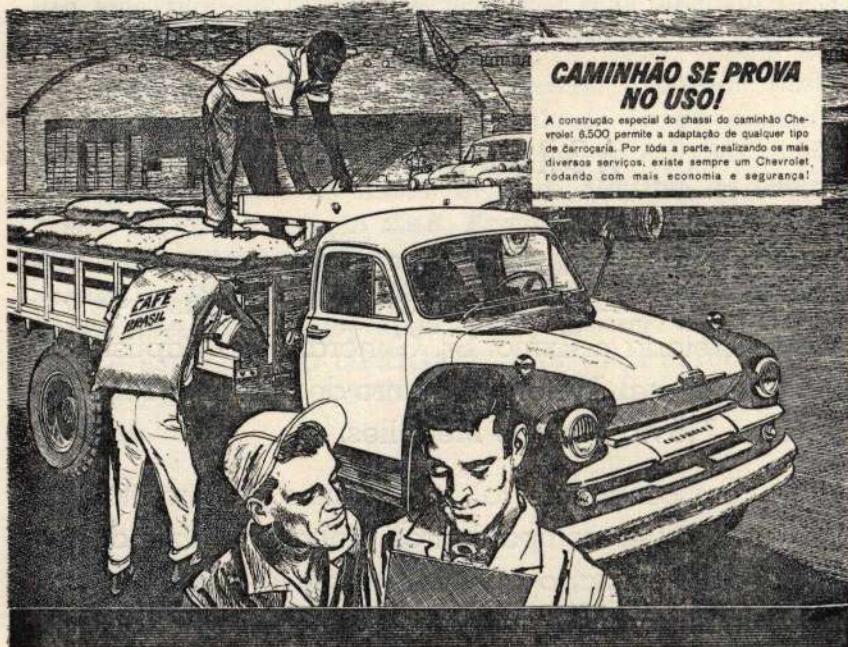
AGRADECIMENTO

Por fôrça de comissões recebidas na carreira que tanto honram e significam tiveram de afastar-se da nossa Diretoria o Exmo. Sr. General João Baptista de Mattos, Coronel Ayrton Salgueiro de Freitas e Tenente-Coronel Flávio Martins Meirelles.

É com pesar que tal registramos pelo muito que êsses brilhantes companheiros vinham realizando em prol desta Revista, o que vale dizer, era feito em benefício das Fôrças Armadas, já que a A DEFESA NACIONAL as objetiva diretamente procurando cada vez mais elevar os seus padrões de cultura intelectual.

Embora designados para absorventes e importantes funções, mercê das suas conhecidas e indiscutíveis qualidades, estamos certos de que o Excelentíssimo Sr. General Mattos, Coronel Ayrton e Tenente-Coronel Meirelles todo apoio continuarão a emprestar a esta Revista onde sempre serão benvindos.

A êsses dignos companheiros, os agradecimentos de A DEFESA NACIONAL, e os votos de felicidades nas missões que receberam e nas suas vidas particulares — que lhes desejam os que aqui ficam esperançosos de bem seguirem seus exemplos em benefício da nossa Revista.



CAMINHÃO SE PROVA NO USO!

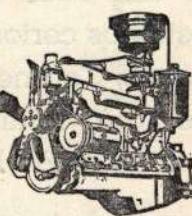
A construção especial do chassi do caminhão Chevrolet 6.500 permite a adaptação de qualquer tipo de carroceria. Por toda a parte, realizando os mais diversos serviços, existe sempre um Chevrolet, rodando com mais economia e segurança!

CHEVROLET

6.500

é dinheiro em caixa!

É fato provado: Chevrolet 6.500 é o caminhão que mais conserva o seu valor! E não é de admirar... porque Chevrolet gasta pouco e desgasta menos ainda proporcionando fretes mais lucrativos! Robusto e seguro, o caminhão Chevrolet 6.500 passa menos tempo na oficina e dá mais anos de serviço! A maioria sape: Chevrolet é o melhor investimento — garante mais lucro no uso e melhor preço na hora de trocar por um novo! • Famoso motor Chevrolet — 6 cilindros! Anos e anos de aperfeiçoamentos produziram este poderoso motor de 142 H.P. — o mais simples, seguro e eficiente que se conheça! Máxima eficiência alcançada em regime médio de operação. O regime de trabalho é mais econômico e reduz o desgaste ao mínimo. O funcionamento é suave e a manutenção muito mais fácil! • Perfeita organização de vendas e assistência técnica — a cargo de mais de 320 concessionários Chevrolet autorizados, distribuídos por todo o Brasil. Onde quer que esteja,



Você sempre encontra um concessionário com completo estoque de peças genuínas e serviço de assistência técnica prestado por mecânicos especializados, treinados na própria GM. • Eixos dianteiro e traseiro ultra-reforçados — Eixo dianteiro para 4.500 lb., com ampla margem para corresponder à capacidade do veículo. Permite perfeito alinhamento das rodas, facilidade de direção e estabilidade máxima. Eixo traseiro para 15.000 lb., interamente flutuante com diferencial de 2 velocidades ou reduzido, com engrenagens hiperboloidais para transmissão de torque mais elevado. 8 velocidades para frente e 2 para trás. • Roda mais sem dar enguiço! Chevrolet passa mais tempo no batente... e menos no estaleiro! • 1.º em vendas no Brasil! Dados oficiais mostram: Chevrolet 6.500 é o caminhão mais vendido e preferido no País. • Aguenta mais o tranco! Em qualquer serviço ou estrada, Chevrolet dá mais lucros e garante vida útil mais longa!

PRODUTO DA GENERAL MOTORS DO BRASIL S.A.

VISITE O SEU CONCESSIONÁRIO CHEVROLET

O PROBLEMA COMUNISTA E A SEGURANÇA NACIONAL

Palestra realizada pelo General-de-Brigada João Punaro Bley, Comandante da ID/4, para os Oficiais e Praças da Guardião Federal de Belo Horizonte.

24 de novembro de 1961.

IN MEMORIAN

"A memória dos reis é fraca, mas a do povo é muito mais ainda".

Esta frase, que li algures, ajusta-se ao dia de hoje, quando, respeitosamente, reverenciamos a memória de companheiros miserável e covardemente assassinados na sinistra madrugada de 27 de novembro de 1935.

Dizemos que se ajusta porque, não fôsse a teimosa vigilância das Fôrças Armadas em avivar os sentimentos cívicos do País, no comovido preito aos que, integrantes de seus quadros, carne de sua carne, tombaram e defendendo-o no cumprimento do dever, estariam de longa data e para sempre esquecidos, na relatividade temporal dos homens, das coisas e das idéias, pranteados, apenas, pelas suas enlutadas famílias. O Tempo, esta esponja cruel que tudo apaga, incumbir-se-ia de jogá-los no ostracismo, no grande naufrágio das coisas despercebidas.

Esta palestra, que nada tem de original, é uma homenagem que lhes prestamos, um preito de gratidão, uma demonstração de que não se sacrificaram em vão.

Outras mãos, prontas para o mesmo gesto heróico e desprendido, levantarão as armas caídas na refrega e as conduzirão vitoriosas, contra os mesmos inimigos de ontem, "inimigos de portas adentro, que nos afrontam e nos atacam dentro da nossa própria casa", com os mesmos propósitos de outrora — o aniquilamento completo e absoluto de tudo aquilo que secularmente aprendemos a amar e a cultivar.

Além de determinação ministerial, é um imperativo de consciência, um dever de chefe para com seus camaradas, notadamente os mais jovens, aqueles que, mais cedo ou mais tarde, terão sobre seus ombros a árdua missão de chefia.

É um alerta para as componentes de um grave problema que está presente, que não pode ser ignorado, problema que poderão ou poderemos vir a enfrentar e, estou certo, absolutamente certo, com a mesma determinação, com o mesmo espírito de sacrifício de que estavam possuídos os saudosos e inesquecíveis camaradas que nobremente, heróicamente, tombaram para sempre, vítimas da violência e da traição.

ESTRATÉGIA GLOBAL

Sejam quais forem os disfarces e os processos, os adeptos do comunismo perseguem invariavelmente os mesmos objetivos, os mesmos fins: a conquista do poder, para exercê-lo despóticamente, pela infiltração de suas idéias, seguida da insurreição ou da guerra revolucionária, "forma suprema da luta de classes", no dizer do próprio LENINE.

Neste propósito a UNIÃO SOVIÉTICA, prestigiada, engrandecida e fortalecida pela vitória dos ALIADOS, na Segunda Guerra Mundial, vem desencadeando, em tôdas as direções, poderosa e tenaz ofensiva, cujo perigo não pode ser substimado.

Baseada na doutrina de ação de CARL MARX — "Não se trata de conhecer o mundo, mas de transformá-lo" — fácil será verificar, pelos acontecimentos que diariamente presenciamos, que, embora apresentando aspectos fragmentários, constitui ação de longa duração e a longo prazo.

Abandonada, aparentemente, a hipótese de uma guerra, pelos perigos e incertezas que possa apresentar, a ação de penetração que a Rússia atualmente exerce é, medularmente, uma guerra política.

Esta guerra, que não mais se processa contra a EUROPA, pelo menos com a intensidade desejada por STALIN, hoje execrado pelos seus comparsas, tem como campo de ação regiões de condições econômicas difíceis, de governos instáveis, regiões que ela considera propícias a condições de sucesso nas suas sinistras intenções.

Assim, a direção do seu esforço se faz sentir:

— NO ORIENTE MÉDIO, pelas suas riquezas petrolíferas e vantagens estratégicas da sua posição geográfica, na hipótese de um conflito.

— NO SUDESTE ASIÁTICO, pela "desbritanização" de antigas colônias, ricas em borracha, estanho e tungstênio.

— NO CONTINENTE AFRICANO, pelos pruridos de independência que animam os seus povos, cujo ódio ao branco é habilmente explorado.

— NA AMÉRICA LATINA, região de grandes desigualdades econômicas, pelas suas vinculações políticas, econômicas e culturais com o OCIDENTE.

Diversificada ao extremo, segundo as circunstâncias e oportunidades, esta ação de penetração de suas idéias, preparatória da insurreição, como adiante veremos, apresenta as seguintes características gerais:

— PLASTICIDADE, ou seja, adaptabilidade a condições locais e possibilidades do momento.

— CONTINUIDADE: demonstração concreta e permanente de ativismo por parte de dirigentes locais.

— FLEXIBILIDADE: diversificação de atividades nos campos político, social e econômico.

Seus fins são os seguintes:

— Isolamento do OCIDENTE CAPITALISTA.

— Posse progressiva de fontes tradicionais de aprovisionamento de matérias-primas básicas.

— Criação de terrenos favoráveis à propagação da ideologia marxista.

— Conquista do poder.

Os meios ao seu serviço, variados, numerosos e poderosos, são:

— NO⁷ DOMÍNIO TÉCNICO: divulgação intensiva do desenvolvimento da sua potência industrial, do crescimento das suas possibilidades, de sua riqueza em técnicos.

— AÇÃO DIPLOMÁTICA: suporte da penetração econômica, comercial e cultural.

— FORMAÇÃO DE TÉCNICOS E BÓLSAS DE ESTUDOS PARA ESTUDANTES DOS PAÍSES SUBDESENVOLVIDOS, cujas elites vêm se mostrando muito mais permeáveis às concepções marxistas do que propriamente o homem comum.

A Rússia, abandonando sua tradicional política de isolamento, além das representações diplomáticas dos países satélites, mantém, atualmente, cerca de 60 embaixadas e legações providas de pessoal numeroso e hábil, elementos de que ela dispõe para informá-la e orientá-la quanto às possibilidades de ação.

A penetração comercial se explica pelas próprias palavras do seu atual dirigente: "Temos interesse no comércio, não por motivos econômicos, mas pelo que ele representa como valor político".

Examinados, embora de relance, os traços marcantes da estratégia global da penetração marxista, passemos, agora, para terreno que particularmente nos interessa, a AMÉRICA LATINA e, consequentemente, o BRASIL.

ESTRATÉGIA PARA A AMÉRICA LATINA

A UNIÃO SOVIÉTICA está convencida de que a grande força dos ESTADOS UNIDOS, e também sua grande fraqueza residem na AMÉRICA LATINA.

Enquanto ela viver no campo de atração daquele país, outras regiões subdesenvolvidas do mundo sofrerão do mesmo fenômeno.

Se, ao contrário, um cisma político separar as AMÉRICAS, como ocorre atualmente com CUBA, o OCIDENTE sofrerá surpreendentes defecções, uma vigorosa afirmação de neutralismo, altamente conveniente aos seus propósitos de conquista e domínio.

Nestas condições, em batalhas sucessivas, ela busca a ruptura da unidade hemisférica, o enfraquecimento político, o desequilíbrio econômico deste vasto mundo instável que vai da TERRA DO FOGO até o RIO GRANDE DO MÉXICO.

Este trabalho de destruição do espírito do OCIDENTE, da sua moral, das suas idéias capitais, dos seus valores históricos, trabalho tenaz e permanente, que sofre constante revisão, não mais leva em conta, fundamentalmente, a doutrina comunista em si mesma, mas oportunidades; não mais os princípios, mas as experiências do êxito ou do fracasso das

campanhas anteriores, notadamente o das intentonas isoladas, levadas a efeito no BRASIL, em 1935, e em BOGOTÁ, em 1948, consideradas pelos maiorais do comunismo como "desvios da esquerda".

Dentro desta concepção oportunista, vivaz e solerte, o comunismo, entre nós, dedica-se concentradamente à exploração de domínios que se confundem com as aspirações nacionais e ambições pessoais, sempre presentes em todos os momentos da vida nacional.

Para os descontentes, os frustrados, acena com o esplendor da "soi-disant" revolução igualitária; para os que desejam subir espetacularmente na política, o apoio das frentes ou das ligas populares, onde há sempre oportunidades, para cada militante, de se tornar um, líder ou um caudilho, para o homem rural, a posse da terra que não é sua e que precariamente cultiva; para as classes trabalhadoras e funcionários, a rápida elevação do padrão de vida, através de intermináveis e sucessivas campanhas pró aumento salarial; para o orgulho nacional, os movimentos de libertação, pelo combate sistemático ao capital estrangeiro, dito colonizador; para a mocidade estudantil, tão impressionável nas suas aptidões de percepção e de inteligência, as monumentais demonstrações dos festivais da juventude, meticulosamente organizadas pela UNIÃO INTERNACIONAL DE ESTUDANTES e pela FEDERAÇÃO MUNDIAL DA JUVENTUDE DEMOCRÁTICA, além de bolsas de estudos; para as elites, as espetaculares realizações dos seus cientistas, notadamente no campo espacial, a constatação visual do seu progresso e dos governos socialistas associados; para as ânsias do progresso a rápida industrialização, mesmo com a desorganização de outras atividades econômicas; para as almas simples, o eterno problema da paz, da coexistência pacífica, do espírito de GENEbra; para as massas, finalmente, o rancor contra a desigualdade econômica, infelizmente existente.

Dêsse modo, a penetração ideológica não é mais procurada, como outrora, pela conquista global da massa operária urbana, melhor amparada e mais esclarecida, mas pela conquista de adeptos nos meios intelectuais e artísticos; na vida universitária; nas organizações estudantis; no funcionalismo; nos sindicatos, onde sempre existem elementos conchecedores da legislação trabalhista, homens que sabem em que portas devem bater, para as agitações de classes; nos setores mais ingênuos, ambiciosos ou oportunistas da classe média; no meio rural, precariamente amparado e, finalmente, nas alas esquerdas dos partidos políticos com tendências esquerdistas.

Procurando demonstrar que todos os males decorrem do capitalismo — citando o capital estrangeiro sistemáticamente em primeiro lugar — seus porta-vozes têm-se empenhado no sentido de adormecer a opinião pública, afirmindo que o principal não é o combate sistemático e direto ao comunismo, de pouca expressão em um país reconhecidamente católico; que o melhor meio de combatê-lo reside na rápida melhoria das condições de vida das massas assalariadas, não pela produtividade, mas pelo aumento da pressão inflacionária. É que sabem que, quanto maior ela fôr, maiores serão as desigualdades econômicas; quanto maiores forem

os recursos governamentais empenhados em atender reivindicações salariais, menores serão as possibilidades de atender as necessidades básicas do povo e, com isso, maiores serão as oportunidades de eclosões de desordens sociais, propiciadoras da insurreição armada.

A miséria, o descontentamento, o amargor, a frustração nacional, a elevação incompatível do custo de vida, a desordem financeira, a desordem econômica, a desvalorização da moeda, o círculo vicioso dos males nacionais, propiciarão, então, excelente caldo de cultura para a conquista de novos adeptos, além de levar o povo a descrever da democracia, como forma de governo capaz de enfrentar e resolver os graves problemas nacionais pendentes de solução.

Numa mescla de doutrina e de corrupção, de exploração da piedade e da compaixão pelas dificuldades dos menos favorecidos, procuram por todos os meios, implantar e sistematizar a desordem em todos os setores da vida nacional e, assim, criar condições de êxito e oportunidades que lhes permitam empolgar o poder para exercê-lo despóticamente.

A prova evidente dos seus propósitos, encontramo-la neste amor repentino e suspeito pelo homem do campo, na verdade digno de melhor amparo. Acenam-lhe com a posse da terra que não é sua; incutem-lhe falsamente que o latifúndio é um MAL e que o minifúndio é um BEM; que a divisão pura e simples da terra produzirá toda sorte de milagres.

Omitem-lhe, porém, que tudo que prometem não passa de uma grande mistificação, pois sabem que na Rússia e nos países por ela dominados não há propriedade territorial privada, que o Estado é o dono da terra. Que assim sendo, a posse da terra que ele conseguir, à custa da propriedade alheia, terá caráter efêmero pois voltará para o domínio do Estado, no dia da vitória dos seus ideais, quando será trabalhada sob o regime das chamadas granjas coletivas, os KOLKOZS e SOVKHOZS. Não lhe dizem que nelas terão que trabalhar obrigatoriamente, como no tempo da escravatura, sem qualquer opção, como está acontecendo na ALEMANHA ORIENTAL, onde os "lavradores que se retiram das fazendas coletivas do Estado, para tentar arrancar o sustento de um pequeno trato de terra, foram condenados até cinco anos de cárcere" (CORREIO DA MANHÃ de 15 do corrente).

Fingem ignorar o que se passou na Rússia, quando da expropriação da terra e da sua divisão, segundo testemunho insuspeito de um dos seus economistas (SERGE GASCHKEL), que afirma no seu livro *LES MECANISME DES FINANCES SOVIETIQUES*: "As autoridades públicas fizeram um estudo aprofundado da questão. Era urgente achar uma solução para a crise e concluíram que a causa residia na própria economia rural, notadamente, na existência do minifúndio. Enquanto as terras permanecessem extremamente divididas em 25 milhões de estabelecimentos, não se poderia esperar nenhuma melhoria da produção. Para elevar o nível da produção agrícola era preciso começar pela concentração da terra. E foi o que fizeram, com as grandes explorações agrícolas coletivas, chamadas KOLKOZS e SOVKHOZS".

Impossível negar o ativismo desta fase que estamos vivendo, sua profundidade, a influência e a atração que exerce, a ação desagregadora que está promovendo, justamente quando estamos procurando sair, a duras penas, do primitivismo geográfico e geopolítico para os amplos horizontes da civilização industrial.

Negá-lo é negar a luz do Sol.

A INSURREIÇÃO OU A GUERRA REVOLUCIONÁRIA

A teoria da insurreição, como "forma suprema de ação revolucionária", vem sendo cuidadosamente estudada e constantemente revista por especialistas militares russos e chineses.

Ainda recentemente, o Ministério da Guerra da Rússia fez editar mais uma publicação, *OS PROBLEMAS DA INSURREIÇÃO*, da qual nos vamos valer para transcrição de alguns trechos mais significativos:

"A necessidade absoluta e o caráter inelutável da aplicação desta forma de ação revolucionária, numa determinada fase do desenvolvimento da luta de classes, de determinado povo, decorre diretamente de tóda concepção da vida social, do papel do Estado como instrumento de dominação das classes e da concepção da ditadura do proletariado."

"A negação da sua necessidade, da luta armada contra as classes dominantes, conduziria, inevitavelmente, à negação da luta de classes, à negação da própria ditadura do proletariado e da revolução."

"Seria uma deformação do marxismo na sua essência. Ela não é um ato isolado, sem ligação com outros movimentos. Preparada por lutas anteriores, é uma continuidade orgânica da luta de classes.

"Qualquer tentativa do partido comunista local pró aumento salarial, redução de horas de trabalho, luta contra a guerra, contrá a racionalização capitalista da produção, etc., deverá ser dirigida tendo em vista a mobilização das massas para a insurreição, forma suprema da luta de classes."

"Nossa época é a época das guerra imperialistas, das revoluções proletárias. Esta última é uma guerra. É a tomada do poder, que se arranca das mãos das classes dominantes pelas armas. É a forma suprema e fundamental da revolução proletária."

Como prepará-la, segundo a mesma fonte:

"Uma das tarefas fundamentais e primordiais, independentemente da situação política, é o problema da decomposição das FÔRÇAS ARMADAS e das POLÍCIAS DO ESTADO BURGUÊS."

"Se elas, bem instruídas, dotadas de meios modernos de repressão, comandadas e servidas por excelente corpo de oficiais, se baterem contra a revolução, esta será reduzida a nada, mesmo que tenha condições de sucesso em outros setores."

"Embora realizando trabalho político, completo e eficiente, no período que preceder a eclosão da insurreição, o partido jamais contará

com a decomposição integral daquelas FÔRÇAS para conquistá-las para a revolução ou para neutralizá-las completamente. Determinados grupos ou unidades bater-se-ão contra ela."

"Assim sendo, sua decomposição, sua "liquidação", sua destruição só será possível pela luta física implacável. Acreditar no contrário será alimentar ilusões desprezíveis."

Exemplo típico de decomposição, de decomposição pela morte, é a proclamação que TIMOSCHENCO dirigiu aos soldados poloneses, em setembro de 1939:

"Soldados!

Nestes últimos dias o Exército Polonês foi definitivamente destruído. Os soldados das cidades de TANNOPOLE, GALICZ, ROWNO e DULNO, em número superior a 60.000 homens, acabam de passar, voluntariamente, para o nosso lado. O que vos resta? Porque lutais? Porque arriscais vossas vidas? Vossa resistência é inútil. Vossos oficiais vos conduzem a um massacre insensato. Vos odeiam e as vossas famílias. Eles fuzilaram os delegados que enviastes com propostas de rendição. Não acrediteis em vossos oficiais. São vossos inimigos. Querem a vossa morte.

"Soldados!

Matai os vossos oficiais e generais!

Desobedecei suas ordens. Expulsai-os de vossas terras. Passai, sem temor, para o nosso lado, para o lado dos vossos irmãos do EXÉRCITO VERMELHO, onde encontrareis estima e cuidados.

Lembrai-vos, que só o EXÉRCITO VERMELHO salvará o povo polonês desta guerra infeliz e, assim, tereis oportunidade de recomeçar vossa vida do tempo de paz.

Acreditaí-nos. O EXÉRCITO VERMELHO DA UNIÃO SOVIÉTICA é o vosso único amigo."

Este procedimento de um chefe militar, apelando para os mais baixos instintos do homem de tropa, é uma mostra eloquente da atmosfera moral da doutrina comunista da insurreição.

E porque esta atenção especial para a decomposição dos elementos de segurança do ESTADO?

É que êles, fátóres da decisão, como reconhecem, recrutando elementos em todas as camadas sociais da nacionalidade — por isso mesmo, em contato direto com o povo — estão em permanente dilema: conservarem-se como guardiões dos valores tradicionais do país ou se tornarem na fonte, mesma, da insurreição.

Não é outro pensamento dos teóricos comunistas da insurreição, quando afirmam:

"Eclosa a insurreição, as FÔRÇAS ARMADAS e POLÍCIAS DO ESTADO BURGUÊS oscilarão entre a revolução e a contra-revolução."

"A intensidade desta oscilação irá depender, em última análise, da qualidade, da intensidade do trabalho que fôr realizado nas suas fileiras,

muito antes da criação da situação revolucionária que o partido comunista local tiver em vista."

"Nestas condições, o trabalho que ele deve empreender, para decompô-las, assume importância excepcional."

Ao encerrarmos estas considerações sobre a doutrina e a técnica da insurreição, não tenhamos ilusões.

O caminho que os comunistas desesperadamente procuram para execução dos seus planos sinistros é o da desunião, da desmoralização, da divisão das FÔRÇAS ARMADAS e POLÍCIAS, caminho que deve ser intransigentemente barrado.

ENTRE A LIBERDADE E A SERVIDÃO

Vivemos atormentados pela incerteza do amanhã, hora grave e perturbada.

Num mundo bipolarizado por concepções políticas, econômicas e filosóficas inconciliáveis, vemos, de um lado, um regime alicerçado no conceito materialista da vida, absorvente e rígido, dirigido pelo medo e por uma oligarquia fechada, que só vê diante de si duas possibilidades: sua conquista ou sua destruição total, num catastrófico ajuste final.

Do outro, um grupo de nações livres, tendo como fundamento comum a democracia. Grupo que aspira a uma paz garantida pelo direito, oferecendo como bases superiores e essenciais de ação política a colaboração, a confiança mútua, o respeito à palavra dada, a integridade da pessoa humana, num esforço perseverante para que o mundo possa ser uma realidade melhor do que o estado meramente policial dê inspiração totalitária.

Colocados deste lado, pela força incoercível de nossas aspirações; nascidos e formados sob o signo da CRUZ, somos, reconhecidamente, um povo pacífico, sem pretensões de hegemonia ou veleidades imperialistas, desejosos de viver em harmonia com todos os povos.

Contudo, olhando do alto um panorama, uma conjuntura nacional, que certamente não convida ao repouso contemplativo e desprevenido, força é convir que entre o BEM e o MAL, entre o SIM e o NÃO, entre o SER ou NÃO SER, entre a LIBERDADE DEMOCRÁTICA e a SERVIDÃO HUMANA, entre a RELIGIÃO e o MATERIALISMO, apátrida, sanguinário e anticristão, não há, não poderá haver indecisões. A não ser que, por um comodismo deliberado ou por uma indiferença calculada, queiramos assistir à dissolução e à profanação dos nossos lares, ao aniquilamento do patrimônio espiritual e material herdado pelos nossos maiores, à destruição do próprio futuro dos nossos filhos.

UNIÃO DE FÔRÇAS E IDÉIAS

Até agora, exceto breves períodos de mobilização da opinião pública, povo que somos de mais entusiasmo que perseverança, as investidas,

os ataques contra o edifício político-social construído pelos nossos maiores foram invariavelmente contidos pelas FÔRÇAS ARMADAS, como do seu dever.

Mas, esta luta, esta vigília de todos os dias, de tôdas as horas, não pode continuar a ser missão exclusiva da fôrça, que não basta para persuadir, prevenir e evitar.

O espírito, o pensamento, as idéias-fôrças, enfim, quando movimentadas, orientadas e disciplinadas, mais poderosas do que a própria fôrça sempre representaram papel fundamental na formação, evolução, manutenção e preservação da sociedade.

Contudo, idéias e opiniões não nascem na alma do povo por geração espontânea. Mister se faz dinamizar e mobilizar as fôrças espirituais que, embora latentes na nacionalidade, são dispersas e descoordenadas. Necessário é colocá-las em ação, convenientemente dirigi-las, na afirmação de uma democracia que viva principalmente de virtudes e de fé, de justiça e de civismo, de abnegação e de sacrifícios, de consciência e de deveres.

Uma democracia dinâmica que, sem demagogia ou intuições eleitoreiros, resolva, sem mais demora, os problemas angustiantes e básicos da nacionalidade; que erradique, de uma vez por tôdas, a moléstia, a ignorância e a miséria existentes em largos tratos do solo pátrio. Uma democracia vigilante que reprema os impulsos daqueles que querem a sua destruição.

Porque, afinal, democracia, como fôrça de integração social, é luta, é combate. Ela tem o direito e o dever de opor uma barreira a tôdas as desordens contrárias às instituições basilares da sociedade, à sua natureza e aos seus fins.

"Quanto ela se esquia de distinguir o bem do mal, o justo do injusto, pretende ser neutra entre a ordem e a desordem e se dispõe a reconhecer, como legítimo, tanto o uso como o abuso da liberdade; quando cede perante pressões ilegítimas, permite desenvolver movimentos emocionais de massas desvairadas pelas paixões; deixa desafiar impunemente a sua autoridade por aventureiros e ambiciosos, é fatal avolumarem-se, como ondas alterosas, as reivindicações, as queixas, as exigências injustificadas, as ambições desmedidas propiciadoras das agitações sociais."

Os encapuzados, acomodatícios, os colaboradores por interesse ou por complacência, os "PÔNCIOS PILATOS", os que só cuidam da própria tranqüilidade e evitam todo esforço ou sacrifícios, que se compenetrem de que todo homem tem para com o País uma dívida de esforço: de que ninguém pode furtar-se, impunemente, aos encargos de cidadãos e alheiar-se aos destinos da Pátria comum.

Saibam que nada adiantará disfarçar duplidade com ponderação, indolência na ação com prudência, fraqueza com bondade e, não raro, tolerância com complacência.

Que se lembrem que "cada um pode resolver e combinar, segundo sua fantasia, os grãos de areia da praia, mas, na hora da maré cheia ninguém a avança ou a retarda".

PELO BRASIL SOBERANO E LIVRE

Meus camaradas!

Conta-se que o Rei da Prússia, FREDERICO GUILHERME, quando visitava escolas, formulava, invariavelmente, a seguinte pergunta: "Quem Somos?" E, qualquer que fosse a resposta, replicava sempre: "Somos escravos, filhos de escravos e permaneceremos sempre assim, se não trabalharmos"

Que seremos? Perguntamos agora.

Seremos escravos e escravos serão os nossos filhos e netos, se nesta luta sem quartel pela nossa sobrevivência, se nesta encruzilhada de decisões não escolhermos resolutamente o nosso caminho. Sim, infelizmente, seremos prêsa fácil dêsse inimigo que não veste uniforme, que não fala a língua do adversário, mas que está dentro da nossa própria casa; dêsse inimigo que trama na sombra o rompimento violento das nossas origens étnicas, religiosas, culturais e sentimentais e dêste estilo de vida, que representa para nós razão de existência, se, coesos e irmados por um só ideal, não o enfrentarmos com destemor, antes que seja demasiadamente tarde.

E este caminho só poderá ser o da manutenção e preservação de uma Pátria, democrática, livre, una e indivisível, Pátria que nunca conheceu e jamais conhecerá a opressão, a conquista e a tirania; um BRASIL soberano, inconquistável, insubmisso à "liquefação asiática", nosso, inteiramente nosso. A chama de patriotismo, que iluminou os corações dos que tombaram na sinistra e sangrenta madrugada de 27 de novembro de 1935, é a mesma que nos ilumina, nos une e nos conduz.

Coopere com a A DEFESA NACIONAL, enviando-nos sua colaboração e sugestões.

A DEFESA NACIONAL pode atender seu pedido de números atrasados. Solicite-nos.

Coopere com A DEFESA NACIONAL, ampliando o número de seus assinantes.

A GUERRA INSURRECIONAL

"UMA GUERRA ABSTRATA CONTRA UM INIMIGO INVISÍVEL"

Ten-Cel CARLOS DE MEIRA MATTOS
Oficial de EM

GENERALIDADES

A Guerra insurrecional ou Guerra Revolucionária (*), como a chama Mao Tse Tung, é uma forma nova de agressão político-militar que vem sendo largamente empregada pelo comunismo internacional, comandado por Moscou, desde o final da Segunda Guerra Mundial.

Alguns escritores militares norte-americanos, como Raymond Garthoff, e britânicos, como Lidell Hart, têm procurado pesquisar o pensamento militar soviético numa tentativa de encontrar a sua verdadeira vocação doutrinária, se para a guerra direta ou para a guerra indireta. Militam a favor da tendência para a guerra direta as preocupações dos dirigentes russos de dotar o Estado Soviético de uma poderosa e moderna máquina bélica, nuclear e convencional, destas que só terão o seu emprêgo justificado em conflitos militares clássicos, em que a decisão será procurada através de batalhas de grandes proporções. Mas, ao lado dessa "corrida armamentista", verificam os observadores que, nestes últimos anos, a União Soviética tem obtido as suas mais expressivas vitórias político-militares através de um tipo de guerra indireta, a guerra fria, na qual as armas de grande poder de destruição e as grandes unidades militares não têm emprêgo.

Comparando-se e pesando-se essas duas influências, para a guerra direta e para a guerra indireta, chega-se à seguinte conclusão: — as Fôrças Armadas Soviéticas parecem ter a preocupação de se manterem

(*) Preferimos, para adjetivação dessa forma de guerra, a palavra insurrecional ao invés da revolucionária, apesar desta última ser mais expressiva. Isto por uma razão psicológica — estamos, nós, do Exército regular, muito mais próximos de ter que repelir uma guerra desse tipo, do que fazê-la.

Se dermos aos nossos adversários o nome de revolucionários estaremos emprestando, a nós mesmos, a designação de contra-revolucionários e, assim, dialéticamente, começaremos a perder antes de combater. Desenvolvendo-se esse tipo de Guerra num quadro de luta psicológica, ninguém pode desprezar a força dos "slogans", dos estereótipos, das palavras pré-fabricadas, enfim dos produtos do "laboratório" dialético que já foi o grande aliado do nazismo e hoje serve eficazmente ao comunismo.

aptas para a guerra direta, ao mesmo tempo em que, na periferia de seu território, desenvolvem em alto grau as condições para a execução da guerra indireta. Então, esta última é uma "guerra de exportação".

Assim, o que parecia contradição, compõe-se numa perfeita harmonização de interesses e conjugação de esforços visando a alcançar os objetivos da política soviética.

O Chefe militar e filósofo chinês Mao Tse Tung foi quem encontrou melhor explicação para a combinação dessas duas influências no quadro da estratégia soviética. Eis o seu conceito: "Em nossa guerra, o povo armado e a pequena guerra de guerrilhas, de uma parte, e o Exército Vermelho como a força principal de outro lado são como os braços de um homem. O Exército Vermelho, força principal, sem o apoio da população em armas e das guerrilhas, será um guerreiro aleijado".

Já o analista militar norte-americano Raymond Garthoff, no seu livro *Doutrina Militar Soviética*, diz: "A guerra não é o objetivo da estratégia soviética; os soviéticos preferem chegar aos seus objetivos por meios pacíficos — forçando o apaziguamento do adversário. Essa consideração tem lugar destacado na estratégia soviética e se assenta na estimativa de suas possibilidades na determinação do risco menor. Assim, o Exército Soviético é empregado, via de regra, sómente quando outros processos de menor risco não são considerados possíveis ou falharam".

Os processos de "menor risco" de que trata Garthoff são os de guerra indireta, da guerra fria.

O Coronel Suire, do Exército Francês, num estudo publicado na revista "L'Armée", afirma que a guerra indireta sempre foi a predileção dos orientais, enquanto os ocidentais só a utilizam quando forçados pelas circunstâncias. Os ocidentais, diz o autor francês, reprovam os processos de guerra indireta considerando-os uma infração das regras leais da guerra. Já os gregos a consideravam "indigna e repugnante".

Considerando os pontos de vista levantados por tantos estudiosos militares, e sobretudo observando a estratégia político-militar utilizada ininterruptamente pela União Soviética nestes últimos anos — a estratégia da guerra fria — nós somos levados a concluir que os soviéticos, por temperamento, por convicção e por cálculo, preferem os métodos de guerra indireta. Aliás, vêm eles obtendo estupendos êxitos por esse caminho, pois em 15 anos conquistaram "mansamente" toda a Europa Oriental, a China e grande parte do Continente Asiático e conseguiram se infiltrar perigosamente, criando zonas de influência na África e na América.

A GUERRA FRIA

O processo de guerra indireta comunista, que vem sendo executado no planeta desde o final da Segunda Guerra Mundial, é conhecido pelo nome de *Guerra Fria*.

O que é a guerra fria?

E uma forma indireta e revolucionária de guerra. Visa derrotar o inimigo antes que êle possa empenhar-se em ações militares de envergadura, destruindo-lhe a vontade de lutar.

Quais as suas armas principais?

A exacerbação dos espíritos, a mistificação, a exploração das fraquezas e complexos, a desconfiança, a intimidação, o terror.

Quais as suas componentes?

A guerra psicológica e a guerra insurrecional ou revolucionária. A primeira, orientada pelos "laboratórios de ação psicológica de Moscou", tem por fim violentar as mentes e as convicções, numa manobra de rompimento espiritual com o passado, colocando, assim, os cérebros já "lavados" a serviço do imperialismo comunista. O objetivo da guerra psicológica, que sempre precede à guerra revolucionária e depois a acompanha inseparavelmente, é proceder a uma verdadeira "lavagem de cérebro" coletiva, obrigando os indivíduos visados a esquecer os seus valores morais, éticos e culturais e a incorporar a nova ideologia, com sua doutrina e dialética. A guerra psicológica, assim, busca uma ruptura mental e espiritual com o passado e a "fertilização" dos espíritos para receber com fanatismo a ideologia vermelha.

O principal instrumento da guerra psicológica é a propaganda. Esta deve utilizar todos os meios de divulgação ao seu alcance, desde a intriga "à bôca pequena" até os mais modernos recursos da imprensa (publicações, rádio e televisão), para distorcer os fatos, corromper as convicções e enfraquecer a resistência dos adversários.

Quando a ação psicológica já realizou parte de sua tarefa, criando na coletividade uma minoria de fanáticos dispostos à luta física, começa a guerra insurrecional.

A GUERRA INSURRECIONAL

Fazendo uma recapitação didática, diremos que a Guerra Insurrecional, com a sua compaixão inseparável, a Guerra Psicológica, são as duas componentes da Guerra Fria.

Vários autores nacionais e estrangeiros já tentaram definir a guerra insurrecional e chegaram à conclusão de que se trata de tarefa difícil. Esse processo de luta manhoso, fluido, solerte, evasivo, escapa a uma definição da mesma maneira que se esconde na ação.

Tentaremos, então, apenas, conceituar o que entendemos por guerra insurrecional: é uma forma revolucionária de luta que busca, numa primeira fase, destruir a vontade de lutar de uma coletividade (pelo terrorismo, intimidações, sabotagens, guerrilhas, sempre aliados à propaganda) e numa segunda fase intenta transformar os vencidos em seus adeptos fanáticos. A Guerra Insurrecional, nestes últimos 15 anos, tem sido desencadeada, na maioria das vezes, sob a orientação de Moscou ou Pequim, e em benefício da revolução comunista mundial. Neste caso estão a Re-

volução Chinesa, as Insurreições na Grécia, Indochina, Malásia, Indonésia e Congo. As insurreições marroquina, tunisina e argelina, embora utilizando os processos ensinados por Moscou e Pequim, e estimulados pelos comunistas, não se dobraram aos interesses da Revolução Vermelha. A Guerra da Coréia pode ser considerada como uma guerra limitada convencional, pois ali predominaram os processos de guerra clássica.

ESTRATÉGIA DA GUERRA INSURRECIONAL

Na maioria das regiões, onde tem sido desencadeada, a Guerra Insurrecional tem estado a serviço dos interesses soviéticos. Ninguém de bom senso ignora, hoje em dia, que a União Soviética desenvolve uma política de grande potência. Disputa com as potências ocidentais o controle de áreas estratégicas. A dinâmica da política russa é o domínio mundial. Para alcançar esse objetivo usa como principal arma de infiltração a ideologia comunista. O Estado Soviético não é comunista, está muito longe da sociedade ideal sonhada por Karl Marx, transformou-se numa fria ditadura de altos burocratas que usa a força atrativa da ideologia vermelha para trazer para a sua órbita de poder os povos insatisfeitos da Terra.

Mao Tse Tung, que se apresenta hoje como o maior teórico da guerra insurrecional, apoiado na enorme experiência que lhe forneceu a Revolução Chinesa, diz textualmente no seu livro "Estratégia da Guerra Revolucionária na China" — "Somos contra as campanhas longas e a estratégia de decisão rápida, porque preferimos uma estratégia de guerra longa e campanhas de decisão rápida". E, mais adiante, "a nossa guerra é a estratégia de 10 contra 1 e a tática de 1 contra 10". Assim, provocando preocupações em uma área estratégica 10 vezes maior, o guerrilheiro, no campo tático, vale por 10.

Esses pensamentos do líder chinês não encerram nenhum contrassenso, como uma apreciação superficial poderia indicar, muito ao contrário, casam-se perfeitamente ao caráter propagandístico-ideológico dessa forma de guerra. A conquista da opinião pública, a conquista das mentes, na área ou país envolvido, é sempre um processo lento. Por outro lado, a ação militar revolucionária trava-se, normalmente, contra forças regulares material e tecnicamente mais poderosas e, nessas condições, somente os golpes rápidos e de surpresa poderão propiciar vantagens aos guerrilheiros.

Concluímos, assim, que à guerra insurrecional, muitas vezes, interessa uma estratégia a longo prazo, à espera dos efeitos psicológicos intencionados, entremeada de ações táticas rápidas e violentas.

O conteúdo da estratégia insurrecional é sempre muito mais político do que militar. Seu objetivo supremo é a conquista do poder político, nisso ela não difere da estratégia de guerra clássica, entretanto, nunca procura chegar a esse objetivo através de grandes e decisivas batalhas militares. Seu campo de batalha principal são as vontades, as mentes. Atua sobre as vontades, primeiramente visando tirar-lhes a capacidade

de lutar em defesa de suas convicções, neutralizando essas convicções, pelas pressões, ameaças, terror, em seguida, substituindo-as por uma nova ideologia. Age, assim, sobre as mentes em dois estágios — um destrutivo (neutralização ideológica, lavagem de cérebro) e outro construtivo (formação do militante da nova ideologia).

A estratégia e a tática da guerra insurrecional se interpenetram e se confundem sobre vários aspectos, tornando difícil uma separação.

Faremos, no entanto, uma tentativa de apresentar os *princípios estratégicos básicos da guerra insurrecional*. Alinhemos os seguintes:

Princípios estratégicos e gerais:

- Sua finalidade é o domínio do poder político.
- Seu objetivo principal é a conquista das massas.
- Sua arma mais eficaz é a ideologia comunista.
- A unidade de comando estratégico é uma das suas principais características; trata-se de uma estratégia global sob comando único (conceito leninista sobre a revolução marxista mundial).
- As massas das regiões subdesenvolvidas oferecem objetivos psicológicos mais vulneráveis à pregação revolucionária.
- Cada área visada (teatro) exigirá uma complementação da estratégia global, tendo em vista a exploração das contradições locais.

Em que pese a interação dos fatores políticos e militares no âmbito das operações de guerra insurrecional, procuramos destacar alguns princípios estratégicos nitidamente militares, entre os apresentados por Mao Tse Tung na obra já citada.

PRINCÍPIOS ESTRATÉGICOS MILITARES

— “Se bem que sejamos sempre atraídos pelo gôsto das operações ofensivas, o que mais nos convém, no quadro militar, é a defensiva estratégica alimentada por freqüentes e violentos golpes de uma tática agressiva”. Podemos nós resumir esse conceito, em nossa linguagem doutrinária, como uma acentuada preferência” pela permanente ofensiva tática no quadro de uma defensiva estratégica”; essa defensiva estratégica na área conflagrada é, de resto, a atitude que mais se ajusta aos objetivos da estratégia política a que já nos referimos, “de deixar amadurecer o fruto (a opinião pública) para depois colhê-lo sem esforço maior”.

— “Preferimos a guerra de manobra e de aniquilamento (terra arrasada), servida por uma tática de decisão rápida.”

Equivale a dizer da opção revolucionária, no quadro estratégico militar, pelo incentivo de uma variada e incansável combinação da guerrilha e do terrorismo. A primeira aparece de surpresa, destrói ao máximo e desaparece, enquanto o segundo seqüestra, assassina na calada da noite, destrói pontes, obras de arte, pontos críticos de comunicações e energia, incendeia colheitas, plantações e depósitos.

— “Preferimos as guerrilhas às organizações pesadas e lerdas.”

— "Somos contrários aos *fronts* definidos e à guerra de posição, porque preferimos os *fronts* flutuantes e a guerra de movimentos (manobras)."

— "Somos contra a retirada do inimigo, porque somos partidários da guerra de aniquilamento."

— "Somos contra as colunas errantes, porque consideramos as fôrças revolucionárias como um organismo de propaganda popular e um fator de organização de um poder popular local."

— "Somos contra as instalações logísticas importantes porque preferimos as retaguardas leves."

Passemos, agora, à aplicação, ao campo da tática.

A TÁTICA DA GUERRA INSURRECIONAL

Apresentaremos, em seguida, alguns postulados principais da tática revolucionária. Combatendo sempre contra fôrças regulares muito mais poderosas, as guerrilhas não podem jamais enfrentá-las em campo aberto e em operações clássicas.

Os guerrilheiros têm que saber usar uma tática de astúcia e de fintas. Evitam engajar-se em combate. Golpeiam de surpresa, com violência, e desaparecem.

Uma das principais características do combate das guerrilhas é a fluidez, é a capacidade de atacar sem se aferrar e sumir. A conquista tática do terreno não interessa, o que interessa é manter a inquietação permanente na área, até a conquista da população (pela fadiga, pela intimidação, pelo terror). Conquistada a população para a causa revolucionária, estará dominada a região ou país.

Mao Tse Tung, na sua obra já citada, oferece-nos inúmeros conceitos sobre a tática insurrecional.

Vejamos os principais:

"Se o inimigo avança, nós nos retiramos;

Se o inimigo se entrincheira, nós o inquietamos;

Se o inimigo está esgotado, nós o atacamos;

Se o inimigo se retira, nós o perseguimos."

Buscando ensinamento em outra fonte de experiência; podemos reproduzir aqui alguns tópicos das instruções baixadas pelo Comando Militar das Fôrças Revolucionárias do Vietnam do Norte para as suas guerrilhas:

"Combater sempre com inteligência (tática de ardil, escaramuças e emboscadas).

Procurar, infatigavelmente, conservar a liberdade de movimentos.

Estimular no guerrilheiro a vontade de atacar (atacar sempre, no avanço, na retirada, nas linhas de combate ou nas retaguardas).

Manter o espírito de resolução (não tardar, não hesitar, não vacilar).

Saber guardar o segredo.

Agir sempre com rapidez, fazer da rapidez o elemento essencial da surpresa).

Fazer a guerra do extermínio total (impôr o terror nas fileiras inimigas e na população não colaboracionista.)

Recorrendo-se ao manancial da experiência francesa encontraremos, também, proveitosas lições. Os franceses, como se sabe, suportaram neste após-guerra as seguintes operações insurrecionais: na Indochina durante 10 anos, na Tunísia e no Marrocos, e na Argélia já há 7 anos. Podemos dizer que a experiência gaulesa foi intensamente aplicada no sentido de criar uma doutrina antiinsurreccional daí extraíndo os processos de combate contra os guerrilheiros.

Devemos à "verve" de um General francês esta extraordinária conceituação da guerra insurreccional: "É uma guerra abstrata contra um inimigo invisível". Realmente, esse inimigo invisível vem obrigando a França a manter na Argélia um efetivo de 500.000 homens de forças regulares, com pesados ônus financeiros e estratégicos, não só para a França, mas também para a OTAN, onde os efetivos franceses no sistema defensivo europeu estão reduzidos em face de seus problemas na África do Norte.

Analizando-se a tática da guerra insurreccional nos seus aspectos tão variados e desconcertantes chegamos nós às seguintes conclusões:

- é uma tática de fintas;
- todo seu êxito reside na surpresa;
- não se ajusta a um quadro operacional clássicamente ofensivo ou defensivo, mas ataca e defende alternativamente por meio de ações rápidas e momentaneamente decisivas, no interior da área contaminada (daí a outra denominação em voga, de guerra de superfície);
- o êxito tático é obtido através da freqüência das ações violentas (de vaivéns) conduzidas, pelas guerrilhas, que deve corresponder sempre a um maior estímulo à desobediência e às adesões da população civil da área;
- seu objetivo é conquistado quando a adesão em massa da população civil da área conflagrada torna impossível o exercício da autoridade legal na mesma.

Nos seus últimos estágios a guerra insurrecional possibilita a criação de um governo revolucionário local (e isto aconteceu na China e Indochina) e este procura obter seu reconhecimento legal de parte de governos exteriores. Nessa fase as guerrilhas tendem a se transformar em exércitos populares. Estes, à medida que se firma o governo revolucionário, começam a se aproximar das formações regulares, organizando-se em Batalhões, Regimentos, Grupamentos Táticos, Divisões, etc. No final da guerra da Indochina o Exército Popular da República do Vietnam já estava organizado em divisões ligeiras, disposta de infantaria, unidades de reconhecimento, artilharia, engenharia e aviação.

C O N C L U S Ã O

As Fôrças Armadas dos países democráticos, na presente conjuntura internacional, devem estar preparadas moral e tecnicamente para enfrentar o grave problema da guerra insurrecional. São elas o alvo mais visado desde o início, pois sendo um dos sustentáculos do regime, senão o mais importante, enquanto se mantiverem coesas e leais à democracia o objetivo totalitário não será alcançado.

Primeiro indício de reação revolucionária contra as Fôrças Armadas dos países democráticos é no campo da propaganda. Os agentes subversivos, muitas vezes infiltrados nos próprios órgãos de imprensa democrática, começam a campanha de desmoralização contra as Fôrças Armadas, visando a isolá-las da simpatia e do apoio populares. A tecla mais batida por essa propaganda é sempre a mesma: a inutilidade sócio-econômica das Fôrças Armadas, o seu "pêso-morto" no orçamento nacional, sua mentalidade fascista e a reacionária, etc. O que nunca falam é sobre a inutilidade, as despesas e o papel reacionário das mais numerosas fôrças armadas do mundo, da URSS e da República Popular Chinesa. Fazem parte dessa campanha propagandista insurrecional as insinuações constantes sobre diminuição de efetivos, de redução do tempo de serviço militar, de extinção da obrigatoriedade do serviço militar em casernas, da transformação dos quartéis em escolas, etc. Uma idéia fundamental preside essa campanha insidiosa nos países democráticos, o enfraquecimento das Fôrças Armadas, quer desprestigiando-as perante a opinião pública, quer reduzindo, paulatinamente, a sua capacidade física de manter a ordem e as instituições. Essa fase propagandística já é a guerra insurrecional nos seus albores, que, como vimos, dá grande valor às conquistas psicológicas.

Mas, não bastam às fôrças regulares, principalmente aos exércitos das nações democráticas, manterem-se moralmente coesos: — cumple estarem capacitados tecnicamente para repelir as ações de força intencionadas por terroristas e guerrilheiros, que seguem à fase de propaganda.

Os exércitos das nações democráticas já sentiram a necessidade de rever sua doutrina e seus processos de emprêgo a fim de se capacitarem a responder à ameaça insurrecional, cada vez mais presente e atuante.

CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DAS GUERRILHAS

Major J. GUIMARAES

1. FUNDAMENTOS DAS ORGANIZAÇÕES DE GUERRILHAS

a. Apoio da população:

Conquistado pela afinidade ideológica ou pelo terror, o apoio da população local é a condição "sine qua non" para que a ação de guerrilheiros se exerça em determinada área. Por intermédio dos naturais da região obtém recursos de alimentação; cooperação no recebimento clandestino de armamentos; informações sobre movimentos de tropa; colaboração na difusão de falsos informes; cobertura na realização de sabotagens, etc. Esse apoio, sobretudo, proporciona o ambiente em que o mitemismo do guerrilheiro se exerce em toda a plenitude, se se considerar que, com sua arma oculta, torna-se um popular como qualquer outro.

b. Conhecimento da região:

O conhecimento pormenorizado da região é outro aspecto que proporciona indubitável vantagem aos guerrilheiros. Conhecendo a fundo todos os caminhos, trilhas, grotas, bosques, aguadas e esconderijos, estão em condições, quase sempre, de evitar o engajamento em combate, diluindo suas formações e escapando ao cerco pela fuga, pela ocultação ou pelo simples artifício de desaparecer, por infiltração, entre os habitantes locais.

c. Integração ao meio físico local:

Sendo o guerrilheiro, em princípio, um elemento autóctone, tanto maior resistência física apresentará em relação a um estranho quanto mais adversas forem as condições de vida local. A agressividade do meio de vivência enriquece o homem conferindo-lhe um grau de rusticidade dificilmente igualado por um forasteiro.

d. Motivação ideológica:

A pregação, subversiva responsável pela conquista psicológica do indivíduo, é um fator de importância fundamental, a considerar, quando se abordam as causas de uma manifestação caracteristicamente insurrecional qual seja a da proliferação de guerrilhas.

2. CARACTERÍSTICAS DA LUTA ANTIGUERRILHAS

De início, ao ser abordado o tema em foco, convém observar que a causa primeira da vitalidade demonstrada pelas organizações de guerrilhas, não deve ser procurada na eventual inacessibilidade de suas bases de operações, ou na fugacidade da tática "sui generis" que adotam; mas sim na profundidade das raízes de sua estrutura político-ideológica, implantadas na massa popular.

A análise dos temas da propaganda subversiva, dos métodos, dos artifícios e das distorções usadas na difusão do germe revolucionário; seu confronto com as considerações relativas à índole, às tradições, às convicções religiosas e ao estágio sócio-econômico da área considerada, darão a medida da virulência do movimento e a orientação a tomar quanto às providências capazes de destruí-lo.

É imprescindível que simultaneamente com o emprêgo da tropa seja desencadeada uma campanha de intensa penetração psicológica, capaz de restaurar o prestígio do governo constituído e assegurar um indispensável clima de confiança em sua capacidade de enfrentar a subversão. A contrapartida ideológica, desencadeada com propriedade e determinação, atuará sobre a parte da população contrária aos insurretos, conquistando-lhe novos adeptos entre os amedrontados, indiferentes ou oportunistas; armando-a da energia capaz de reagir em sintonia com as prescrições da legalidade e dos planos de operações das tropas, que porfiam em assegurar ou restabelecer a ordem.

A ação da tropa deve ser compreendida mais como a de um elemento catalizador da reação popular contra o clima de tensão e insegurança implantado pelos guerrilheiros, do que a de um instrumento de pura e simples repressão armada.

É a única maneira hodiernamente admitida, capaz de fazer abortar um movimento de fundo ideológico conduzido segundo técnica altamente eficiente, aperfeiçoada pelas facções subversivas em atividade no mundo de hoje.

A experiência adquirida pelos Exércitos, que se viram na contingência de enfrentar problemas de guerrilhas, conduz a conclusão que a força militar não deve ser empenhada na busca sistemática dos bandos rebeldes objetivando, tão somente, destruir-lhos a todo custo.

Estes habilmente evitam o combate; já se tornou uma norma de ação, nesse tipo de luta. Geralmente atacam a tropa regular de emboscada, de preferência durante os deslocamentos, inflingindo-lhe, muitas vezes, pesadas baixas. Retraem, em seguida e se dispersam. A coluna atacada, após refeita da surpresa, quase sempre não consegue revidar o golpe recebido. Os insucessos e as frustações continuadas, além de afetarem o moral da tropa, fazem baixar, junto à população, seu prestígio e a confiança em sua capacidade de enfrentar os rebeldes. Os naturais da região, mesmo contrários aos guerrilheiros, se retraem negando um precioso apoio. O procedimento mais proveitoso tem sido o de procurar proteger os núcleos populacionais; evitar emboscadas e outras ações de surpresa; envidar todos os esforços para adquirir confiança e firmar o prestígio da tropa entre os habitantes da região. Simultaneamente procurar incentivar, com habilidade e persistência, a formação de bandos de guerrilheiros amigos ou outra qualquer formaativa de colaboração. Serão êsses civis arregimentados, em última instância, os fatores preponderantes nessa luta de aspectos tão contidírios.

NÔVO PROGRAMA DO PARTIDO COMUNISTA DA URSS E ATUAL ORIENTAÇÃO DO PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO

Ten-Cel MÁRIO DAVID ANDREAZZA
Oficial de EM

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

a. O "Pensamento Marxista" e o "Pensamento Cristão".

O Partido Comunista da União Soviética, em suas manifestações programáticas, adota invariavelmente, com finalidades demagógicas, a tese do pacifismo. É o "eterno e intransigente defensor da paz". Visa, com isso, a explorar a aversão de todos os povos pelas lutas violentas, conquistando-lhes o apoio, inclusive da opinião pública soviética, para as suas MODERNAS FORMAS DE GUERRA — agressivas, insidiosas, permanentes e já escravizadoras de tantos povos — sob a cobertura de uma paz fictícia e de aparência generosa: a COEXISTÊNCIA PACÍFICA. Beneficia-se, assim, da ardilosa tática de estimular esperanças de paz para assegurar concessões, não obstante considerar como irreconciliáveis os reconhecidos antagonismos entre o Oriente e o Ocidente: o ideológico, entre o comunismo e o mundo livre; o religioso, entre o comunismo e o cristianismo: ambos sintetizados no conflito entre o "PENSAMENTO MARXISTA" e o "PENSAMENTO CRISTÃO".

O marxista, exaltando o nacionalismo russo e utilizando idêntico sentimento dos outros povos contra o "imperialismo capitalista", dá à sua luta uma amplitude internacional, através de idéias totalitárias — partido único, sindicato único, juventude única — que são lançadas ao mundo por seus "engenheiros de almas", segundo Lenine, para provocar a revolução mundial, da qual emergiram — após o terrorismo seletivo, os expurgos e os trabalhos forçados — a sonhada PAZ, a exemplo do "Paraíso Soviético". Admite e justifica, por isso, "a guerra até a vitória total do comunismo em todo o mundo".

O cristão, considerando a paz indivisível, encerra, não sómente o desarmamento, a proscrição das armas atômicas, a repartição dos bens, o respeito aos tratados e a solução dos problemas sociais, mas também a salvaguarda das liberdades individuais, dos direitos do homem, da família e da religião. Não se fixa sómente nos aspectos materiais, mas,

igualmente, nos morais e espirituais, tais como a tranqüilidade das consciências, a ordem, a segurança e a posse dos direitos naturais e sobrenaturais.

b. A "Coexistência Pacífica" é uma farsa

Por atos e atividades, está comprovado que a URSS e o comunismo:

- têm como verdadeiro OBJETIVO a formação de um IMPÉRIO MUNDIAL COMUNISTA, com centro em MOSCOU (Pan-eslavismo);
- estão empenhados na conquista da supremacia militar mundial;
- fomentam e apóiam o comunismo em todos os países do mundo;
- estimulam a subversão nas nações democráticas, através de Partidos Comunistas locais;
- empregam todos os meios para intimidar, desmoralizar e eliminar os defensores da democracia;
- exercem domínio absoluto sobre grande parte do mundo;
- estão permanentemente em guerra, através de suas insidiosas formas;
- atuam como "colonialistas", negando a autonomia do povo alemão e de todos os países sob o domínio de Moscou e, como "imperialistas", impondo, a êsses mesmos povos, suas próprias soluções e negando-lhes os direitos da autodeterminação;

Em face da freqüência e da infinidade de tais atos e atitudes, bem como da sutil e engenhosa propaganda coletiva que os precede e acompanha, a SENSIBILIDADE DEMOCRÁTICA das elites vai-se amortecendo, acostumando-se e amoldando-se a esse tipo de "Coexistência Pacífica", perdendo, sem perceber, a vontade de lutar para sobreviver, tornando-se indiferente e conformada e, pior que tudo, descrente do perigo que, lenta e sub-repticiamente, se avizinha em calculada progressão — vai evoluindo, finalmente, para o CONSENTIMENTO e a COEXISTÊNCIA COM SEUS DESTRUÍDORES.

Expressões que se vão tornando cada vez mais vulgarizadas já começam a traduzir esta evolução:

— "O comunismo é um problema de fome"

(Esquecem, no entanto, que, antes de mais nada, é, também, uma doutrina filosófica, encerrando uma concepção de vida e uma concepção histórica; constituindo-se em problema de raízes ideológicas).

— "A URSS necessita um crédito de confiança"

(Esse é, justamente, o objetivo da propaganda coletiva da "coexistência pacífica". É o processo tradicional de obter concessões sucessivas, através de procedimentos que façam surgir a falsa idéia de um possível RETROCESSO REVOLUCIONÁRIO. Com

base nessa ilusória esperança das nações democráticas, a URSS fortaleceu-se progressivamente e é hoje uma grande potência que apóia, militar e financeiramente, a revolução comunista mundial).

— “O comunismo é um problema do povo. Ele que escolha”

(É sabido que nos processos revolucionários foram sempre as “minorias ativas” que, maquiavélicas e oportunistas, dominaram as massas, primeiro desintegrando-as com mentiras e promessas e depois conduzindo-as).

— “O comunismo no Brasil é obra dos reacionários”

(Confunde-se, assim, os anticomunistas com aquêles que se opõem às indispensáveis reformas sociais. Cria-se o medo de ser mal interpretado, o medo de combater o comunismo; o medo de ser chamado de reacionário).

— “O perigo vermelho não existe — é uma indústria, é um fantasma”

(É a cortina de fumaça; é o consôlo dos que já estão vencidos e lavados intelectualmente; é o consentimento; é o fruto da promiscuidade cotidiana com a infiltração, cada vez maior, em todos os setores).

2. APRECIAÇÃO SOBRE O “NÔVO PROGRAMA DO PC DA URSS”

Esse programa, redigido sob a supervisão de NIKITA KRUCHTCHEV, constitui a primeira “revisão de princípios” desde 1919 e, confirmado, na realidade, os tradicionais objetivos, bem como as invariáveis premissas e linhas de ação, dá ênfase aos sucessos da nova direção do PC da URSS e às perspectivas que ela oferece, ao povo soviético, nos próximos anos.

a. Premissas consideradas

As premissas são constituídas pelos cansativos mas técnicos “chavões” de sua dialética que, repetidos continuamente, destinam-se, apenas, a criar condições favoráveis, perante o povo soviético e o mundo, para a sua política expansionista — “guerra fria”.

Assim, atribuindo aos términos “guerra” e “paz” significados próprios, bem diversos da concepção ocidental, guardam a possibilidade de desenvolver, através de avanços e retraições, a manobra diplomática de apoio aos seus objetivos políticos.

As abaixo enumeradas são clássicas:

(1) As complicações na situação internacional e a consequente necessidade de aumentar os gastos DEFENSIVOS podem retardar os planos para a elevação do nível de vida.

(2) Assegurar a paz eterna na Terra é a missão histórica do comunismo.

(3) A coexistência pacífica ou a guerra desastrosa é a alternativa oferecida pela História.

(4) O sistema mundial capitalista, em decadência, está amadurecido para a revolução social do proletariado.

(5) O sistema socialista mundial conquistará, inexoravelmente, a supremacia econômica, considerando o aumento progressivo do volume global da produção industrial e agrícola.

(6) O sistema mundial do socialismo é uma aliança social, econômica e política dos povos livres e soberanos.

(7) A democracia popular é uma das formas da "ditadura do proletariado" e é uma nova forma política de sociedade.

(8) Os problemas da construção do comunismo foram resolvidos pela União Soviética em conjunto com a família fraterna dos países socialistas.

b. *Objetivos apresentados*

(1) Abolir a guerra e lutar pela vitória do sistema socialista mundial.

(2) Construir, dentro de vinte anos, o poder econômico mais forte do mundo, oferecendo a seus cidadãos padrões de vida e de cultura superiores aos dos Estados Unidos.

c. *Linhas de ação estabelecidas para a consecução desses objetivos*

(1) **MANUTENÇÃO DA PAZ**

Condiciona a execução do programa à manutenção da paz, ressaltando como condições fundamentais de sucesso:

- duradoura normalização das relações internacionais;
- redução dos gastos militares;
- acordos adequados entre países, visando ao desenvolvimento geral e completo.

(2) **COEXISTÊNCIA PACÍFICA**

Declara que a "coexistência pacífica" entre países socialistas e capitalistas constitui necessidade objetiva para o desenvolvimento da sociedade humana e que a guerra não pode e nem deve servir de meio para a solução das divergências internacionais.

(3) **INTERNACIONALISMO**

Fortalece, consideravelmente, a "linha internacionalista":

- apoiando a "sagrada luta dos povos oprimidos em suas justas guerras antiimperialistas de libertação";
- preconizando ligações mais íntimas e maior apoio aos Partidos comunistas de todo o mundo.

(4) REVOLUÇÃO SOCIALISTA

Estabelece, como condições de execução fundamentais, o seguinte:

- os povos só podem chegar ao comunismo depois de uma revolução socialista e depois de instituir a ditadura do proletariado;
- para a vitória do socialismo é preciso:
 - fidelidade aos princípios do marxismo-leninismo;
 - internacionalismo proletário;

Indica que a conquista do poder é capaz de processar-se mediante a ação de maioria parlamentares e não necessariamente mediante revoluções violentas.

Apresenta, como fator positivo, a "crise do capitalismo", caracterizando-a através dos seguintes pontos:

- desagregação do seu sistema colonial;
- agravamento das condições internas, em razão do desenvolvimento do capitalismo monopolista do Estado e do militarismo;
- aumento da instabilidade interna;
- incapacidade de utilizar completamente as forças produtivas;
- crescimento da luta entre o capital e o trabalho;
- negação das liberdades burguesas;
- crescimento da reação política, em todos os terrenos;
- existência de "regimes fascistas" em virtude da crise profunda da política e da ideologia burguesa;.

(5) AUMENTO DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL E AGRÍCOLA

Visa a aumentar a produção industrial pesada, no prazo de 10 anos, aproximadamente em 150% e, em 20 anos, a elevação desse aumento a 500%.

Quer, também, incrementar a produção agrícola, na primeira década em 150% e, na segunda, em 250%.

Demonstra a disposição de enfrentar, se necessário, a guerra, evidenciando-se, para tanto, a indisfarçável preferência que dedica ao desenvolvimento da indústria pesada, em detrimento da fabricação dos bens de consumo.

d. Verdadeiros propósitos

(1) A "LINHA INTERNACIONALISTA" foi consideravelmente fortalecida em face ao que preconizavam as manifestações anteriores do Partido.

Visa, provavelmente, com isso:

- ao recrudescimento das atividades comunistas em todo o mundo;
- ao desencadeamento de uma nova ofensiva do socialismo soviético, sob a direção de Moscou;
- ao maior entrosamento entre os diferentes PC com a URSS.

(2) O "DEVER DE APOIAR AS GUERRAS DE LIBERTAÇÃO" foi consolidado, confirmando a "Declaração dos 81 Partidos Comunistas", que situava, dentro desse tipo de guerra, inclusive a "Revolução Cubana", como sendo contra a ditadura e contra o Imperialismo.

Com essa exaltação indireta às revoluções do "tipo Cuba" foi reafirmado que:

- "as fôrças do imperialismo e da guerra constituem perene ameaça à paz mundial";
- a "guerra fria" continuará;
- Cuba é um exemplo a ser seguido;
- apoiará os movimentos revolucionários "antiimperialistas ou antifascistas" que possam irromper em qualquer parte do mundo.

(3) A possibilidade de "CONQUISTAR O PODER MEDIANTE MAIORIAS PARLAMENTARES" consolida a linha aparentemente pacífica que vem sendo adotada, mas admite, para os casos que forem julgados necessários, "as revoluções violentas".

No que se refere a esse aspecto, Kruchtchev assim se expressou: "Um novo tipo de frente popular pode vencer as fôrças reacionárias, antipopulares, conseguir uma sólida maioria no parlamento, e transformá-lo, de um instrumento de interesse de classe da burguesia, num utensílio a serviço do povo operário".

(4) A "COEXISTÊNCIA PACÍFICA" ficou condicionada à colaboração de "outros povos amantes da paz", sendo mantido, dessa forma, o caminho aberto para os mais variados sofismas.

O comunismo, considerando os chamados "países imperialistas" de "fabricantes da guerra" e apresentando-se como o "mais poderoso baluarte da paz", evidencia a intenção inequívoca de dar continuidade à "guerra fria", dentro da técnica que, há muito, vem sendo seguida — a de coexistência pacífica.

(5) A LIDERANÇA DO PARTIDO COMUNISTA DA URSS. A sua apresentação como pioneiro e líder do sistema socialista mundial, bem como a falta de concessões às teorias agressivas da China Comunista, visam a dar maior projeção internacional à teoria pacifista da URSS, com a finalidade de criar impressão tranquilizadora na opinião pública mundial, e abrir, assim, novas perspectivas para as suas manobras revolucionárias de âmbito universal.

(6) A OPINIÃO PÚBLICA SOVIÉTICA, estimulada através de perspectivas encorajadoras, referentes à elevação do padrão de vida, é conduzida a apoiar a política internacional de Moscou, pois, qualquer fracasso, nesse sonho de melhores dias, estará justificado pelas complicações criadas pelos ocidentais, impondo "indispensáveis exigências de gastos defensivos". Os "imperialistas" serão, sempre, desta forma, os responsáveis pelas privações do povo que poderá ver, inclusive na guerra, a solução para os seus problemas.

3. ORIENTAÇÃO DO PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO

a. Programática

O PCB vem mantendo, ainda, a orientação estabelecida no seu V Congresso, realizado em agosto de 1960 e ratificada em todas as manifestações oficiais do partido, a partir daquela época, inclusive nos últimos documentos lançados, visando à legalização do PCB: Manifesto ao Povo Brasileiro e aos Trabalhadores, Programa do Partido Comunista Brasileiro e Estatutos do PCB.

(1) Em todos êsses documentos é feita a exaltação à paz dando destaque ao OBJETIVO PRINCIPAL do Comunismo Internacional — ABOLIÇÃO DA GUERRA — e à sua demagógica LINHA DE AÇÃO BÁSICA — a COEXISTÊNCIA PACÍFICA.

Nêles, o PCB apresenta-se, sempre, como o “vanguarda da classe operária e do povo, em suas lutas democráticas e emancipadoras”.

(2) Em seu programa, o PCB fixa como objetivo principal “ALCANÇAR O SOCIALISMO NO BRASIL”, visando a uma solução para a “definitiva emancipação nacional e a completa libertação social”.

b. Finalidades da atual orientação do PCB

(1) DEMONSTRAR QUE O SEU PRINCIPAL OBJETIVO É “ALCANÇAR O SOCIALISMO NO BRASIL”

“O PCB, tendo como objetivo programático final o estabelecimento do socialismo, luta para que a classe operária e as demais forças patrióticas e progressistas se unam a fim de alcancem um governo capaz de realizar a completa emancipação do País, assegurar a plena vigência dos direitos democráticos, ampliar e consolidar os direitos e conquistas e a cultura do povo e tornar efetiva a cooperação do Brasil em prol da paz mundial”.

Esconde, neste parágrafo, o conceito de “unir as mais amplas forças para conquistar o poder e para libertar o Brasil do jugo imperialista e conquistar um regime Democrático Popular”.

Esse principal objetivo — “alcançar o socialismo no Brasil” — enquadra-se, perfeitamente, no Nôvo Programa do PC da URSS, que diz: “OS POVOS SÓ PODEM CHEGAR AO COMUNISMO DEPOIS DE UMA REVOLUÇÃO SOCIALISTA E DEPOIS DE INSTITUIREM A DITADURA DO PROLETARIADO”. Procura, assim, o PCB, dentro do processo evolutivo preconizado pelo Comunismo Internacional, pôr em execução a 1^a fase — ALCANÇAR O SOCIALISMO — para depois, então, calmamente lançar-se às subsequentes — Ditadura do Proletariado e Comunismo.

(2) DAR A IMPRESSÃO DE UMA ORIENTAÇÃO ESSENCIALMENTE DEMOCRÁTICA

Para isso, fixa como uma de suas tarefas essenciais o "ESTABELECIMENTO DE AMPLAS LIBERDADES DEMOCRÁTICAS"; classifica o Partido como "uma forma superior de organização da classe operária, em cujas fileiras se congregam os comunistas — operários, camponeses, intelectuais, trabalhadores em geral, e pessoas de outras classes e camadas".

Omite, entretanto, a verdadeira interpretação comunista de Democracia, recentemente difundida por KRUCHTCHEV — "A DEMOCRACIA POPULAR, UMA DAS FORMAS DE DITADURA DO PROLETARIADO, É UMA FORMA POLÍTICA DA SOCIEDADE".

Mascara, desta maneira, sua verdadeira intenção: "admitir em suas fileiras elementos vindos de outras camadas sociais, mas sempre com a idéia de que, cedo ou tarde, terão de desfazer-se da ideologia de sua classe para abraçar a ideologia comunista e dedicar-se, sem restrições, à causa da classe operária".

(3) APARENTAR A INDEPENDÊNCIA E AUTONOMIA DO PARTIDO

Com essa finalidade passou a chamar-se de "Partido Comunista Brasileiro" e a eliminar todos os elementos que, em documentos anteriores, denunciavam a sua linha internacionalista.

A Declaração dos 81 Partidos Comunistas:

— "Nossa unidade à base dos princípios do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário constitui a condição primordial para que a classe operária alcance a vitória sobre o Imperialismo", e mais recentemente, o Nôvo Programa do PC da URSS" afirma: — "Para a vitória do socialismo é INDISPENSÁVEL a fidelidade aos princípios do marxismo-leninismo e ao internacionalismo proletário".

(4) GUARDAR ABSOLUTA COERÊNCIA COM A PROGRAMÁTICA DO COMUNISMO INTERNACIONAL, em particular no que se refere:

- à abolição da guerra;
- à coexistência pacífica.

(5) MOSTRAR O CAMINHO PACÍFICO DA REVOLUÇÃO

Isto significa, em coerência com o "Nôvo Programa da URSS", a CONQUISTA DO PODER, mediante a ação das MAIORIAS PARLAMENTARES e não necessariamente mediante REVOLUÇÕES VIOLENTAS — substitui assim a idéia de "derrubada do poder" pela a da "união política", formando um "Govêrno de Coalizão" que represente as fôrças nacionalistas e democráticas.

Nas Resoluções do PCB — V Congresso — a idéia está bem explícita: conduzir a Revolução pelo caminho pacífico, permanecendo, entretanto, vigilantes e em condições de desenvolver ações enérgicas a fim de enfrentar e derrotar as tentativas que visem a deter a Revolução. Caminho pacífico significa realização das tarefas sem que seja inevitável a insurreição armada. A luta da "massa" não exclui os choques e conflitos.

Dentro dessa técnica, o PCB determina:

- a infiltração em todos os setores é essencial;
- as classes operárias devem atuar unidas aos setores nacionalistas do Parlamento, das Fôrças Armadas e do Governo;
- as massas devem realizar a pressão pacífica dentro e fora do Parlamento e pugnar pela vitória eleitoral dos candidatos nacionalistas.

(6) ILUDIR OS NÃO COMUNISTAS

Com esse propósito, procura tornar bem clara a idéia de que o PCB, mesmo como vanguarda da classe operária, espera contar, também, com os não-operários em suas fileiras.

Elimina, também, em seus programas e estatutos, todos os têrmos e chavões tradicionais e apresenta-se, inocentemente, como qualquer outro Partido em atividade legal no País.

c. *Verdadeiros propósitos*

(1) Na "Frente Única", com outras forças "progressistas e patriotas", o Partido não se confunde com elas e nem renuncia aos seus objetivos.

(2) A construção do socialismo, no Brasil, visa à "edificação de uma sociedade comunista".

(3) A atividade do Partido, em todos os setores, deve ser guiada pela doutrina internacionalista de Marx e Lenine.

(4) O PCB, como partido da classe operária, é o partido do socialismo, "que luta pela liquidação de toda a espécie de pressão e exploração, pela derrocada do capitalismo, pela sociedade sem classes".

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

a. *No Campo Internacional*

O comunismo internacional, através de sua dialética, exaltando a "Coexistência Pacífica", enquanto desencadeia a pior de todas as guerras, tomou a iniciativa simpática de "defensor da paz", assegurando,

assim, completa liberdade de ação diante das democracias que, indecisas, se debatem face aos sérios dilemas que as afligem, tais como:

— Quando devem lançar mão da violência contra um agressor que tenta impor, através da “guerra fria”, suas condições totalitárias e materialistas de vida?

“De um lado existe a crescente necessidade de proteção contra as forças destruidoras da guerra moderna; de outro, temos de pensar que os programas científicos e industriais que permitiram que a guerra se tornasse muito mais terrível, tornaram, também, mais terríveis as consequências de um retrocesso ou de uma renúncia.

A guerra atual poderia destruir grande parte da vida deste planeta, mas as concessões, a trôco da paz, poderão destruir, também, grande parte do espírito deste mesmo planeta”.

— Até quando a democracia, em obediência aos seus próprios princípios, deve arriscar-se à possibilidade de destruir-se a si mesma?

“O que constitui o perigo deste dilema é precisamente o fato de que não se trata mais de uma revolução violenta, mas, ao contrário, de uma infiltração lenta e pacífica nos centros vitais das idéias e das instituições da democracia — a liberdade de opinião e a liberdade de reunião”.

As limitações efetivas às liberdades da palavra, da imprensa e da reunião tornam ainda mais evidente esse dilema, pelas contradições que resultam como o verdadeiro espírito da democracia ocidental.

b. Com a acusação ao “Imperialismo Norte-Americano”, evidenciando-o como “inimigo principal e comum da humanidade e como o articulador de uma nova guerra”, e paralelamente, com a exaltação da “luta da URSS pela Paz”, e da demagógica fusão das “lutas nacionalistas com a Revolução Socialista Mundial”, formou-se um movimento de opinião com grande receptividade no mundo inteiro, em particular nas áreas menos favorecidas e com baixo nível de vida. Esse aspecto tem proporcionado grandes vantagens aos vermelhos e por isso continua a ser considerado, com ênfase, na atual orientação programática do comunismo internacional que, em todas as manifestações, aponta os Estados Unidos como o “inimigo número um do progresso social da humanidade”.

A preponderância que os Estados Unidos, como Nação líder da Democracia, têm dado às atividades econômicas, deixando de lado a educação política e o interesse em proporcionar melhores condições de vida aos povos subdesenvolvidos, torna extremamente difícil convencer a esses povos de que devem resistir ao comunismo, liderado pela URSS, em defesa dos seus direitos de liberdade pessoal e de melhores condições sociais.

Nesse aspecto, a solução está nas mãos da poderosa nação do norte: “Demonstrar, por meio da elevação do nível de vida dos povos subdesen-

volidos, que o "imperialismo econômico" se transformou num "imperialismo social", isto é, a conquista espiritual através de uma política de economia mundial e de sociologia mundial que assegure, rapidamente, a progressiva equiparação dos níveis de vida".

c. A intenção de superar, em 10 anos, o nível de produção dos Estados Unidos, além de ser possível, encerra finalidade eminentemente política, visando à expansão do sistema socialista mundial.

"O Estado soviético, com os meios do sistema totalitário tem possibilidade — com suor e sangue — de acumular capitais de proporções colossais, enquanto os Estados Unidos, por meio das instituições democráticas, se obrigam a uma crescente participação da renda nacional para o consumo imediato, com prejuízo da necessária formação de capitais".

"Da formação do capital das comunidades estatais depende o potencial econômico e do potencial econômico depende, por sua vez, o futuro da guerra fria, ou melhor, da política da conquista pacífica: — primeiramente o potencial econômico como meio de política internacional; em segundo lugar o nível de vida, o potencial social, como meio de propaganda internacional".

d. *No âmbito nacional*

Como premissa às considerações que se seguem, deve-se levar em conta que:

"Uma Revolução só se inicia:

— quando existem uma ou mais classes descontentes com a ordem social vigente, em virtude do desequilíbrio entre o seu verdadeiro valor e sua posição legal e política;

— quando os grupos governantes não mais confiam no sistema social existente e na possibilidade de resistir a um levante popular.

Só tem probabilidade de êxito quando grande parte do povo, inclusive polícia, os militares e as demais organizações coercivas, tiverem perdido a crença nas condições sociais em curso e duvidarem da legitimidade da elite dirigente".

(1) A penetração comunista no Brasil é indiscutível e representa um perigo, ainda não desesperador, mas que, honestamente, não pode mais ser subestimado. A conjuntura nacional tem sido favorável a essa penetração. As condições morais, econômicas e políticas da Nação têm facilitado a expansão da ideologia marxista-leninista e, por isso mesmo, Moscou mostra-se tão interessado em situar-nos sob a sua zona de influência, econômica e ideológica.

A ação que o comunismo vem desenvolvendo é típica; ajusta-se, perfeitamente, à sua tática. Tudo lhe tem corrido maravilhosamente bem

e, nestas condições, é evidente que não lhe convém manifestações ostensivas que possam atrair a atenção e provocar reações. A infiltração vem-se processando normalmente; as entidades sindicais, estudantis e outras associações específicas vão-se transformando, gradativamente, em "frentes comunistas"; a ilegalidade do Partido é aparente, possui sua imprensa, editóras e a colaboração de um número imenso de "inocentes úteis"; sua propaganda circula livremente e aquêles que combatem sua falsa "política nacionalista-democrática" são chamados pelos comunistas, e até pelos não comunistas, de "reacionários e entreguistas" e de responsáveis por todos os desajustamentos sociais que incidem sobre as nossas camadas sociais menos favorecidas; o movimento contra o chamado "imperialismo norte-americano" tem-se avolumado, constituindo já uma forte corrente de opinião; e a Revolução Cubana tem-se apresentado como uma intocável cobertura aos que, sob o título de "amigos de Cuba", espalham a subversão por todo o território nacional. Esse é o quadro geral — obra, em grande parte, da demagogia, da propaganda soviética e da ação comunista, e que está a sugerir, antes que seja tarde, uma série de medidas destinadas a modificá-lo.

(2) Nosso regime é o democrático e constitui, como todos sabemos, um dos principais Objetivos Permanentes da nossa nacionalidade. O comunismo, representando a mais poderosa força antagônica à manutenção desse objetivo, converte-se automàticamente, num problema de Segurança Nacional, cuja solução cabe, essencialmente, ao Governo.

(3) É, pois, o comunismo um problema de Estado, aí incluídas tôdas as fôrças vivas da Nação, devidamente coordenadas, visando a um objetivo comum. Sômente a convergência de esforços, em todos os campos, poderá assegurar o êxito. Isto significa, evidentemente, uma centralização que só poderá concretizar-se através de Diretrizes Governamentais bem definidas, que criem e fortaleçam os necessários potenciais econômico, moral e social. É óbvio, então, que a questão pertence, quase que totalmente, à esfera civil, pois a ação deve ser principalmente preventiva.

As Fôrças Armadas, cabe nesse conjunto, apenas o dever de manter-se infensas à doutrinação comunista e, permanentemente, em condições, por sua coesão, unidade e disciplina, de representar, com sua simples presença, uma sólida garantia, com possibilidades indiscutíveis de realizar, se necessário, as indispensáveis ações repressivas.

(4) Ratificando os conceitos acima formulados acreditamos que a expansão ideológica soviética poderá ser contida:

— contrapondo à fôrça revolucionária — social, econômica e política — do comunismo, condições econômicas e sociais capazes de inspirar, no povo, confiança nas instituições democráticas;

— aumentando o potencial econômico da Nação, de forma a assegurar melhores níveis de vida, condição essencial à formação do necessário potencial moral e social;

- conseguindo, das classes mais abastadas, justiça social na direção das emprêsas e propriedades, democratizando o capital e assegurando, aos trabalhadores, maiores vantagens;
- realizando as indispensáveis reformas sociais, dentro da ética cristã;
- tomado as necessárias providências visando a eliminar o abuso do Poder Econômico;
- isolando os comunistas, afastando-os dos postos-chave da administração pública;
- aplicando as medidas restritivas já previstas em lei, em particular no contrôle das atividades sindicais e estudantis;
- negando apoio oficial, inclusive financeiro, às entidades e associações reconhecidamente infiltradas;
- impedindo, com sabedoria, que a democracia seja transformada em arma para a sua própria destruição;
- dificultando ao máximo, através da legislação em vigor, a ação do Partido Comunista Brasileiro;
- prestigiando e fortalecendo as Fôrças Armadas, isolando-as da política partidária e das atividades civis, dando-lhes, enfim, com apoio numa sólida estrutura hierárquica e disciplinar, um sentido eminentemente técnico-profissional;
- apoiando a Igreja e outras instituições e entidades credenciadas, no desenvolvimento de uma contrapropaganda bem intencionada;
- interessando a imprensa, falada e escrita, na solução do problema, dando-lhe o necessário apoio, moral e material.

Finalmente:

A fôrça e a violência jamais, na História do mundo, conseguiram destruir uma idéia ou uma realidade. Pelo contrário, elas só serviram para dar-lhes maior vitalidade.

O comunismo não é mais sómente uma idéia, e sim, uma realidade. Para combatê-lo só há um meio: criação de condições adversas à sua sobrevivência e desenvolvimento.

O Brasil, onde grande parte de sua população tem padrão de vida dos mais baixos do mundo, é, indiscutivelmente, um campo propício à propagação do comunismo.

Se os dirigentes democratas se mostrarem negligentes em resolver os problemas das massas, é possível que elas possam, no futuro, ver na ideologia comunista a solução para uma emancipação rápida da negra miséria em que vivem. A par disso a experiência parece evidenciar que

na atual distribuição dos bens, vigente na sociedade brasileira, os ricos continuarão cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais miseráveis.

Em conseqüência, conforme tudo indica, há necessidade de uma ação combinada do Estado com uma cooperação dos capitais privados, legalmente compulsória, se necessário, dentro de um esquema de uma Ação Social Cristã, visando a diminuir o desnível em que vive a grande parte da população brasileira em relação a uma minoria de privilegiados.

Se tal ação não fôr posta em prática, em virtude do reacionarismo e a ganância tradicional de muitos ricos, ela o será sem dúvida, pela ação violenta das massas, não já, mas dentro de alguns anos.

A imposição à Nação de reformas sociais básicas, exigindo a cooperação dos capitalistas particulares, provocará, sem dúvida, reações, enquanto que a manutenção do "stato quo" provocará, no futuro, inevitavelmente, a reação violenta das massas.

Entre uma e outra reação, a mais fácil de ser controlada e dominada nos parece a primeira, daí a vantagem de caminharmos para reformas sociais, dentro de uma rigorosa ética cristã.

DEVER MILITAR E POLÍTICA PARTIDÁRIA

UM LIVRO PARA MILITARES E CIVIS

pelo

MARECHAL E. LEITÃO DE CARVALHO

Livraria Civilização Brasileira

Cr\$ 250,00

RUA 7 DE SETEMBRO, 97

RIO DE JANEIRO

A GUERRA PSICOLÓGICA

Capitão FREDERICO KURZ

A frase "batalha pela mente dos homens", tem-se tornado uma chapa nas conversas de hoje sobre a Guerra Fria. Cessará, porém, a batalha pela mente se o tiroteio começar? Qual será o propósito do propagandista inimigo ao dirigir-se aos soldados? O que dirá aos homens? Como dirá o que tem a dizer? Em resposta a essas perguntas, podemos deduzir a importância e a necessidade de estarmos preparados para uma Guerra Psicológica.

Podemos iniciar o presente estudo fazendo a definição de Guerra Psicológica, de acordo com a diretriz n. 8, expedida pelo supremo QG das fôrças expedicionárias aliadas, em março de 1944:

"É o emprêgo da propaganda, como propósito de minar a capacidade de resistência do inimigo, de desmoralizar suas fôrças e fortalecer o moral de nossas tropas."

Outra definição, puramente norte-americana, declara que:

"A Guerra Psicológica importa no emprêgo da propaganda militar contra o inimigo, simultaneamente com outras medidas de caráter militar, econômico e político, adotadas como complementos necessários à propaganda."

Revista a definição do que seja a Guerra Psicológica, podemos dizer que o seu objetivo "é destruir a vontade de resistir do exército e da população inimigos. Sendo a vontade de resistir um estado de espírito, a missão da Guerra Psicológica deve ser modificar esse estado de espírito do inimigo, a fim de levá-lo a abandonar sua determinação e reconhecer a derrota como inevitável."

Realizando um pequeno histórico do assunto em pauta, veremos que a origem da expressão — Guerra Psicológica — é relativamente recente; contudo, a Guerra Psicológica não surgiu súbitamente na era atual por geração espontânea. Sua história é a da Guerra — a História da Humanidade. Em todas as épocas, os povos ou, pelo menos, seus chefes, têm feito a guerra com a idéia bem definida de obter a vitória. A vitória é uma conquista do espírito e a análise das vitórias mostra que muito do sucesso da maioria das ações militares depende de fatores psicológicos. Assim, oito séculos antes da Alemanha de Hitler, por exemplo, Gengis Khan empregou habilidosamente os efeitos da 5^a coluna para transtornar a organização e os espíritos de nações hostis e criar dissensões entre os países amigos capazes de conduzi-los à guerra.

O sétimo capítulo do Livro dos Juízes relata como Gedeão obteve uma completa vitória sobre os midianitas e amalecitas, embora dissesse de fôrças inferiores. Determinou que 300 homens avançassem na escuridão transportando cada um uma lâmpada, uma trombeta e um jarro.

As lâmpadas eram transportadas acesas, porém escondidas dentro dos jarros. A um determinado sinal, todos os 300 homens retiraram as lâmpadas dos jarros e, tocando suas trombetas, lançaram-se sobre o inimigo, provocando sua fuga. A arte da guerra da época prescrevia um carregador de lâmpada e um trombeteiro para cada 100 homens. Para o inimigo, isso devia parecer um exército de 30.000 homens marchando em sua direção. Lançou-se mão, portanto, da Guerra Psicológica.

Heródoto relata que Temistocles, na Guerra entre gregos e persas, empregou o que designaríamos hoje de Guerra Psicológica com uma habilidade que não pôde ser excedida, mesmo em nossos dias.

Mais recentemente, Clausewitz escreveu no começo do século XIX: "A guerra é um ato de força por meio do qual tentamos obrigar o inimigo a submeter-se à nossa vontade. É o instrumento da política continuada por outros meios."

Na 1^a Grande Guerra, tentou-se uma guerra psicológica sistemática. Naquela época, eles não dispunham dos recursos técnicos atuais, mas a imprensa e as agências de notícias dos outros países diligenciaram para difundir a opinião aliada para todo o mundo. O Marechal Foch enunciou uma equação significativa: "A guerra é igual ao departamento da força moral".

No fim da 1^a Grande Guerra, foi empregada uma nova arma estratégica: a propaganda — a principal arma psicológica. No período entre as duas guerra a URSS e a Alemanha desenvolveram a ação psicológica "Guerra de Nervos", em que podemos constatar, nas palavras de Georges Meyer, o valor que tal ação adquiriu perante o mundo de então. "Até 1941, a guerra psicológica era um apanágio quase exclusivamente alemão, representado pela pessoa de Goebbles. Os franceses e ingleses não possuíam ou empregavam quaisquer outros meios que não fossem insuficientemente adaptados à luta contra o moral do inimigo."

Ao irromper a 2^a Grande Guerra, tôdas as facções estavam bem preparadas no assunto, com os alemães na dianteira. Esses acontecimentos são tão recentes que não há necessidade de repeti-los.

E assim, vimos em rápidas pinceladas o histórico da Guerra Psicológica; podemos passar a estudar as Características da mesma, sobre o prisma com que Hitler e Goebbles a viram, o primeiro em seu célebre e triste livro "Minha Luta (Mein Kampf)". Diz êle:

"A próxima guerra caracterizar-se-á pelo colapso psicológico do inimigo em consequência da propaganda revolucionária. O inimigo será desmoralizado. Será forçado a passar à passividade. Nossa estratégia consiste em aniquilá-lo internamente e conquistá-lo a despeito de si próprio. A confusão dos espíritos, a confusão de sentimentos, a indecisão e o pânico — essas são as nossas armas."

Já Goebbles dizia:

"Precisamos procurar as minorias descontentes, os chefes ambiciosos e corruptos, os inconscientes e fanáticos. Precisamos acentuar seus

agravos, excitar suas paixões, aguçar seus apetites, lançar o pobre contra o rico, o capitalista contra o proletário, o ariano contra o judeu, o contribuinte contra o governo, o soldado contra o general, a geração nova contra a mais velha que é responsável pela ordem estabelecida."

Acredito não ser mais necessário acrescentar qualquer palavra às características tão fundamentais dadas por seus mais fanáticos seguidores — Hitler e Goebbles.

Encerrada mais esta fase de nosso estudo, podemos agora apontar os Meios e princípios de emprêgo da Guerra Psicológica. Já tivemos a oportunidade de constatar que a propaganda é praticamente a Guerra Psicológica atual; assim, podemos defini-la como sendo:

"A propaganda é essencialmente um método de procurar, pôr em ação e coordenar todo o conjunto de meios de persuasão que se prestem para criar, manter e disseminar entre as massas mais ou menos incapazes de serem atingidas por demonstrações puramente racionais, os princípios a fé e o misticismo que permitem à comunidade a viver, prosperar e renovar-se."

Aí temos então claramente o que seja a propaganda, que podemos, num sentido mais didático, reunir nas seguintes formas:

- 1) A propaganda negra.
Ou escondida (Black propaganda), que posteriormente, em nosso estudo, caracterizaremos nitidamente.
- 2) A propaganda branca.
Ou aberta (White propaganda) cujas características também apontarei posteriormente.
- 3) A propaganda estratégica.
Dirigida contra o conjunto da população inimiga, tanto na frente como na retaguarda.
- 4) A propaganda tática.
Que se limita às tropas em campanha.
- 5) A propaganda aliciadora.
Que visa persuadir os indivíduos a abandonarem um grupo para aderir a outro, procurando influir em seus sentimentos.
- 6) A propaganda dissociadora.
Que visa dividir as fôrças inimigas em diversos grupos, como, por exemplo, separar o sentimento da religião do sentimento pátrio, tentado pelos aliados em relação aos alemães, porém sem sucesso.
- 7) A propaganda de consolidação.
É dirigida contra a população civil de uma região ocupada ou das zonas inimigas mais à retaguarda, com o propósito de obter sua colaboração.
- 8) A contrapropaganda.
Preocupa-se de aspectos particulares da propaganda inimiga — procurando refutá-los.

Realizado o estudo anterior que nos trouxe ao conhecimento os tipos mais generalizados de propaganda e sua íntima relação com a guerra psicológica, uma vez que é seu fator primordial, podemos classificar os meios empregados para a realização efetiva de tal ação, que são assim grupados:

I — MEIOS FALADOS.

1 — Os Boatos.

A maior parte dos boatos são de quatro tipos fundamentais:

- a) As mentiras deliberadamente inventadas e divulgadas por certos indivíduos para seu próprio divertimento.
- b) Os boatos nascidos de um fio de conversa ouvida por acaso ou da leitura incompleta de um comunicado ou de um artigo de jornal. O exagero ou deformação propagando essas notícias, modifica completamente o original.
- c) Os boatos nascidos de uma apreciação imatura e imperfeita da situação do momento.
- d) As notícias ciente mente difundidas pelo inimigo (5ª coluna, espiões, rádio, etc) e propagadas de boca em boca, divulgam-se de tal forma que a fonte donde emanam deixa de poder ser descoberta. Este tipo de boato, entra no quadro de propaganda negra, e é o mais perigoso.

2 — O Rádio.

Ele é, por excelência, o meio de comunicação em massa porque junta as vantagens da sua eficácia à sua valiosa individualidade, destinada a comentar constantemente. A guerra de agressão é, atualmente, precedida e reforçada por uma guerra radiofônica. O rádio é como exemplo típico a propaganda branca. Nomes tais como Fardonnet da rádio de Stuttgart, Lord Haw-Haw, Axis Sally ou Tokyo Rose ficaram gravados na memória dos combatentes da 2ª guerra mundial. Citarei apenas uma pequena passagem de uma emissão alemã, por Fardonnet, destinada aos soldados franceses da Linha Maginot:

“Onde estão os ingleses? Vou dizer-vos onde estão vossos camaradas britânicos. Pavoneiam-se por Paris e enchem os cabarés. Já viram algum Tommy na linha Maginot? Evidentemente que não. Soldados franceses, encontrareis os Tommies à retaguarda das linhas com vossas mulheres.”

3 — Os Alto-Falantes.

O emprêgo dos alto-falantes constitui uma forma de Guerra Psicológica que tomou uma extensão cada vez maior durante a 2ª Guerra Mundial. Este meio, nascido quando da Guerra civil na Espanha, conheceu uma evolução bastante lenta antes de ser posta em prática por unidades especializadas. Foi, todavia, utilizada desde 1939 pelos alemães e dirigia-se aos soldados franceses da Linha Maginot. Se o alcance da emissão era relativamente fraco, nem por isso o alto-falante deixava de propagar palavras insidiosas que visavam minar o moral do exército.

Posteriormente, os teatros de operações da África do Norte, Itália e Normandia, assim como os do Pacífico, conheceram o emprêgo do alto-falante montado tanto no avião, caminhão ou jipe, especialmente equipados para êsse fim.

Na Guerra da Coréia os americanos utilizaram alto-falantes montados em jipes, que dissimularam nas montanhas perto das linhas inimigas.

II — MEIOS ESCRITOS.

1 — *Jornais, Brochuras, etc.*

A população alemã deve ter ficado espantada quando viu, numa bela manhã, as ruas juncadas de cigarros, numa altura em que êstes estavam severamente racionados.

Qual não foi a surpresa, ao apanhá-los, o constatarem que um jornal de origem inglesa havia sido enrolado em forma de cigarro. De formato muito reduzido (50 cm²) êste jornal, de quatro páginas, era impresso em papel muito fino, numa tiragem de milhares de exemplares, que foram lançados sobre determinadas cidades alemães.

Nos princípios de janeiro de 1945, quando a ofensiva de Von Rundstedt atingira o seu ponto culminante e quando já parecia votada ao fracasso, os alemães tentaram atingir o moral das tropas americanas em França por intermédio do jornal semanal "The Home Telegram" cujo primeiro número data desta época.

2 — *Panfletos.*

Dois são os meios clássicos de difusão dos panfletos:

a) A Artilharia.

Se as emissões por Artilharia (25 libras britânicas, 105 ou mesmo 155 americanas) apenas constituíram uma percentagem muito reduzida (5%) do conjunto das operações por panfletos, apresentam a grande vantagem de serem precisas e de convir para a propaganda tática, no caso, por exemplo, de unidades cercadas. Podem, por outro lado, satisfazer a "condições de emergência" que nem sempre é possível satisfazer com a aviação, dadas as circunstâncias atmosféricas desfavoráveis.

b) A Aviação.

Transportadas por bombardeiros ou caça bombardeiros, bombas especiais cheias de panfletos e munidas de uma espoléta barométrica, uma vez lançadas, abriam-se a uma determinada altura e o seu conteúdo espalhava-se por cima das linhas inimigas. Alguns destes bombardeiros podiam conter 14.000 panfletos. Os principais temas dos panfletos, versam sobre:

- a) Reprodução de cartas de prisioneiros de guerra que declararam terem sido tratados corretamente.
- b) Fotografias de prisioneiros de guerra em campos de internamento.
- c) Argumentos de natureza política tendentes a provar que se o homem morre pela causa em nome da qual combate o seu país

perderá um cidadão necessário à reconstrução e ao progresso futuros de sua pátria.

- d) Afirmações pelas quais o inimigo declara respeitar as convenções de Genebra.
- e) Promessa ao prisioneiro de lhe dar possibilidade de entrar em comunicação com a família por via postal ou outra.
- f) Apresentação do contraste entre os "arranjistas" da retaguarda e a vida na frente.
- g) Imagens despertando a necessidade sexual.

III — MEIOS VISUAIS E ILUSTRADOS.

Podemos citar, nestes meios os — anúncios, filmes, teatros e exposições.

IV — Meios Materiais.

Tinham na última Guerra, por princípio, salientar a riqueza e a liberdade dos aliados lançando em território inimigo produtos e objetos de que a população estava privada ou que eram severamente rationados, como por exemplo, Sabão — chocolate — fósforos — agulhas, etc.

Terminamos, assim, mais um passo no estudo da Guerra Psicológica, restando-me apenas comprovar, por exemplos, o desencadeamento do assunto em epígrafe, retirados de ações do passado. Assim, posso relatar o fato, em que, procurando criar divergências entre os aliados, foram empregadas as ações que se seguiram:

1) Circulava de boca em boca na França, na ocasião da "guerra de nervos", que a "Inglaterra bater-se-á até ao peito do último soldado francês".

2) Ou então, ainda, o boato que circulava na frente do 8º Exército em África. "Os americanos na Inglaterra divertem-se com as mulheres inglesas".

3) Quando da visita de Mme Chiang-Kai Shek à América, circulou o boato, que, servindo-se da "Lei de Empréstimo e Arrendamento", um senhor tinha se apresentado numa joalheria de Baltimore, e efetuou aí compras cujo total atingia 7.000 dólares, e que, no momento de pagar, o cliente declarou que era o secretário particular de Mme Chiang-Kai-Shek.

4) Um caso citado por Eisenhower na "Cruzada na Europa": "o país estava cheio de boatos, quase governado por êles, e segundo um deles eu era judeu, enviado à este país pelo judeu Roosevelt, para oprimir os árabes e submeter a África do Norte à lei judaica".

Complementando o que foi dito, existem boatos cuja finalidade é abalar a confiança e podemos citar entre êstes um dos mais desastrosos que teve como teatro o Pacífico. Nascido entre os australianos, alastrou-se até às tropas americanas na Nova Guiné. Segundo este boato, a atebrina, empregada como meio preventivo contra a malária, era causa de impotência sexual. O resultado foi que os combatentes da selva deixaram de tomar os seus comprimidos de atebrina. Só este boato custou perto de cinco vezes mais perdas do que as originadas pelas armas japonêssas. Cer-

tas unidades tiveram mais de 80% de perdas devidas "únicamente à malária.

A deturpação dos fatos pelo boato oral é-nos dado por um quase humorístico fato extraído da imprensa europeia referente à tomada de Anvers pelo exército alemão em outubro de 1914:

1) O⁷ jornal alemão "Kolnische Zeitung" publicou a seguinte notícia, notem bem: "Quando a queda de Anvers foi conhecida, tocaram os sinos das igrejas."

2) O jornal "Le Matin", escreveu, sobre o mesmo fato:

"Segundo o "Kolnische Zeitung" o pároco de Anvers foi obrigado a mandar tocar os sinos quando a cidade fortificada foi tomada."

Acompanhem a deturpação dos fatos, já na primeira cópia.

3) Já o jornal "The Times", ainda sobre o fato em foco, transcreveu:

"Segundo notícias de "Le Matin", os padres belgas que se recusaram a mandar tocar os sinos, quando da tomada de Anvers, foram demitidos de suas funções."

4) Agora já é o hebdomadário "Corrieri della Sera" que vem deturpar mais ainda os fatos, redigindo o seguinte em sua edição:

"Segundo notícias transmitidas pelo "The Times" provenientes de Colônia, via Paris, os infelizes padres que se recusaram mandar tocar os sinos quando da tomada de Anvers foram condenados a trabalhos forçados."

Como para comprovar o alcance de um boato, eis que o nosso conhecido "Le Matin" novamente publica notícia, mas já com prisma completamente diferente:

"Segundo informações transmitidas ao "Corriere della Sera" e provenientes de Colônia, via Londres, confirma-se que os bárbaros que conquistaram Anvers castigaram os infelizes padres belgas pela sua heróica recusa de mandar tocar os sinos, pendurando-os de cabeça para baixo, como se fossem badalos."

Dois órgãos aliados, na última grande guerra, eram os responsáveis por uma Guerra Psicológica em grande escala; tais órgãos conhecidos como PWB — MEF (Psychological Warfare Branch, Mediterranean Expeditionary Forces) eram britânicos e funcionavam associados ao seu congênero americano, o USPWB.

Na Normandia e Itália, unidades destas organizações, com seus alto-falantes e outros meios de difusão, intimavam a tropa inimiga a render-se. Preparavam boletins de rendição e notícias, que eram lançados sobre as linhas inimigas pela Artilharia ou Aviação, empregavam rádio de campanha para transmitir ao inimigo notícias recentes e assuntos destinados a baixar o moral de sua tropa.

Em Cherbourg, por exemplo, o emprégo de Unidades de Guerra Psicológica na retaguarda era igualmente muito difundido, publicando-se jornais poucos dias após a tomada da cidade.

Durante muito tempo, foi publicado um jornal semanal, com mapas de guerra atualizados e notícias na língua do país, que era lançado de aviões na Grécia. Fazia parte dos esforços bem sucedidos para levantar o moral dos gregos no território ocupado pelo inimigo.

Na Birmânia foram obtidos bons resultados com a propaganda por meio de utilidades, tais como pacotes de sementes. Aquêles que sabiam ler explicavam aos demais que os pacotes eram enviados pelas forças sino-americanas, suas amigas.

Na Albânia, como resultado, várias guarnições alemães renderam-se às intimidações realizadas, sendo notório o fato de que, em certa ocasião, um só alto-falante aliado, em uma viatura com três homens, capturou 600 alemães.

E vimos assim as diversas atividades, em quase todo o mundo, dos dois órgãos aliados de Guerra Psicológica, deixando-nos mesmo pasmados com a gama de atividades demonstradas.

Podemos concluir a presente nota, respondendo à pergunta inicial, em que se questionava qual seria o propósito do propagandista inimigo ao dirigir-se aos soldados, ou ainda que diria ele aos homens e como diria o que tem a dizer, respondendo que poderá agir por intermédio do MÉDO, o qual pode ser explorado em muitas situações e ocasiões diferentes. Pode ser usado contra uma unidade que vai entrar em linha pela primeira vez, recebendo seu "batismo de fogo"; pode ser explorado antes de um ataque ou quando uma Unidade não puder receber auxílio. O medo pode ser ainda explorado por temas como a "superioridade de material", "alertas de ataque aéreo", "ostentação de maiores recursos humanos" e "demonstrações da confiança do inimigo no resultado da guerra".

Também lançando mão da ESPERANÇA, poderá ser feita uma ação direta aos nossos homens, quando o inimigo empregará temas tais como "a ida para o lar no Natal", a "namorada que está longe" e "cumpimentos pelo aniversário".

Finalmente, será usada a propaganda que vise dividir os elementos de uma Unidade utilizando-se para tal do ÓDIO como tema; assim temos "a aversão pelas distinções entre Oficiais e praças", "o trabalhador civil que fica na pátria fazendo muito dinheiro e passeando com as namoradas", "o alto negociante realizando enormes lucros enquanto o soldado morre", "a falta de esforço dos aliados" e "o preconceito racial".

Esses são, em resumo, as bases do propósito do propagandista inimigo ao dirigir-se aos nossos homens.

E, assim, podemos finalizar o presente estudo, do qual acredito ter podido traçar o perfil exato do que seja a GUERRA PSICOLÓGICA, e não nos esqueçamos nunca:

"A propaganda pode abater o moral de indivíduos e Unidades e predispor-lhos a pressões no cativeiro, a menos que construamos o moral que é o orgulho dos homens bem instruídos, informados e habilmente comandados".

GUERRAS DE CARLOS XII DA SUÉCIA

PRINCÍPIOS DE GUERRA

Cadete JOSE GALVAO DINIZ (do 3º ano da Academia Militar das Agulhas Negras)

Nota da Redação — A História Militar na AMAN, tal como as demais matérias dessa Academia, tem a missão precípua de concorrer para a formação técnico-profissional dos cadetes.

A primeira questão, portanto, que se apresentou ao Curso de História Militar da AMAN, ao estabelecer o atual planejamento de ensino, foi:

"O que precisa o oficial subalterno saber de História Militar?"

Da análise do problema, a qual não podia deixar de abranger uma apreciação da marcha do ensino de História Militar entre nós, chegou-se às seguintes conclusões básicas:

1ª — é mais importante, e mesmo urgente, ensinar, aos futuros oficiais, a estudar a História Militar;

2ª — é necessário, simultaneamente, rever e, sobretudo, ampliar os conhecimentos dos cadetes no tocante aos fatos históricos capitais da Humanidade, em particular os militares.

Para atender à primeira conclusão, fêz-se mister pôr em prática métodos didáticos de **análise** e **síntese** que servissem de sólido alicerce aos estudos de História Militar dos futuros oficiais.

Para a resolução dos problemas de vida prática do oficial subalterno no campo da História Militar — elaboração de uma ordem do dia, de um artigo para revista militar, preparação de uma palestra, principalmente — experimenta-se na AMAN o **método clássico: interpretação, pesquisa, discussão e elaboração**.

No primeiro semestre dêste ano foram apresentados temas através dos quais os cadetes pudessem aprender e praticar notadamente a **interpretação** e a **pesquisa**. Como não podia deixar de ser, tais temas corresponderam aos assuntos de História Geral que estavam sendo revistos e aos demais assuntos de História Militar que estavam sendo ministrados.

As monografias apresentadas pelas turmas do 3º ano representaram um apreciável esforço, tanto mais notável quando se considera que os

cadetes vinham, ao mesmo tempo, realizando outros trabalhos práticos, segundo a diretriz do "aprender, fazendo".

Uma vez que as condições estabelecidas pelos instrutores para a interpretação do problema era a de que o trabalho elaborado devia destinar-se também à publicação numa revista, como "A Defesa Nacional", esta abre suas páginas, a partir dêste número, para alguns dos trabalhos que melhor corresponderam a essa finalidade.

I — GENERALIDADES — Durante o desenrolar da vida do homem no mundo, há um fato constante através dos séculos: a luta, com os mais diferentes fins.

Primeiro, o homem lutava para sobreviver. Defendendo-se ou atacando, ele se batia pela sua permanência entre os vivos. Depois, uniram-se uns aos outros a fim de combaterem por uma necessidade comum. Formaram-se povos e nações. Guerras sangrentas, houve muitas, como a História Militar dos povos nos mostra. Os métodos de combater e os estudos sobre o combate e a batalha foram cada vez mais aperfeiçoados.

Esta constante da qual falamos no início é o que chamamos de **Fator Militar**. Nossa propósito, neste trabalho, é fazer um estudo sobre uma de suas parcelas, os "Princípios de Guerra", seu uso ou não e suas consequências por parte de Carlos XII, rei da Suécia, em suas campanhas nos fins do século XVII e começo do século XVIII.

II — PRINCÍPIOS DE GUERRA — Se estudarmos as campanhas de todas as guerras e fizermos uma análise das mesmas, encontraremos algumas regras, nem sempre imutáveis, mas que, se bem empregadas, geralmente dão a seus seguidores grandes possibilidades de sucesso. Desde o início da História, os interessados no assunto, isto é, os grandes combatentes e estrategistas, vêm lançando suas normas e regras. Já no século VI AC encontramos Sun Tse com suas Regras da Arte Militar. No entanto, é nas Idades Moderna e Contemporânea, com Jomini e Clausewitz, o primeiro construindo e apoiando sistemas, o segundo criticando-os e os combatendo, bem como com Napoleão, tanto como analista quanto inspirador de novos métodos de aplicar velhas manobras, que a guerra toma feições de arte e ciência. Ciência porque começava a se basear em causas e efeitos, arte porque necessitava, como ainda hoje, do homem, de suas malícias, de sua inteligência, de suas virtudes e defeitos. Nesse tempo foi que Jomini lançou a frase: "Eles querem a guerra demasiado metódica, excessivamente compassada; eu a faria viva, intrépida, impetuosa, talvez mesmo algumas vezes audaciosa".

Estes dois oráculos da Guerra Moderna, Antoine Henri Jomini e Clausewitz, juntamente com Napoleão, podem ser considerados como os verdadeiros organizadores dos Princípios de Guerra atuais.

Nem todos os países adotam os mesmos nomes para os mesmos princípios. Uns deixam de considerar alguns princípios, porém, em essência,

todos têm suas regras fundamentais, aceitam-nas e as adotam em suas instruções e campanhas. No estudo que fazemos, usaremos as denominações do nosso manual C-100-5. Eis-los:

1. Objetivo — “Toda operação militar deve ter um objetivo claramente definido, decisivo e praticável”. O objetivo é a própria razão de ser da operação a se empreender, e se refere ao efeito final desejado; logo, ele tem que existir, ser claramente definido e, sua realização, decisiva e praticável, para que haja um verdadeiro sucesso na operação.

Ao lado do conceito de objetivo, temos que juntar a idéia de persistência na conquista do objetivo. Não há dúvida de que, não havendo continuidade na procura e emprêgo de constantes esforços para a concretização do objetivo, a operação será desastrosa. A História está cheia de exemplos de chefes que não conseguiram seu intento por falta de persistência, apesar de definirem, clara e simplesmente, seu objetivo.

Era, na época de Carlos XII, um dos objetivos nacionais da Suécia, a manutenção do “parapeito” meridional do Báltico, faixa costeira entre a Dinamarca e a Rússia; desejava, também, a Suécia o domínio isolado de todo o Mar Báltico.

No campo estratégico, Carlos XII soube muito bem definir seu objetivo, bem como persistiu e lutou pelo mesmo durante todo o seu reinado, pois todas as suas campanhas visaram, direta ou indiretamente, à conservação das terras banhadas pelo Báltico, principalmente nas desembocaduras dos grandes rios e nos estreitos que ligam esse mar interior ao Mar do Norte.

Infelizmente, para os Suecos, no plano tático, Carlos XII, em algumas campanhas, não soube aplicar, tão bem como no estratégico, este princípio. Senão vejamos suas principais guerras:

1.1 — NARVA — Nesta batalha, em que foi fixado o objetivo de destruir as forças inimigas, Carlos XII não definiu bem ou não soube distinguir quais eram seus principais e mais perigosos adversários. Não teve visão suficiente para sentir que os Russos eram mais importantes que os Poloneses para a preservação de seu objetivo. Apesar de vencer essa batalha, ele não se aproveitou dessa vitória.

1.2 — INVASÃO DA RÚSSIA — Nela Carlos XII falhou quanto à persistência no objetivo fixado, pois, tendo como meta a conquista da Capital Russa e estando a poucos dias de jornada da mesma, expôs todas suas rotas de suprimento aos adversários, fazendo uma marcha forçada de mais de 400 léguas, para unir-se a Mazzepa que lhe trouxe 6.000 homens apenas.

1.3 — POLTAVA — Aí, onde foi bem empregado este princípio, Carlos XII falhou em outros.

2. Ofensiva — É doutrina corrente em todas as Fôrças Armadas dos vários países que “só a ofensiva conduz à vitória”. Não resta dúvida que a defensiva pode ser usada, mas seu uso se restringe em evitar a

derrota ou como preliminar de preparativos para novas campanhas ofensivas, a fim de que se tenha "liberdade de ação" e "iniciativa" que, aplicadas de maneira correta, dão a seus detentores as possibilidades de serem mais fortes no ponto decisivo e, agindo ofensivamente nesse ponto, conseguirem a concretização do objetivo, isto é, a vitória. De tal modo é seguido êsse princípio que existem chefes a professar que, mesmo sendo mais fracos, deve-se atuar ofensivamente nos pontos críticos da campanha.

Este princípio foi de muita valia para Carlos XII. Ele soube usá-lo bem e o empregou com bastante freqüência. O principal aproveitamento dêsse princípio, por parte de Carlos XII, deve-se à rapidez com que deslocava seus exércitos, à perfeição com que executava êsses movimentos e à facilidade com que manobrava suas forças. Vejamos, quanto a êsses aspectos, uma a uma, suas campanhas:

2.1 — NARVA — Com menos de 9.000 homens, Carlos XII derrotou mais de 40.000 Russos, em menos de meia hora, tudo porque soube agir com rapidez e atuar de modo ofensivo nos pontos críticos. No entanto, ele cometeu o êrro, do qual já se falou acima, de não continuar ofensivamente na conquista de seu objetivo.

2.2 — INVASÃO DA RÚSSIA — Aí, nós podemos ver o poder ofensivo de Carlos XII. Nessa campanha, ele se aprofundou no coração da Rússia, abrindo uma brecha de Norte a Sul do País. Chegou bem próximo da consecução de suas metas, não as atingindo por causa da falha já comentada no "princípio do objetivo".

2.3 — POLTAVA — Novamente podemos sentir o grau de dinamismo que se apossava de Carlos XII. Com grande inferioridade numérica, 24.000 combatentes (Suecos, Cossacos e Valáquios) contra 60.000 Russos, atacou-os, tomado a ofensiva e conseguindo transpor algumas linhas inimigas. Pena, para ele, é que não tenha usado, com a mesma sagacidade outros princípios.

2.4 — CAMPANHA DA DINAMARCA — Nesta campanha, também peculiarmente ofensiva, ele foi morto em Friedrikshall, a 11 de dezembro de 1718, encerrando-se aí o período áureo das conquistas suecas.

3. Simplicidade — "A simplicidade deve ser o traço predominante das operações militares". Napoleão dizia: "a arte da guerra é simples e tôda de execução". A simplicidade deve atingir a todos os escalões, partes administrativas, organização e tudo o mais referente à campanha. É voz comum que "na guerra só dá resultado o que é simples e fácil".

Não temos dados em número suficiente para fazermos uma análise preciosa das campanhas de Carlos XII, sua organização básica quanto à administração e ao modo de se transmitir as ordens, nem do teor de suas ordens. No entanto, podemos garantir que as manobras idealizadas por ele, para executar durante a batalha de Narva e a invasão da Rússia, foram simples e, nesta última, até o ponto em que ele abandonou a

estrada real, fugindo, assim, do caminho lógico de dirigir-se a Moscou e, seguindo para Ucrânia, a fim de receber um pequeno refôrço que não valeu o esforço despendido. Na batalha de Poltava, o seu dispositivo já não apresentava a mesma simplicidade que caracterizou suas campanhas no inicio de seu governo. Até mesmo as suas ações eram um pouco confusas, como vemos pela maneira como quis travar o combate. Assim, perdendo com a idade a naturalidade e a sutileza, Carlos XII foi se confundindo em meio a suas idéias e atrapalhando-se nas finalidades das guerras que seu país sustentava.

4. Unidade de Comando — “A aplicação decisiva do total da potencialidade combatente exige unidade de comando”. A unidade de comando é ainda mais necessária para se realizar os princípios do objetivo da massa ou concentração e da ofensiva, a fim de que se possa conseguir a “liberdade de ação”, a iniciativa e a ação ofensiva no ponto decisivo. A unidade de comando é conseguida através de uma unidade de esforço, da cooperação entre as forças combatentes e da definição clara e limitação exata do campo de responsabilidade de cada escalão de comando. Todos, nos vários países, confirmam a necessidade da existência e aceitam essa unidade para que haja uma ação organizada, fácil de ser realizada e executada fielmente.

Pelas suas características independentes, pela descendência de reis absolutos, as campanhas de Carlos XII possuem os traços que nos levam a afirmar que, em seus exércitos, era quase que rígidamente seguido o princípio da Unidade de Comando. Ele era o comandante supremo de todas as forças suecas e, onde que estivesse um seu exército travando uma importante batalha, lá estava Carlos XII, com sua figura de guerreiro ímpar, a guiar seus homens para a vitória ou para a derrota, a êle cabendo as consequências de seus atos.

Com os dados que possuímos, não podemos definir as responsabilidades de cada escalão de comando, na organização de seus exércitos. No entanto, podemos asseverar que havia um escalonamento preciso para que houvesse tanta perfeição nas manobras; podemos, com certeza, assegurar que havia um campo de ação distinto e limitado para cada chefe, a fim de que os movimentos decorressem de maneira precisa e correta. Em Narya, na Polônia, na invasão da Rússia, em Poltava ou na Dinamarca, era sempre nas mãos de Carlos XII que se enfeixava todo o comando das tropas suecas. Não podemos ter exemplo melhor do princípio da Unidade de Comando que o apresentado pelo rei Carlos XII em suas campanhas, pela defesa de seus objetivos.

5. Manobra — A manobra tem por finalidade modificar o poder relativo das forças combatentes. A finalidade de seu emprégo é encontrar uma situação vantajosa em relação ao inimigo para vencê-lo ou, pelo menos, não deixá-lo alcançar a vitória. É empregado, tanto na defensiva como na ofensiva e tem uma relação íntima com o princípio da massa e do objetivo. Não poderia ser de outra maneira, para que possamos compreender o significado da “situação vantajosa”. Seu emprégo

exato depende da capacidade do chefe e de sua facilidade em conceber idéias que retirem vantagens de qualquer situação.

Nas campanhas de Carlos XII, temos dois exemplos flagrantes de como se deve executar uma boa manobra. No desenrolar dos fatos anteriores à batalha de Narva, pelas manobras que Carlos XII concebeu e realizou, pôde estar em Narva para agir de maneira ofensiva no ponto chave da batalha e destroçar o exército adversário num pequeno lapso de tempo. Na invasão da Rússia, manobrando aqui e ali, movimentando-se de uma maneira segura e real, Carlos XII estêve bem próximo da conquista do território russo, não fôra a falha do episódio da Ucrânia. Carlos XII soube muito bem aquilatar o valor das manobras no combate.

6. Massa ou concentração — Aqui usamos o termo concentração porque alguns observadores o adotam, como o Cap Fragata J. H. Uuwin: "No ponto decisivo deve-se empregar um potencial esmagador". Esta máxima dita por Napoleão e por él é utilizada em quase todas as campanhas, tornou-se a mola principal de toda a arte da guerra. "Rompido o equilíbrio, o resto está perdido". É a finalidade explícita dêsse princípio: romper o equilíbrio nos pontos decisivos. Tudo o mais se consegue, conseguido isto.

Esse princípio implica em conseguir todos os meios capazes de contribuir para a consecução do objetivo. Esses meios vão desde a concentração de fôrças e fogos até à escolha apropriada da tropa a ser em pregada em determinada operação.

Pela análise que fizemos acima, nos outros princípios, já podemos dizer, de antemão, que Carlos XII sabia agir ofensivamente, sabia escolher o objetivo tático (não persistia na conquista), porém vemos que él não era um grande adepto do princípio da massa. Senão vejamos: ao ser vitorioso em Narva, Carlos XII, ao invés de se dirigir à Rússia para destruir e conquistar o mais perigoso inimigo, encaminhou-se para a Polônia, onde se meteu em pequenas lutas intestinas que duraram seis anos e só serviram para desgastar seu exército. Após consolidado o trono de Estanislau na Polônia, él se dirigiu à Rússia, deixando na Polônia 10.000 de seus melhores homens. Por aí vemos que él não seguiu o princípio da massa. Quando Carlos XII se dirigiu para a Ucrânia, pode-se imaginar que él estaria utilizando êste princípio, mas isto carece de uma observação. O reforço que él recebeu não chegou a cobrir o desfalte que sofreu durante o movimento e, principalmente, deixou um flanco de 400 léguas à plena disposição do inimigo. Outra vez él violou o princípio da massa, pois não utilizou todos os meios para atuar no ponto decisivo, no caso, a capital russa.

7. Economia de Fôrças — Em qualquer local, a não ser nos pontos chaves e decisivos, só se deve executar ações secundárias com os meios estritamente necessários, a fim de não prejudicar a ação principal e se conseguir o emprêgo de um potencial esmagador nesta ação. Daí podemos concluir que êste princípio encerra o emprêgo correto e comprehende a distribuição exata de todos os meios disponíveis. É lógico que a concen-

tração num ponto força a economia em outros e que a economia de fôrças só deve ser levada até um ponto que não prejudique a ação principal. Uma depende da outra.

Do estudo feito no princípio da massa, concluímos que lá, como aqui, Carlos XII não se saiu bem, pois o emprêgo incorreto de um desses princípios acarreta a má orientação no outro.

8. Surpresa — É o princípio mais conhecido e que mais se deseja utilizar. A seu modo de ver, todos sentem que a surpresa é uma fôrça que aumenta a potencialidade e, muitas vezes, determina o destino de uma batalha. Ela modifica o equilíbrio e, quase sempre, consegue aquela situação vantajosa a que nos referimos. Tem por finalidade superar a segurança do inimigo e, com isso, restringir-lhe o livre-arbitrio.

Nas manobras de Carlos XII sentimos claramente que ele usava esse princípio a seu bel-prazer. Devido à rapidez de seus contragolpes, principalmente antes da batalha de Narva e durante a invasão da Rússia, ele usou e abusou desse princípio. Até mesmo na batalha de Poltava, onde suas fôrças puderam ser destroçadas, Carlos XII agiu com surpresa, atacando, quando seus adversários pensavam que ele ia se instalar defensivamente.

9. Segurança — É essencial na aplicação dos outros princípios. Qualquer operação feita sem segurança está fadada ao insucesso, principalmente se for baseada na surpresa. Visa, primordialmente, a evitar que o inimigo consiga a surpresa e, em segundo plano, esconder ou simular nossas intenções.

Se Carlos XII foi tão feliz no emprêgo do princípio da surpresa, não foi tanto no princípio ora em causa. Em Narva, quando deixou de perseguir os Russos, cometeu uma falha de segurança. Na invasão da Rússia, quando deixou suas vias de suprimento expostas ao inimigo, cometeu outra falha de segurança, fundamental na sua derrota em Poltava.

III — CONCLUSÃO — Eis, o que podemos dizer do último grande conquistador da Suécia, combatente emérito, mas ao qual faltou uma visão integral do problema que debatia.

BIBLIOGRAFIA

1. Santos, Ten-Cel F. Ruas. **Teoria e Pesquisa em História Militar**. Editora Escolar — AMAN — 1961 — 201 pág.
2. Santos, Ten-Cel F. Ruas. **Guerras da Idade Moderna**. AMAN — 1960 — 206 pág.
3. Jomini, Antoine Henri. **A arte da Guerra**. Trad do Maj Napoleão Nobre. Biblioteca do Exército. 1949. 150 pág.
4. Charques, R. D. **História da Rússia**. Editorial Ágora — 1956. 270 pág.

5. Vives, D. Jaime Vicens. **Mil Lecciones de la Historia.** Instituto Gallach de Libreria e Ediciones — 1951 — 301 pág.
6. Foch, Marechal F. **Des principes de la Guerre** — Berger — Levrault — 1931. 341 pág.
7. Cantu, César. **Histoire Universelle** — Tome Seizième-Chez Firmin Didot Frères, Fils & Cie. 1942 — 828 pág.
8. Lathrop, Ten-Cel Art. A. B. — **Military Review** — Junho de 1959 — Princípios de Guerra na Idade Nuclear.
9. Connolly, Maj Com R. D. — **Military Review** — Março de 1957 — Princípios de Guerra e a Psiguerria.
10. Lippman, Major Inf G. J. Mil Rev — Fev 1959 — Jomini e os Princípios de Guerra.
11. Canadian Army Journal — Dezembro de 1947. — Os Princípios da Guerra.
12. Unwin, Cap Frag J. H. **Military Review** — Fevereiro de 1948. Princípios da Guerra.

Ag Negras, 26 de junho de 1961.

ESTUDO GEOGRÁFICO DO URUGUAI

(Continuação do número anterior)

Tenente-Coronel DARCY ALVARES NOLL

I — FATORES FISIOGRÁFICOS

CLIMATOLOGIA

ELEMENTOS E FATORES DO CLIMA E SUA INFLUÊNCIA SÔBRE O SOLO

a — Características gerais — Sendo país relativamente pequeno e carecendo de relevos importantes, o clima do Uruguai é bastante uniforme, não existindo diferenças notáveis a este respeito, mesmo nos pontos extremos do território. Não se pode, pois, falar em regiões climáticas, pertencendo o país, em conjunto, ao clima temperado quase marítimo, com abundantes precipitações (média de 1.000 mm de chuvas caídas em um ano para Montevidéu e de 1.350 mm para Rivera), muito superior à quantidade média de chuvas que caem sobre o globo terrestre (850 mm).

Há contudo, grande irregularidade anual dos totais pluviométricos. Assim, enquanto no ano de 1914 se registraram 2.400 mm, nos anos anteriores, 1911 e 1912 foram registrados 1.270 mm e 1.500 respectivamente, baixando em 1916 para 570 mm. Fato semelhante ocorreu em 1924 (665 mm) e 1925 (1.920 mm).

A temperatura média para Montevidéu é de 16,5°, e para Salto uns três graus mais.

A oscilação média anual da temperatura não é muito acentuada e o vento poucas vezes alcança velocidade que o torne temível.

Esta uniformidade deduzida pelas observações a longo prazo é, contudo, contrabalançada por uma variação muito acentuada em curtos espaços de tempo, sendo freqüentes as variações súbitas de temperatura e as mudanças de direção do vento. Como exemplo consigna-se o ocorrido em Mercedes, em 13 de fevereiro de 1914 quando a temperatura desceu 18° em pouco mais de 1 hora. Passam-se, às vezes, largos períodos sem que caia uma gôta-d'água para, em seguida, produzirem-se chuvas pesadas separadas por pequenos intervalos.

No rio do Prata ocorrem, com freqüência, durante o inverno (de junho e agosto) intensas cerrações que dificultam sobremodo a navegação. Tal fenômeno acontece, também, na extensa faixa terrestre a élê contígua, até a desembocadura do rio Uruguai (média de 15 a 20 dias por ano).

b — Temperatura — As temperaturas médias anuais são: verão 23° e inverno 12°, dando uma média anual para o território de 18°. Raramente se registram temperaturas abaixo de zero (mínimo registrado — 5°, em Montevidéu). Os verões são relativamente quentes tendo já sido registradas temperaturas de 43° (janeiro de 1917) em Montevidéu e 44° em Mercedes.

As isotermas anuais apresentam-se segundo curvas páralelas à costa crescendo de SE para NW o que indica a ação amenizadora do mar.

c — Ventos — Os ventos mais característicos do Uruguai são o Norte e o "Pampero" (que sopra normalmente de SW).

O vento Norte, geralmente quente e úmido, consiste num ar tropical que periodicamente se derrama sobre o território uruguai, determinando aumento gradual de nuvens e fazendo baixar as águas do Prata.

O "Pampero" procede geralmente do Pacífico e, ao buscar uma passagem através da cordilheira dos Andes, se esfria e perde seu excesso de umidade. Como vento seco e veloz cruza, sem encontrar obstáculos, parte da Patagônia e do Pampa argentino, chegando ao Prata como ar procedente de SW. Encontrando o ar Norte obriga-o a retroceder e a abandonar seu excesso de vapor-d'água em forma de chuvas.

Do sul chega periodicamente o ar das regiões frias em ondas gigantescas que por espaço de vários dias determinam acentuado declínio de temperatura. Como o "Pampero" descarrega, também, as chuvas.

Entre o ar frio procedente do sul e o ar tropical do norte se desenrola uma constante luta pelo predomínio; ao largo da linha ou zona de contacto de ambos ocorre a maioria das perturbações atmosféricas.

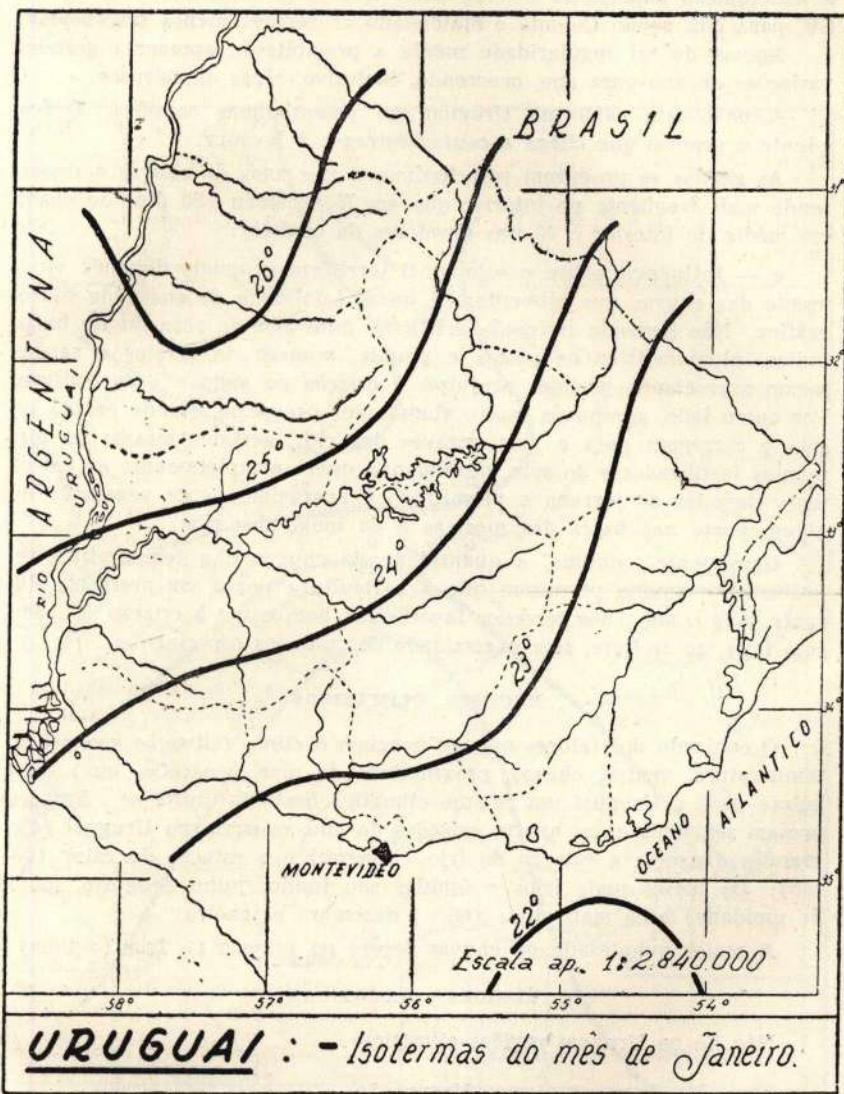
Outros ventos freqüentes no país são os de SE (Sudéstadas) que sopram do mar e refrescam a atmosfera, determinando simultâneamente aumento de umidade.

Em tempo normal, atuam na zona costeira as brisas terrestres (do N e NW) e a marinha (de E e SE). A primeira ocorre nas horas anteriores ao meio-dia e a segunda após.

Pouco freqüentes, porém, caracterizadas por sua grande intensidade, são os ventos de W. Em algumas oportunidades chegam a adquirir 150 km/h.

d — Umidade, chuvas, geadas e granizo — Em média, a atmosfera no país se mantém com relativamente alto grau de umidade, devido à proximidade do mar e à periódica influência do ar tropical.

Os meses mais secos para Montevidéu são dezembro e janeiro (verão); os mais úmidos junho e julho (inverno).



URUGUAI : - Isotermas do mês de Janeiro.

Carta da 2ª Sét Desenhista Antônio Cesar Rodrigues

Sel. Geral do EME/MG/Rio-4/1/1959

ESCALA GRÁFICA

18.4 Km 22.4 26.8 31.2 35.6 40.0 44.4 Km

Fig. 9

As chuvas ocorrem no território uruguai durante tôdas as estações do ano, regularmente, com ligeiro predomínio no outono. Com relação à distribuição superficial pode-se dizer que a pluviosidade aumenta de SW para NE, sendo Colonia e Maldonado as regiões menos favorecidas.

Apesar de tal regularidade média a precipitação apresenta grandes variações de ano para ano, ocorrendo, inclusive, sécas desastrosas.

A neve tem caído no Uruguai em pouquíssimas ocasiões. É frequente o granizo que chega a causar estragos à lavoura.

As geadas se produzem principalmente nos anos de chuvas escassas, sendo mais freqüente no interior que em Montevidéu (50 dias de geada em média no interior e 20 nos arredores da capital).

e — Influência sobre o solo — O território uruguai depende vitalmente das chuvas que alimentam a quase totalidade de sua rede hidrográfica. Não havendo irrigação artificial, num ano de seca ou de baixo índice pluviométrico os pastos e grande número de arroios e sangas secam acarretando grandes prejuízos à criação de gado e à agricultura. Por outro lado, as chuvas muito abundantes provocam grande erosão no solo e carregam para o mar, através dos rios, grandes massas de elementos fertilizadores do solo, desnudando quase completamente as partes mais elevadas do terreno e permitindo o aparecimento de vegetação de algum porte nas bases das mesmas e ao longo dos rios.

Geralmente, contudo, a quantidade de chuvas e a temperatura relativamente amena permitem que a agricultura possa ser praticada durante todo o ano (nos terrenos favoráveis) bem como a criação de gado seja feita, ao ar liyre, sem necessidade de cuidados especiais.

REGIMES CLIMATICOS

O conjunto dos fatores que influenciam o clima (situação geográfica, temperatura, ventos, chuvas, proximidade do mar, orografia, etc.) estabelece para o Uruguai um regime climático bastante uniforme. Embora possam ser sentidas as quatro estações do ano, ocorrem no Uruguai duas grandes divisões: a estação do frio (inverno) e a estação do calor (verão). Os meses mais frios e úmidos são junho, julho e agosto (80% de umidade) e os mais secos (68%) dezembro e janeiro.

A maior quantidade de chuvas ocorre na estação do frio (outono).

REGIOES CLIMÁTICAS

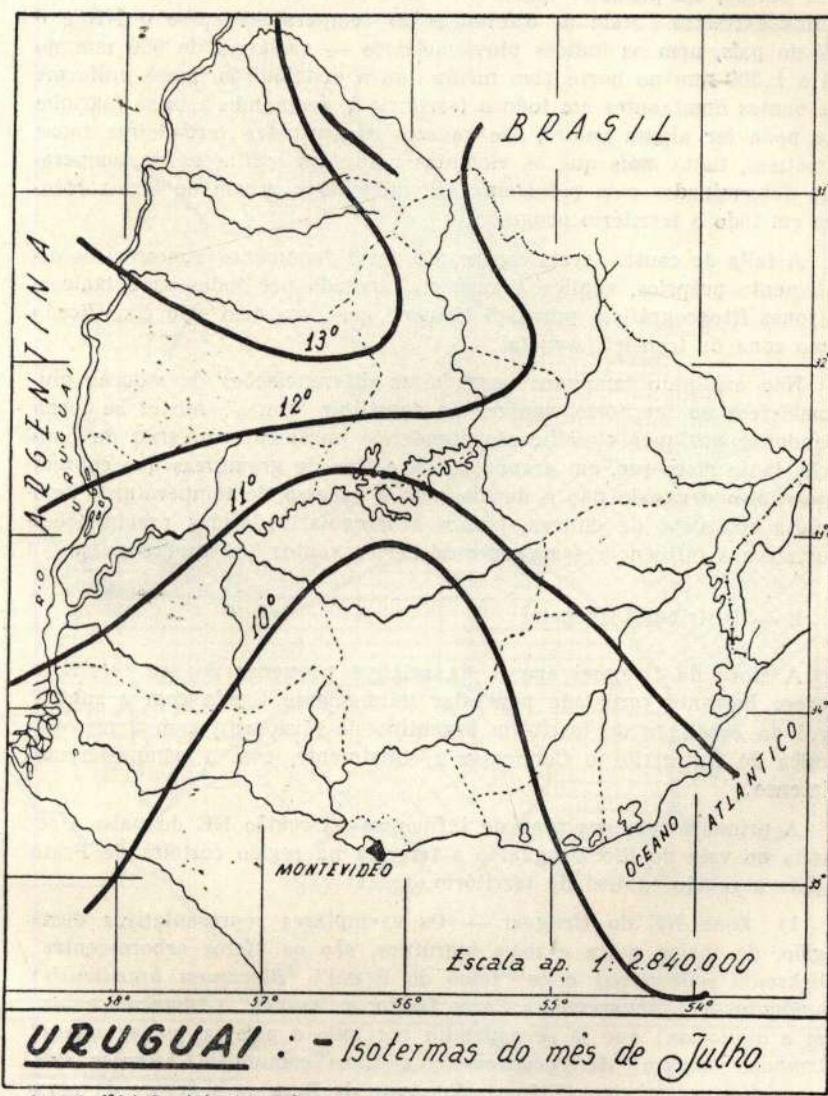
Não há no Uruguai regiões climáticas.

VEGETAÇÃO

Revestimento florístico, espécie e áreas cobertas (zonas de vegetação)

a — Generalidades

Segundo Giuffra, seria tarefa vã pretender buscar uma relação estreita entre o clima e a vegetação do solo uruguai.



Cópia de AP398 Desenhista Antônio Cesar Rodrigues

Saída da EME/ME/280 - 4/1/1939

ESCALA GRÁFICA
224 km 284 160 89,2 112,8 142 km

Fig. 10

A isso se opõe uma série de causas. A primordial é que não existe diferenciação climatológica importante, entre as regiões geográficas do país, devido, em primeiro lugar, à escassa diferença de latitude dos seus pontos extremos. Nem as diferenças da temperatura entre o NE e o SW do país, nem os índices pluviométricos — variáveis de 980 mm no sul a 1.300 mm no norte (em média) ou a distribuição quase uniforme dos ventos dominantes em todo o território (excetuando a brisa marinha que pode ter algum valor), são capazes de assinalar verdadeiras zonas climáticas, tanto mais que as violentas e rápidas oscilações de temperatura determinadas pela paisagem dos anticíclopes, atuam de forma idêntica em todo o território uruguai.

A falta de causas locais capazes de gerar fenômenos atmosféricos estritamente próprios, explica a ausência, anotada por todos os botânicos, de zonas fitogeográficas puras. O Uruguai, por isso, tem sido classificado como zona de transição vegetal.

Não existindo tampouco verdadeiras diferenciações de valores pluviométricos no território, capazes de constituir "zonas", mister se torna abandonar qualquer classificação atendendo puramente ao grau de umidade, tanto mais que, em grande parte, o tipo de gramíneas que cobrem o território uruguai não é devido nem a excesso de temperaturas nem à falta completa de chuvas, porém à irregularidade das precipitações pluviais e à influência evaporante de certos ventos ("Pampero").

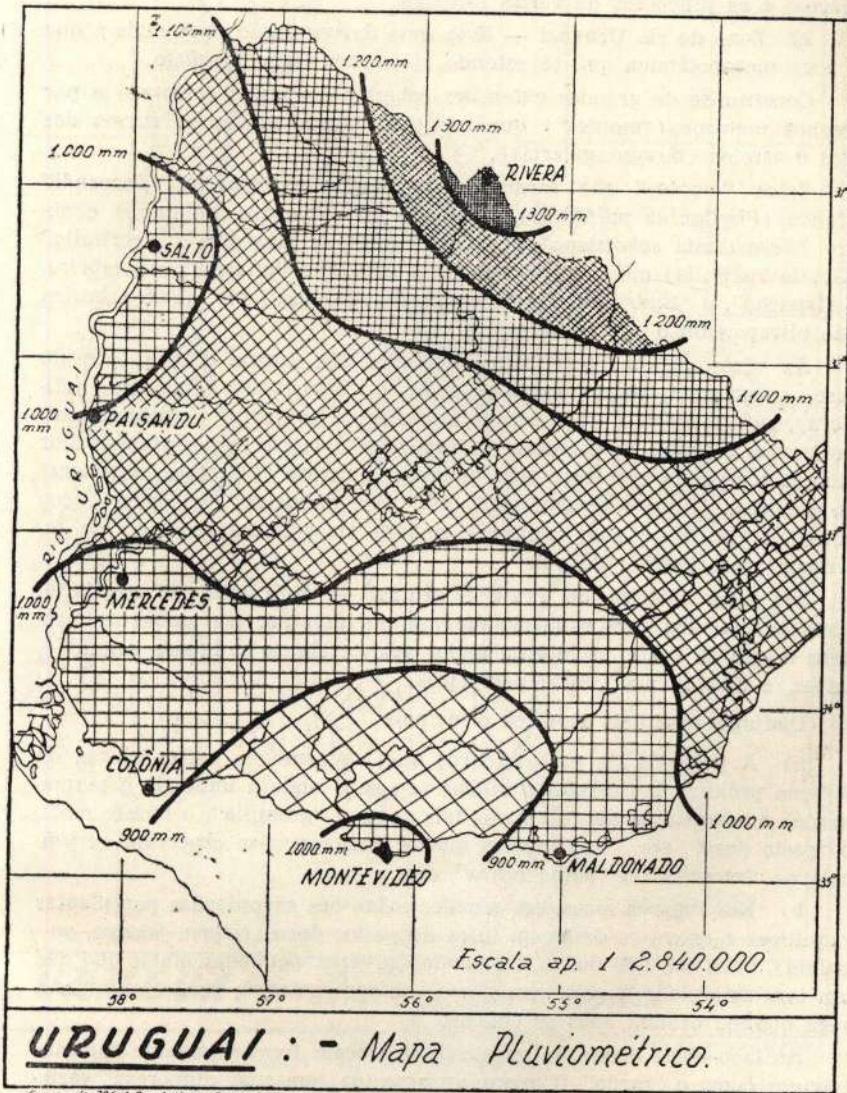
b — Distribuição vegetal

A flora do Uruguai apesar da relativa pequenez do seu território oferece bastante variedade por estar intimamente ligada com a subtropical do Brasil (e do território argentino de Misiones), com a mesopotâmica de Entre Ríos e Corrientes e, finalmente, com a pampeana rioplataense.

A primeira tem sua zona de influência na região NE do país; a segunda no vale do Rio Uruguai e a terceira na região costeira do Prata e toda a região central do território.

1) Zona NE do Uruguai — Os exemplares representativos desta região, de maior porte e mais higrófilos, são os "fetos arborescentes" (*Dicksonia sellowiana*) e os "fetos do Brasil" (*Blechnum brasiliensis*) abundantes em Tacuarembó e Cerro Largo; a "avenca" (*Adiantum cuneatum* e *digitatum*) que já se expandiu por todo o país; a "câna-taquara" (*Ezmbuso tacuara*) de Tacuarembó; a "cana comum" (*Chusquea uruguensis*); a goiabeira (*Feijoa sellowiana*, de Bera) e a árvore da ervamate (*Ilex paraguayensis*, *Ilex dumosa*) da Tacuarembó e Treinta y Tres; o "caraguatá" (*Aechmea legrelliana*) e o "quillay" ou "sabão de pau" (*Quillaja brasiliensis*); o "higueron", parasita das palmeiras às quais mata enroscando-se em seus troncos e ramos.

Exemplares muito típicos da flora subtropical são os palmares de Rocha (San Luis e Castillo).



5a Série da ENKE / MG / Rio 4 / 1958

Ao longo da costa atlântica e platense o clima marítimo e a salinidade das areias determinaram a formação de vegetação especial. Assim podem ser encontradas, formando uma franja litorânea, as quenopodiáceas e as juncáceas de várias espécies.

2) Zona do rio Uruguai — Esta zona de vegetação nada mais é que a zona mesopotâmica que se estende até o território uruguai.

Constitui-se de grandes extensões cobertas de pastos (campos) e por trechos matosos ("montes") que em geral acompanham os cursos dos rios e arroios (bosques-galerias).

Esses "montes" são formados das seguintes espécies: "sarandi" branco (*Phyllanthus pulchirius*), vermelho (*Cephalanthus glabratus*) e negro (*Sebastiania schottiana*) de ramos longos e flexíveis; o "corinillo" (*Scutia buxifolia*) utilizado para fabricar carvão; a "pitanga", a goiabeira, o "lapacho", o "timbó", o "ingá" (*Inga uruguayensis*) etc. Tais arbustos não ultrapassam 6 metros de altura.

As vezes, os "montes" estão afastados dos cursos d'água e, neste caso, constam de outras espécies como o "algarrobo" (*Prosopis juliflora*), cuja madeira dura e pesada, semelhante ao cedro, é utilizada para dormentes e postes de estacada; o "espinillo" (*Acacia farnesiana*) de flor olorosa e madeira excelente para queimar, o "araçá" (*Myrthus cuspidata*) de saboroso fruto, o "quebracho" etc. As palmeiras "yatay" (*Cocos yatay*) e "butiá" (*Cocos capitata*) embora em número reduzido, se estendem até o interior do país.

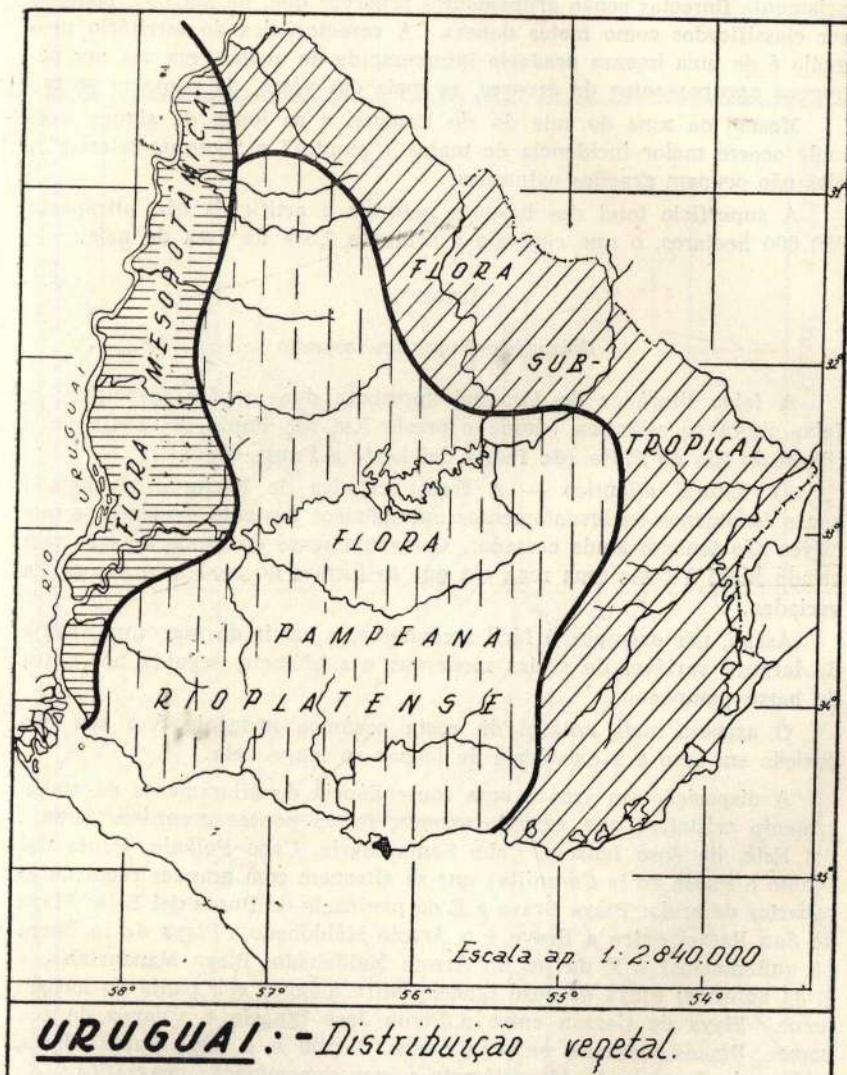
3) Zona costeira do Prata e central — Esta zona de vegetação também chamada pampeana rio-platense por dominar em ambas as margens do rio da Prata, se interna muito pelo território uruguai, seguindo, talvez, a direção dos ventos pampeiros.

Distinguem-se dois aspectos principais:

a) A pradaria de pastos tenros que crescem nas partes baixas do terreno próximo aos arroios e sangas (ou seja, onde a umidade é permanente) e constituída de gramíneas tais como a "gramilla", o "pasto mel", o "pasto doce", etc. Nos lugares que se encharcam se observam os juncais, os "totorales", a "palha brava", etc.

b) Nos lugares secos, em grandes extensões esverdeadas por plantas raquícticas e ervas, se destacam tufos de pastos duros (*stypa, festuca, pas-palum*), a'tos até 1,50 metro, formando, às vezes, pequenas matas que dão um tom amarelado à paisagem por só se apresentarem verdes na primavera quando brotam após as chuvas.

Ao lado desta classe de vegetação aparecem freqüentemente espécies intrusas como o "cardo" (*Cynara cardunculus*) em suas numerosas variedades. A "chirea" (árvore da família das euforbiáceas) é um arbusto perene apesar das prolongadas sécas que assolam de quando em vez o território uruguai. Por último, o "ombu", típico da zona pampeana, de tronco grosso e espessa ramagem, que lembram o baobá africano, é comum no Uruguai. Geralmente longe dos cursos d'água é encontrado formando espessos bosques nas encostas do Cerro Arequita (Lavalleja).



c — Área coberta

O Uruguai é bastante pobre em revestimento florestal. Não há propriamente florestas senão grupamentos arbóreos que, no máximo, poderão ser classificados como matas densas. A característica do território uruguai é de uma imensa pradaria interrompida de quando em vez por pequenos agrupamentos de árvores, as mais das vezes, de pequeno porte.

Mesmo na zona do vale do rio Uruguai e ao longo de alguns rios, onde ocorre maior incidência de matas ("montes" e "bosques-galerias"), elas não ocupam grandes extensões.

A superfície total dos bosques naturais e artificiais não ultrapassa 490.000 hectares, o que equivale a somente 2,5% da área do país.

LITORAL

Faixa litorânea, seu aspecto

A faixa litorânea do Uruguai apresenta duas seções principais: a faixa litorânea atlântica (desde o arroio Xuí até Punta del Leste) e o litoral do Rio da Prata (de Punta del Leste a Punta Gorda).

a) Litoral atlântico — A costa oceânica de Rocha e Maldonado acusa fenômenos de levantamentos epirogênicos bastante evidentes e que talvez não tenham ainda cessado. O levantamento do fundo do mar tem criado junto à costa uma zona em que as formas do modelado são muito variadas.

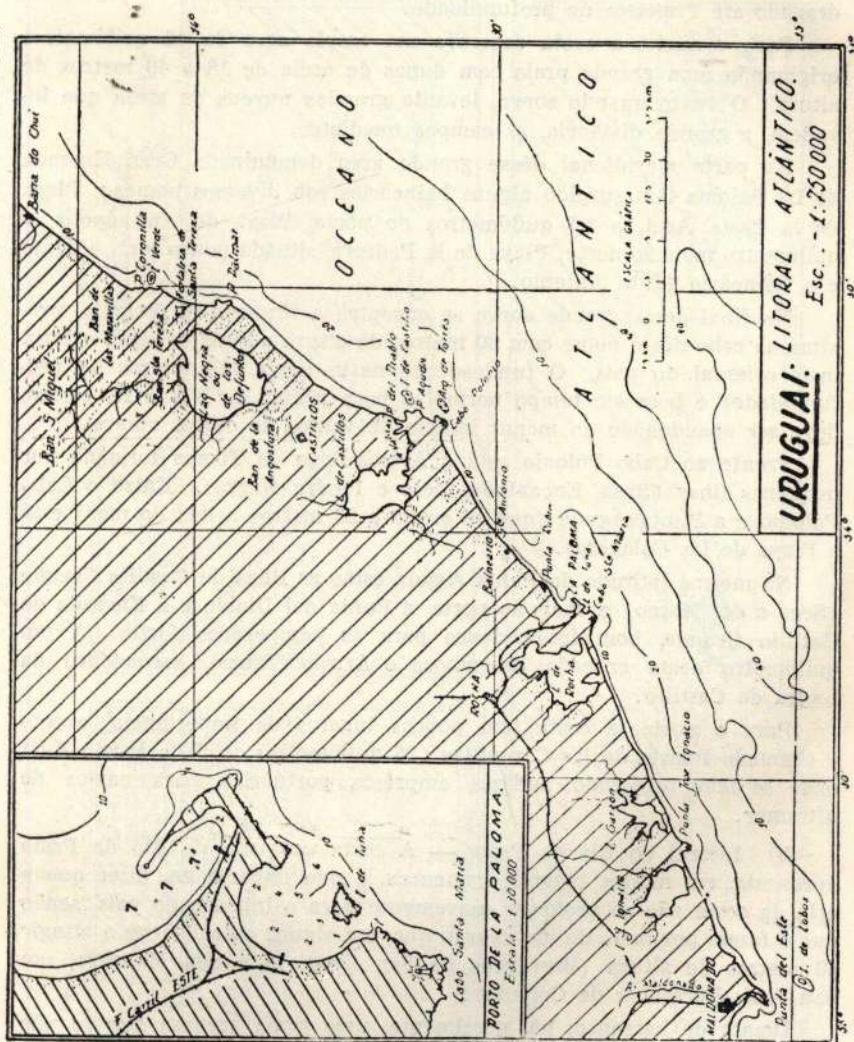
Assim, por exemplo, é fácil reconhecer, a partir do mar, uma franja de largura variável de areias modernas e subfósseis, seguida por outra de barro pampeano.

O aspecto mais notável da costa oceânica uruguai é a sua disposição em arco e a existência de lagoas ao longo dela.

A disposição em arco é uma consequência do afloramento do embasamento cristalino que, quando assoma, forma pontas graníticas (Punta del Este, de José Ignácio, Cabo Santa Maria, Cabo Polônio, Punta del Diablo e Punta de la Coronilla) que se alternam com grandes reentrantes cobertos de areia: Playa Brava a E da península de Punta del Este; Playa de San Rafael entre a Brava e o Arroio Maldonado. Playa de la Barra (5 quilômetros) a E da foz do Arroio Maldonado; Playa Mananciales, a E da anterior; Playa de José Ignácio entre a lagoa e a ponta do mesmo nome. Playa de Garzón entre a Ponta José Ignácio e a lagoa de seu nome. Depois segue-se, entre a Lagoa Garzón e o Cabo Santa Maria, uma praia de mais de 44 quilômetros, sem denominação geográfica.

A costa do departamento de Rocha pode-se afirmar ser um imenso areal somente interrompido pelas rochas dos cabos e pontas.

Cinco quilômetros a WSW do Cabo Santa Maria há um estreito cordão de areia de 9 quilômetros de extensão que separa a Lagoa de Rocha do mar e que às vezes se rompe para dar passagem às águas doces acumuladas atrás de si.



A 500 metros a NE do farol se encontra a Ilha de Tuna (tem, também, o nome de Chica ou Espiñosa) que assinala a entrada do pôrto velho de La Paloma, baía circular de 800 metros de diâmetro e cuja bôca formada pela antiga Ilha de La Paloma (hoje península) acha-se muito estreitada por restingas. Ao norte desta construiu-se um pôrto artificial, dragado até 7 metros de profundidade.

Para o norte, a costa descreve um amplo arco de 42 quilômetros originando uma grande praia com dunas de areia de 18 a 40 metros de altura. O vento quando sopra, levanta grandes nuvens de areia que invadem, a grande distância, os campos imediatos.

Na parte meridional dêsse grande arco denominada Gran Enseada de La Paloma têm surgido alguns balneários sob diversos nomes: Playa de la Costa Azul, a 2,5 quilômetros do pôrto, Playa de Antinópolis, 1 quilômetro mais ao norte; Playa de la Pedrera, situada pouco mais adiante e o Balneário Santo Antonio.

No final dessa grande curva se encontra a Enseada de Polonio, próxima ao cabo dêste nome com 30 metros de altura e onde se situa o farol mais oriental do país. O fundeadouro neste lugar (15 metros de profundidade) é bom em tempo normal e para ventos de NW e N, porém, deve ser abandonado ao menor indício de ventos de outros rumos.

Frente ao Cabo Polonio está o Arquipélago de Tôrres formado por pequenas ilhas (Rasa, Encantada, Ilote e Piedra Negra). Entre o Cabo Polonio e a Punta Aguda (que se ergue a 58 metros acima do mar) está a Playa de las Calaveras.

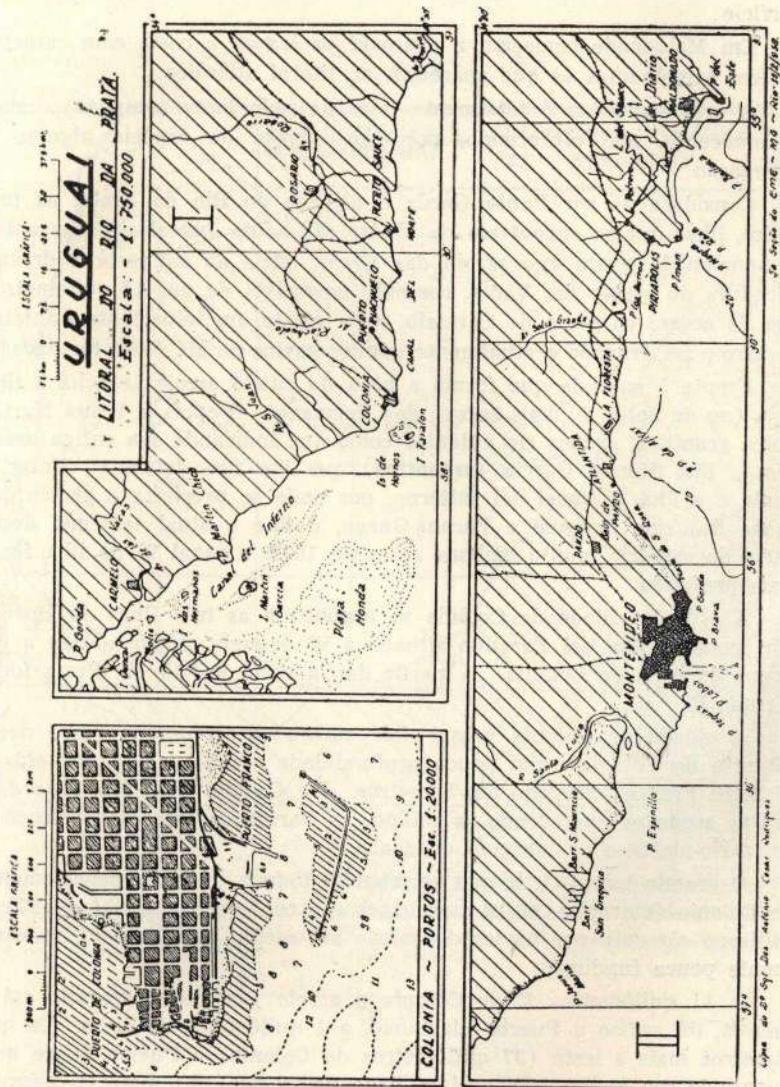
Na mesma latitude de Punta Aguda estão as Ilhas de Castillo Grande (Seca e del Marco) e, mais ao norte, a Punta del Diablo e a Enseada de Castillo Grande, bom fundeadouro para as pamperadas fortes. A um quilômetro desta enseada desemboca o Arroio Valizas, escoadouro da Lagoa de Castillo.

Para o norte, a costa tem poucos lugares de importância, exceto o chamado Puerto de las Coronillas (26 quilômetros ao S do arroio Xuí) onde se tem projetado audazes emprêsas portuárias para navios de ultramar.

b) Litoral do Rio da Prata — A costa uruguaiã do Rio da Prata apresenta, em muitos lugares, barrancos, o que importa em dizer que a orla da costa não se prolonga suavemente para o interior do país, senão que o fazem por meio de um degrau que, em alguns casos, chega a atingir 40 metros de altura (Barrancos de San Gregório e San Mauricio, em San José; Barrancos de Colônia).

Diante do barranco, há, geralmente, uma praia arenosa que se põe a descoberto nas águas baixas.

Como as águas do rio durante os temporais, golpeiam furiosamente a base dos barrancos, êstes se acham em constante retrocesso, dando, por outro lado, origem à formação de grutas (como de la Ballena, em Maldonado) e de "cornijas" que, a rigor, nada mais são que barrancos alcantilados protegidos na parte superior por um manto vegetal.



Outra característica dessa costa é a sucessão de arcos arenosos (praias) sustentadas nas suas extremidades por pontas rochosas ou cabos, que denotam levantamentos epirogênicos muito claros e que, em última análise, são as rochas do embasamento cristalino que assomam à superfície.

Em Maldonado começam a aparecer as lagoas à costa com características semelhantes às que aparecem no litoral atlântico.

A orla argentina é totalmente formada pelo loess pampeano, baixa e lamacenta, não oferecendo, por isso, abrigo de espécie alguma à navegação.

Considerando ser Punta Gorda o comêço do Rio da Prata, as primeira, ilhas que se encontram rio abaixo são as de Juncal situadas entre a mencionada ponta e o arroio das Vacas. Mais ao sul, está a desembocadura do arroio das Vacas, corrente navegável de uns 13 quilômetros que dá acesso ao pôrto de Carmelo, onde existe um importante estaleiro (o arroio foi dragado e atualmente admite navios de até 1.000 toneladas).

Frente à enseada que forma a bôca do citado arroio se acha a ilha Sola (ou de Solis) e, mais ao sul, dos Hermanos. Depois, a Ponta Martin Chico granítica, avança rio a dentro como que indicando sua antiga união com a ilha Martin Garcia (argentina) que lhe fica defronte. Entre a ponta e a ilha, o Canal del Infierno, por onde se precipita o grosso das águas dos rios Uruguay e Paraná-Guaçu, define o atual talvegue dessa parte do estuário, muito embora antes de 1892, o canal W da ilha fosse mais profundo.

A NW da cidade de Colônia se encontram as três Ilhas de Hornos que, como a ilha del Farallon situada a W daquela cidade abriga a pequena enseada de Colônia. A partir daí, a costa do Rio da Prata toma o rumo E.

A cidade de Colônia possui dois ancoradouros, um na parte norte (Puerto de Colonia) com pouca profundidade e outro ao sul da cidade (Puerto Franco) dragado até 8 metros. De Colonia para E se sucedem praias arenosas aparecendo, a miúdo, os barrancos que caracterizam a costa rio-platense na margem uruguaia.

O grande banco Ortiz que acompanha toda a costa do departamento de Colonia determina, entre esse banco e o continente o canal del Norte utilizado sómente por navios de calado até médio devido à sua relativamente pouca fundura.

A 11 quilômetros E de Colonia o arroio Riachuelo, dragado até 3 metros, dá acesso a Puerto Riachuelo, a 1 quilômetro da costa. 26 quilômetros mais a leste (37 quilômetros de Colonia) o Puerto Sauce que, possuindo um molhe com profundidade de 20 pés (6,1 metros), permite a atracação de navios de regular calado, e é servido por um ramal ferroviário que se articula com a linha Montevidéu-Colonia.

Da desembocadura do arroio Pereira para SE a costa é barrancosa, com cerca de 25 metros de alto, e fazendo uma pequena inflexão para E na ponta Jesus Maria, chega aos barrancos de San Gregório (43 metros

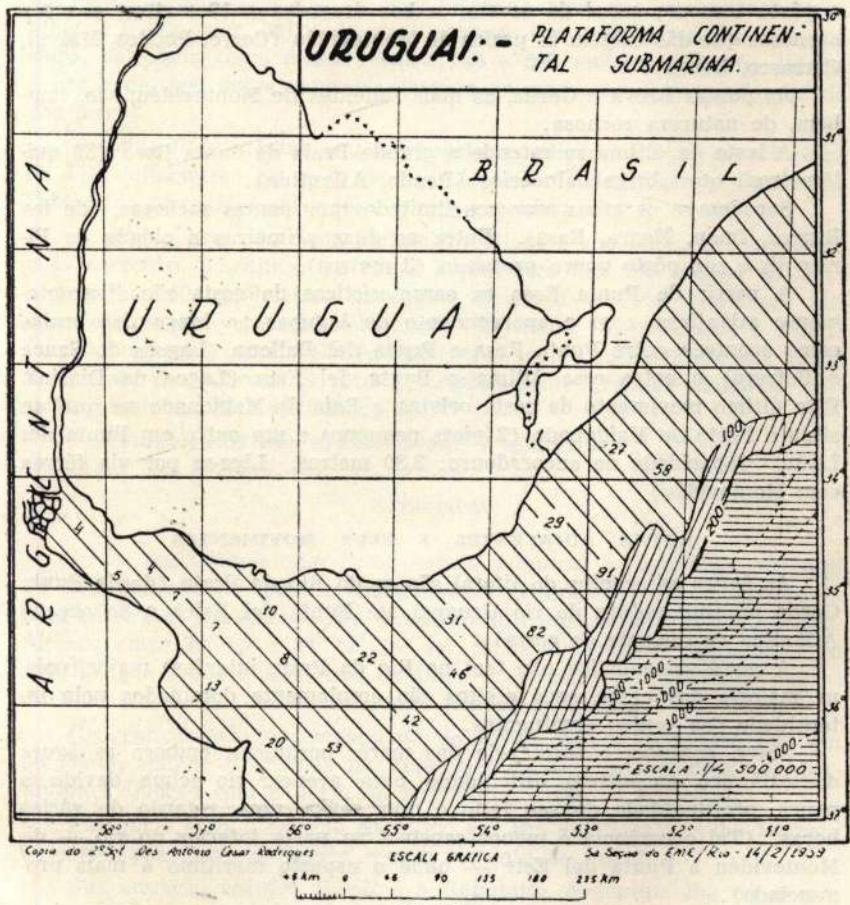


Fig. 15

de altura) e de San Maurício. Depois dêstes a costa se torna baixa e alagadiça dando lugar à ampla foz do rio Santa Lucia sobre o qual uma ponte levadiça possibilita a ligação entre São José e Montevidéu e o acesso à seção naveável do rio.

A pedregosa Punta Espinillo mais ao sul interrompe essas características da costa. A partir daí ocorrem em abundância pontas rochosas (Yeguas, Lobos, Brava e outras) e arcos nas quais se estendem praias arenosas. Destaca-se neste trecho da costa a baía de Montevidéu e nela o pôrto com um canal de acesso, ambos dragados a 10 metros, e arcos arenosos que dão origem às praias de Montevidéu (Cerro, Pocitos, Malvin, Carrasco, Buceo).

As pontas Brava e Gorda, as mais salientes de Montevidéu, são, também, de natureza rochosa.

A leste da última se estende a grande Praia de Santa Rosa (30 quilômetros) que abriga balneários (Pando, Atlantida).

Sucedem-se os arcos arenosos limitados por pontas rochosas, (de los Burros, Iman, Negra, Rasa). Entre as duas primeiras a cidade de Pi-riapolis e seu pôrto pouco profundo (3 metros).

A partir de Punta Rasa as características da costa são flagrantemente atlânticas, com o aparecimento de lagunas ao longo das praias como acontece entre Punta Rasa e Punta del Ballena (Lagoas do Sauce e Potrero) e entre essa última e Punta del Este (Lagoa de Diário). Este último movimento da costa origina a Baía de Maldonado na qual se situa o Pôrto de Maldonado (2 piers pequenos e um outro em Punta del Leste. Capacidade de ancoradouro: 3,30 metros. Liga-se por via férrea com Montevidéu).

ÁGUAS ADJACENTES E SEUS MOVIMENTOS

As águas adjacentes do litoral são as do Rio da Prata (desde Punta Gorda na embocadura do rio Uruguai até Punta del Este) e do oceano Atlântico (o restante da costa).

A maré astronômica não tem no Rio da Prata interesse maior, pois, na maioria dos casos, seus efeitos são amplamente dominados pela intensidade dos ventos dominantes.

Sofre, contudo, a influência das marés oceânicas, embora as águas do Atlântico encontrem dificuldade para avançar rio acima devido a pouca profundidade do seu leito o que causa uma retardo de várias horas. (Tal ocorrência é menos sensível na parte inferior do rio — de Montevidéu a Punta del Este — onde o aspecto marítimo é mais pronunciado).

Os ventos do quadrante sul provocam a subida das águas na costa uruguaiia, independente de marés.

As maiores subidas registradas correspondem aos temporais dêsse quadrante. Em 10 de julho de 1923 as águas na costa de Montevidéu subiram 4,30 metros acima do zero durante um temporal com ventos de 170 km/h em média.

A maior vazante foi de 1,13 metro abaixo do zero em 28 de setembro de 1925.

A amplitude das marés oceânicas é semelhante à notada na costa do Rio Grande do Sul. (Pouco mais de 1 metro entre a preamar e o baixamar).

PLATAFORMA CONTINENTAL SUBMARINA

O conceito geográfico da plataforma submarina resulta de modernas pesquisas geológicas que vieram demonstrar assentarem os continentes em uma base submersa que se pode estender, além das águas territoriais, até sob o alto mar, baixando gradualmente em certa extensão, até uma linha, calculada como estando entre 180 e 200 metros de profundidade, a partir da qual desce súbitamente para as zonas de maior profundidade dos mares.

O mar epicontinental uruguai, nestas condições, estende-se até cerca de 170 quilômetros da costa no sentido W-E. Para o sul a plataforma submarina uruguai confunde-se com a argentina.

A grande extensão desta plataforma aliada a sua pouca profundidade e às correntes marítimas (a curva batimétrica dos 100 metros se acha a mais de 100 quilômetros da costa) determinam zonas altamente pisecosas e ricas em vegetação submarina. O delfim (ou golfinho) e o lôbo marinho (*gênero otaria*) são os mamíferos mais consideráveis das águas uruguaias; dos últimos se fazem periodicamente grandes matanças particularmente na Ilha de Lobos.

As espécies marinhas são numerosas e abundantes.

APRECIAÇÃO

— A importância que como estado adquiriu a República Oriental do Uruguai, em que pese a sua pequenez geográfica pode ser explicada pela admirável situação do seu território no conjunto da América do Sul. Situado entre 30° 05' e 34° 58' 29" lat. S, na extremidade meridional do Brasil, dista 3.500 quilômetros da linha do equador e 6.100 quilômetros do Pólo Sul, o que o coloca na zona temperada do sul.

Geograficamente prolongamento do Brasil mas pertencendo também ao Prata, acha-se à entrada de duas vias fluviais importantes que permitem a ligação com o norte da Argentina, e com o Paraguai.

Por outro lado, o Oceano Atlântico e o Rio da Prata que lhe banham as costas põem-no em ligação com o restante do mundo.

Sua situação entre o Brasil e a República Argentina lhe dá a condição de Estado-tampão, sujeito às influências dessas duas nações. (Segundo Mário Travassos o Rio Negro é aproximadamente o limite da zona de influência dos dois países responsáveis por sua formação: ao norte, a do Brasil, ao sul a da Argentina).

— A pequena extensão territorial do Uruguai conjugada com a sua constituição geológica, a sua orografia, o clima, etc., definem o país como zona de transição entre duas regiões naturais: a meridional do Brasil e o Pampa argentino, não constituindo, ele próprio uma região natural.

— As características físicas do território uruguai, tanto climáticas quanto do solo (composição, relêvo atual, origem e evolução do mesmo) têm determinado a existência de riquezas naturais relativamente abundantes no solo, e pobreza inconteste do subsolo.

Tal situação teve como conseqüência o grande desenvolvimento das atividades agropecuárias e, por outro lado a ausência de grande atividade industrial exceto a que tem por base a pecuária. Daí ser o Uruguai um país de economia agrária.

Embora país totalmente utilizável, sem áreas desérticas ou hostis ao homem, o predomínio da pecuária no país, (80% do território do país estão destinados à criação de gado) determina o pouco povoamento do interior e a concentração populacional na cidade de Montevidéu, industrial (aproximadamente 1/3 do total).

— A vasta planície que constitui o território uruguai, sem obstáculos orográficos de importância, facilita o estabelecimento das ligações terrestres.

Os dois sistemas orográficos do Uruguai, ou seja, Coxilha do Haedo e Coxilha Grande, estabelecem os caminhos naturais, a cavaleiro dos quais se desenvolvem as linhas de transportes.

Os rios — pouco navegáveis, exceto o rio Uruguai — não desempenham, nesse aspecto, papel de relevante importância, constituindo-se mesmo, dado o seu regime de águas, em obstáculos aos transportes.

— Como faixa litorânea uruguaia compreende-se a costa do Rio da Prata e a do Oceano Atlântico, ou seja, desde a Punta Gorda na foz do rio Uruguai até a barra do Arroio Xuí.

Este extenso arco com cerca de 550 quilômetros de extensão apresenta características próprias, pertencendo ao Atlântico 150 quilômetros.

Esta, arenosa e baixa, pontilhada de lagoas e banhados, sem ancoradouros profundos (exceto La Paloma) é pouco própria ao desenvolvimento econômico, sendo, em conseqüência, muito despovoada. Contudo é bastante permeável e permite o acesso para o interior do país.

A segunda, ou seja a costa rio-platense (desde Punta del Leste a Punta Gorda, no rio Uruguai) já se apresenta mais rica em ancoradouros naturais pela existência de numerosas pontas graníticas determinantes de enseada e pequenas baías entre elas, particularmente no trecho Punta del Leste-Montevidéu (inclusive). Daí para W a existência de numerosos barrancos, característicos desse trecho de costa, e as condições peculiares do Rio da Prata estabelecem um longo trecho pouco aproveitável para a economia do país e bastante despovoado, e de acessibilidade reduzida, mas não nula.

A larga plataforma submarina que dá origem a uma fauna marítima bem desenvolvida abastece o país de pescado abundante e de boa qualidade, sendo possível maior desenvolvimento desta indústria.

(Continua)

A ESTATÍSTICA A SERVIÇO DE UM PROBLEMA MILITAR

Maj JOSÉ MURILLO BEUREM RAMALHO

1. INTRODUÇÃO

1.1 — Indubitavelmente, o Exército possui uma seriação de questões relacionadas com a administração a equacionar e resolver. Exército e demais Fôrças Armadas: a Fôrça Aérea e a Marinha.

A Estatística tem, certamente, auxiliado a solucionar problemas sobre assuntos militares específicos, principalmente no campo da administração do trabalho.

O oficial do Serviço de Intendência é, normalmente, o perito nas questões estatísticas, face ao seu conhecimento especializado a respeito.

Não menos certo é, porém, que o Curso de Classificação de Pessoal, existente no Exército, diploma oficiais das Armas e Serviços. Neste existe uma cadeira de Estatística que, sendo a base do citado curso, leva o oficial aluno a tomar contato com a mesma num período de, aproximadamente, um ano. Conseqüentemente, ao diplomado por esse curso ser-lhe-ão atribuídos encargos que poderão levá-lo a necessitar dos recursos da Estatística para a busca da melhor solução aos requisitos pedidos; à satisfação da "missão cumprida", enfim.

1.2 — O problema sintético, que apresentamos adiante, refere-se ao levantamento das condições necessárias a fim de conhecer-se o estado alimentar numa organização militar. Em suma: constitui um problema, um inquérito alimentar, que tivemos a iniciativa de proceder em um Regimento no Sul do país, quando desempenhávamos a função de Tenente-Coronel, de Fiscal Administrativo dessa Unidade. Evidentemente, cabe a sua aplicação às demais Fôrças Armadas, após procedidos os necessários ajustamentos. Objetivamente, não temos a pretensão de montar uma questão gabarito para esse tipo de inquérito. Apenas julgamos conveniente levar aos companheiros de profissão um tipo de trabalho, que poderá ser solicitado em determinados setores e mostrar, em suma, a interdependência da estatística na resolução pura de questões na esfera da administração do trabalho.

Antes de dar desenvoltura a este simples tema, devemos ressaltar que a origem do mesmo relaciona-se e correlaciona-se com a busca das condições alimentícias existentes no quartel.

2. DESENVOLVIMENTO

A) — O questionário apresentado estava baseado no seguinte:

- 1) A comida (café, almoço e jantar) da Unidade está boa ou não ?;
- 2) Qual a falha que você vem notando na comida (café, almoço e jantar);
- 3) sugestões para melhorar.

Ao soldado foi permitido sómente escrever no papel sua Cia, evitando-se, com isso, inibi-lo caso colocasse o seu nome, prejudicando assim, a formação de dados concretos e estatísticos.

B) — O quadro contendo a distribuição das subunidades e itens para serem enquadrados em cada uma das perguntas do questionário. (Anexo 1).

Assim, para resposta à pergunta 1) foram enquadrados dois (itens) *Boa* e *Não*; para a resposta à pergunta 2) foram enquadrados os itens *Pouca* e *Fraca* (sem tempôro, falta de higiene, etc.); para a resposta à pergunta 3) foram enquadrados os itens *Aumentar* e *Melhorar*.

C) — Pôsto em resumo a situação da letra anterior, passa-se ao inquérito propriamente dito, e que se resume em:

1) saber se existe *tendência* de opinião para os casos em que a comida

- é *boa* ou *não*
- é *pouca* ou *fraca*
- deve *aumentar* ou *melhorar*.

D) — Resolução:

$$\text{— 1º caso: } \text{Boa: } 48+41+37+25+46+24 = 221$$

$$\text{Não: } 51+34+23+24+30+13 = 175$$

$$221 + 175 = 396$$

Partamos da *hipótese nula*, isto é, supor que não há tendência de opinião.

Assim sendo, as f_+ serão todas iguais (198), isto é, não há tendências.

	f_0	f_+	$f_0 - f_+$	$(f_0 - f_+)^2$	$(f_0 - f_+)^2 / f_+$
Boa	221	198	23	529	$2,6^2 = 3$
Não	175	198	- 23	529	$2,6 = 3$
	396	396	-	-	$x^2 = 6$

Cálculo do nº g. 1. para esse quadro de contingência: (2-1) 2-1 = 1.

Entrando na tabela com $x^2 = 6$ e g. 1. = 1, obteremos: $P < 0,02$, isto é, hipótese fortemente duvidosa

— 2º caso: Poucas $50+73+9+16+54+11 = 213$

Fraca: $47+33+41+23+20+11 = 175$

$$213 + 175 = 388$$

Partamos da hipótese nula, isto é, supor que não há tendência de opinião. Assim sendo, as f_+ serão todas iguais (194), isto é, não há tendências.

	f_o	f_+	$f_o - f_+$	$(f_o - f_+)^2$	$(f_o - f_+)^2 / f_+$
Pouca	213	194	19	361	$1,8 = 2$
Fraca	175	194	-19	361	$1,8 = 2$
	388	388	-	-	$x^2 = 4$

Cálculo do nº de g. 1. para esse quadro de contingência: g. 1. = (2-1) (2-1) = 1.

Entrando na tabela com $x^2 = 4$ e g. 1. = 1, teremos $P < 0,5$, isto é, há provável discrepância.

Conclusão: Há divergências entre as freqüências observadas (f_o) e as freqüências teóricas (f_+) e estas são significantes, isto é, muito grandes para serem atribuídas apenas a flutuações de amostra, portanto: rejeitamos a hipótese formulada e concluimos que há realmente tendências de opinião, na proposição.

— 3º caso: Aumentar: $50+11+8+4+36+8 = 117$

Melhorar: $46+19+28+9+27+0 = 129$

$$129 + 117 = 246$$

Partamos da hipótese nula, isto é, supor que não há tendência de opinião.

Assim sendo, as f_+ serão todas iguais (123), isto é, não há tendências.

	f_o	f_+	$f_o - f_+$	$(f_o - f_+)^2$	$(f_o - f_+)^2 / f_+$
Aumentar	117	123	-6	36	0,2
Melhorar	129	123	6	36	0,2
	246	246	-	-	$x^2 = 0,4$

Cálculo do nº de g. 1. para êsse quadro de contingência: g. 1.
 $= (2 \cdot 1) \cdot (2 \cdot 1) = 1.$

Entrando na tabela com $x^2 = 0,4$ e g. 1. = 1, teremos que não podemos duvidar da hipótese.

E) — Conclusão:

- 1) Dos 523 soldados que receberam o questionário, 221 (menos da metade) acharam a comida *boa* e 175 (menos da metade), disseram *Não ser a mesma boa*.

Como ficou provado (1º caso da letra D) que existiu para êsse caso *tendência de opinião* conclui-se haver ligeiro escore a favor do Aprovisionamento, quanto à qualidade da comida, devendo-se, todavia, notar que há uma percentagem ponderável que julga a comida má.

- 2) Dos 523 soldados que receberam o questionário 213 (menos da metade) acharam *Pouca* a quantidade de comida fornecida e 175 (menos da metade) que a mesma era *Fraca* (falta de tempôro, falta de higiene, mal cozida, etc.).

Como ficou demonstrado (2º caso da letra D) que existiu para êsse caso *tendência de opinião*, conclui-se não haver escore a favor do Aprovisionamento, quanto à quantidade de comida fornecida; devendo-se, ainda, notar que, o n. apresentado, no que se refere à sua fraqueza (falta de tempôro, mal cozida, etc.) é apreciável.

- 3) Dos 523 soldados que receberam o questionário, 117 (menos da metade) acharam que a comida devia ser aumentada e 129 (menos da metade) que devia ser melhorada.

Como ficou demonstrado (3º caso da letra D) que não existiu para êsse caso *tendência de opinião*, conclui-se que o caso presente é duvidoso, isto é, há forte contradição entre os soldados que preencheram o 1º item do questionário e os que preencheram o 3º item.

Como achamos para o 1º caso (letra D) que havia *tendência de opinião*, julgamos que o presente caso duvidoso é atribuível a que inúmeros soldados deixaram de preencher o 3º item do questionário e que êles se contradisseram no esboçamento das respostas.

- F) — Há a observar que diversos soldados deixaram de preencher o questionário: inibições, falta de cooperação, forma ativa de reação passiva, etc.

G) — Conseqüentemente, face aos resultados estatísticos distribuídos é de julgar-se que:

- 1) A alimentação está boa, porém que há necessidade do oficial Aprovisionador propor sua melhoria, face ao elevado índice dos que acham-na má;
- 2) A quantidade da comida não está satisfatória, devendo o oficial Aprovisionador providenciar no sentido de corrigir tal anomalia, diligenciando no que se refere à fraqueza da comida, tal o elevado número dos que a acharam.

ANEXO 1

SUBUNIDADES	Cia	Cia	Cia	Cia	Cia	Cia	
1) — Boa	— 48	— 41	— 37	— 25	— 46	— 24	
— Não	— 51	— 34	— 23	— 24	— 30	— 13	
2) — Falhas							
— Pouca	— 50	— 73	— 9	— 16	— 54	— 11	
— Fraca, sem tempôro, fai- ta de higiene, etc.	— 47	— 33	— 41	— 23	— 20	— 11	
3) Sugestões:							
— aumentar	— 50	— 11	— 8	— 4	— 36	— 8	
— melhorar	— 46	— 19	— 28	— 9	— 27	— 0	
Comparecimento ao rancho no dia 6	110	90	71	64	111	77	= 523
Efetivo arranchado no dia 6 .	—	—	—	—	—	—	= 519

3. CONCLUSÃO

3.1 — Em concluindo, devemos mencionar que os resultados obtidos por esse inquérito propiciaram medidas substanciais que redundaram em conseqüências felizes. Acertados os remédios necessários conseguiu-se melhor produção, mais satisfação e melhor racionalização dos meios empregados. Ganhou, pois, a Unidade que teve seu rendimento, quer no campo administrativo quer no instrucional, aumentado. É o homem em si, produzindo satisfação e eficiência.

A busca e a canalização de esforços, que vêm produzindo nessas para a guerra requer, sem dúvida, um prévio e adequado estudo de suas próprias possibilidades de auto-rendimento e satisfação. A busca e a canalização de esforços, que vêm produzindo nessas próprias Fôrças Armadas em benefício de uma Pátria melhor e mais forte, vêm encontrando eco naqueles que acreditam, como todos nós militares, nas imensas possibilidades do nosso homem brasileiro como um autêntico instrumento de poder.

UM APÉLO

PREZADO COMPANHEIRO,
apelamos para **você**, que pode ajudar à
Seção do Candidato à ECEME de "A DEFESA
NACIONAL".

Buscamos orientação para o próximo
ano, que atenda aos anseios dos candidatos
e esteja apoiada na valiosa e indispensável
contribuição dos oficiais de EM, dos alunos
da ECEME e dos próprios candidatos.

Encarecemos o valor de sua ajuda, atra-
vés da remessa de ensaios, resumos ou ques-
tões resolvidas.

Precisamos de suas críticas e de suas
sugestões.

Folgaremos em divulgar os trabalhos re-
metidos e em vitalizar o intercâmbio de idéias
que concorram para o fim precípua destas
colunas: Servir ao Candidato!

Dirija-se ao Major G. Vidal — 5^a Seção
— EME — Palácio da Guerra — GB.

O Redator

PROBLEMAS JURÍDICOS NO MEIO MILITAR

Cap. GERALDO SAMPAIO VAZ DE MELLO

O Código de Organização Judiciária e Processo Militar, de 1920 e 1922, trazia em seu bôjo disposições inovadoras, como "as atribuições confiadas ao Ministério Público militar, cujo exercício assimilado ao do funcionário congênere do direito comum, anulava ou neutralizava a autoridade do comando na iniciativa da ação penal e da ação disciplinar, decorrente da condição de responsável pela ordem e pela disciplina", conforme assinala o erudito Ministro Gomes Carneiro ao prefaciar a 2^a edição de "Sabres e Togas" cujo autor é Hélio Lôbo, livro que teve profundas repercussões no estudo do Direito Penal Militar. Já o Código de Justiça Militar de 1926, devolveu a Justiça Especial à sua feição característica, não acolhendo qualquer das disposições radicais dos diplomas que o precederam.

Os crimes e as penas militares e suas implicações, transcendem a órbita do interesse particular ou individual, pois importam aos interesses do Estado, como instituição. Conseqüentemente, a ação — procedimento judicial — relativa ao crime militar, não está vergada ao exercício do direito de queixa ou representação por parte do ofendido ou lesado. A codificação comum condescendeu, deixando ao alvôrdio do ofendido propor a ação escolhendo entre assolar o fato delituoso ou mantê-lo em discrição, se melhor convier a seus interesses.

Instituiu-se, portanto, a iniciativa penal privada ao passo que da legislação militar foi ela banida, porquanto reputou-se haver conveniência pública na repressão e punição do crime militar. Desta forma o CPM dispôs em seu artigo 103 — "A ação penal sómente poderá ser promovida por denúncia do Ministério Público".

Atendendo a que o espírito de tôdas estas disposições é no sentido de não subtrair à apreciação da Justiça qualquer lesão ou atentado ao direito, com fidelidade ao mandamento constitucional, verifica-se, porém, que o procedimento facultado ao ofendido pela legislação militar — requerer à autoridade a instauração de Inquérito Policial-Militar, cabendo à mesma apreciar os resultados através da solução e qualificar os fatos segundo o art. 117 do CJM — tem menor pujança que o proporcionado pela legislação para o fôro comum — apresentação de queixa-crime ou representação ao juiz criminal, com imediata instauração do processo penal.

Medida salutar seria permitir em tais casos — em que o IPM fosse instaurado mediante requerimento do ofendido — que se lhe facultasse solicitar medidas no seu interesse, sendo os autos submetidos à correição judiciária, deixando de ser aplicada a hipótese prevista no § 1º do art. 117, acima referido, que dispensa a remessa dos autos quando a autoridade militar apura a existência de transgressão da disciplina.

Não sendo o Encarregado do Inquérito um elemento especializado, poderá ocorrer uma apreciação não muito ajustada dos fatos, e que o relatório e a solução de quem mandou instaurar o IPM (recordemos que, no caso de transgressão, apenas estas duas peças são levadas ao conhecimento da autoridade militar superior), podem não retratar a verdadeira feição dos fatos, deficiência que será prevenida com a remessa dos autos à Auditoria de correição. Estamos relanceando a incidência fortuita de falhas ou erros de apreciação, creditados à conta da desambientação ou falta de prática de quem procede ao Inquérito... Não será fora de propósito repetir palavras nossas, contidas em trabalho anterior: ..." Levarmos em conta que, para uma cabal solução do problema, deverá o oficial socorrer-se de uma legislação volumosa e complexa (Códigos Penais Comum e Militar, leis adjetivas e especiais). Haverá casos mais intrincados, exigindo até o conhecimento do mecanismo interpretativo das leis, sem falar em torrencial jurisprudência, modificando a letra dos Códigos e a tipicidade do crime, e nas delicadas nuances que diferenciam algumas das figuras delituosas. Se bem que receba o oficial — no currículo de sua formação — noções sobre os diversos ramos do Direito, estas não bastarão para atender, em toda latitude, as solicitações que poderão surgir." (In Revista do Club Militar, agosto 1960). Na caracterização do assunto busquemos o precioso subsídio contido na memorável conferência intitulada o "Fórum Militar" do ilustre Ministro General Alencar Araripe, reproduzindo-lhe alguns trechos dedicados à momentosa questão: "... O Código atribui dessa maneira ao Comandante verdadeira função de juiz. Essa atribuição exige cultura jurídica capaz de discernir e qualificar as infrações da lei penal comum e militar, sem hesitação e sem assessores, em hipótese em que até os técnicos vacilam diante da jurisprudência contraditada. E não é razoável admitir-se já corrente essa cultura jurídica".... "Tem acontecido que muitos fatos considerados pelo comando como crime não são considerados como tais pelos tribunais por não se enquadrarem os fatos na caracterização definida pelo diploma legal e pela doutrina. Meras transgressões disciplinares são muitas vezes encaminhadas aos tribunais com grave prejuízo ao funcionamento dêstes. A solução oposta de o comando decidir-se pela transgressão quando o fato constitui crime militar não é frequente. A lei do menor esforço aconselha a desapertar para a Justiça quando não se quer assumir a responsabilidade de uma punição grave. Mas aquela pode ocorrer nos casos de favoritismo pessoal, e então haverá sério dano para a Justiça e para a comunidade que a mesma defende".

A revisão ou correição dos Inquéritos constituirá o paládio seguro de sua autenticidade, sem nenhuma contra-indicação ou vislumbre de abalo ou diminuição nas atribuições e dignidade do comando.

O real papel do IPM nunca será exageradamente valorizado pois assume, dentro de nossa sistemática legal, o caráter de peça básica para o processo, podendo — quando precários e insuficientes os elementos e provas perfilados — embaraçar e anular, por vezes, a ação da Justiça.

É necessário um atento estudo sobre o desenrolar do Inquérito e as diversas circunstâncias geradas pelo enquadramento dos fatos que o originaram.

Ponto nodal, admitido como relevante e imprescindível, é o de emprestar maior amplitude à ação e aos próprios quadros da Justiça Militar que, no panorama atual, está circunscrita ao âmbito penal.

A previsão de uma assessoria legal ao menos para as Grandes Unidades e Repartições de vulto, é de integral conveniência.

Poderia alguém dizer, em sã consciência, que tal órgão seria supérfluo? Acreditamos que não...

São incontáveis as vezes nas quais os Órgãos da Administração confrontam-se com temas de relêvo, exigindo um estudo especializado, metódico e sistemático, a fim de permitir uma decisão sobre o mérito da questão.

Apesar de possuir o Ministério Militar uma Consultoria Jurídica, junto ao Gabinete do Ministro de Estado, esta não poderia atender ao volume de consultas e pronunciamentos, não só pela exigüidade do pessoal ali lotado como por se tratar de órgão centralizado e singular, cuja competência se limita à emissão de pareceres jurídicos sobre assuntos que lhe são submetidos pelo Gabinete Ministerial.

Oportuno se torna realçar que tal organismo tem escopo singelamente consultivo, não lhe cabendo o papel de pugnar em juízo pelos interesses do Ministério da Guerra — quando objeto de disputas através de ações ordinárias ou mandados de segurança contra atos de autoridades militares ou do próprio Chefe do Exército — defesa esta que é feita pelos Procuradores da União Federal que requisitam da Administração militar as informações que os habilitem a estudar o caso e a contestar o pedido do autor. Desta forma fica quase que exclusivamente nas mãos da autoridades administrativa fornecer os elementos para rebater a pretensão judicial, pois os representantes da União em juízo (Procuradores) não estarão obrigatoriamente ambientados com legislação militar específica e outros detalhes, e restringir-se-ão, esta é a irrebatiável realidade, a reproduzir as informações recebidas.

Tais informações, oriundas da Administração, são na maior parte fartas e documentadas mas pode ocorrer que se omitam ou obscureçam detalhes, aparentemente insignificantes aos olhos de quem elaborou os dados, e que teriam grande expressão aos olhos de um técnico (no caso, com formação jurídica regular) que, se chamado a intervir, ventilaria pontos capitais e decisivos com sensibilidade peculiar.

A seleção dos dados, terminologia aplicada, concatenação dos elementos definidores da situação, ênfase e prévia ambientação, tudo isto seria levado a bom termo se orientado ou efetuado por um profissional do Direito que teria muito maiores chances de retratar os exatos contornos do caso. Valeria por uma defesa completa a qual — através de uma reforma — poderia ser diretamente feita em juízo pelo advogado ou assessor legal da organização militar.

Competiria, por exemplo, à Assessoria legal o estudo de casos concretos originados por situações especiais ou lacunas nas disposições de

leis; caber-lhe-ia a interpretação de normas, propondo o aperfeiçoamento e revisão das mesmas, e o estudo de repercuções dos dispositivos de regulamentos ou portarias. Ponto nevrálgico na aplicação de uma novel disposição legal é a existência do direito adquirido ou simples expectativa de direito. Para ilustrar, exemplifiquemos sua definição com as palavras de Carlos Maximiliano (*Direito Intertemporal*, Vol XXVII): — “Chama-se adquirido ao direito que se constituiu regular e definitivamente e a cujo respeito se completaram os requisitos legais e de fato para se integrar no patrimônio do respectivo titular”. Assim sendo, a promoção por uma lei especial, na ocasião da passagem para a inatividade, será uma expectativa de direito para quem — mesmo já tendo averbado serviço que o enquadre nas disposições da lei — ainda não tiver completado o requisito de 25 anos de serviço e requerido a transferência para a reserva; satisfeitas as duas últimas condições na vigência da lei, adquiriu direito ao benefício.

Sendo fragmentária a legislação militar, coadjuvada⁴ por avisos, regulamentos e portarias (na sua esfera própria), será de indiscutível valia o subsídio desta assessoria para verificar cuidadosamente a eficácia de modificações e seu alcance, bem como estudar dispositivos tacitamente revogados e sua posição quanto a prevalência dos vigentes.

E agora um caso concreto...

O Magistério militar — direitos e vantagens dos que o exercem — tem sido objeto de controvérsias, originando um apreciável número de ações judiciais. Um estudo da situação “sui generis” do docente militar (quando oficial R/1), participante ao mesmo tempo de caráter civil e militar e pertencendo a uma classe inconvocável da Reserva, demandaria considerável espaço. Este complexo “status” cujos princípios regenciais acham-se em Decreto-lei, ao tempo do Estado Nôvo, caminha para uma limpida definição, através da estruturação de um autêntico Quadro de Magistério, respeitando-se, obviamente, os direitos adquiridos até a pretendida modificação. Trata-se de uma dentre as muitas razões a serem estudadas no próximo artigo, a recomendar vivamente a instituição de um Corpo Jurídico para assessorar as Diretorias e Grandes Unidades, no trato de situações apartadas, por vezes, dos padrões convencionais, exigindo perfeita sensibilidade jurídica dos que forem solucioná-las.

* * *

Uma das maiores e preciosas serventias de um Corpo Jurídico consistiria na defesa eficiente do Patrimônio Nacional — no que tange a imóveis e extensões territoriais confiados aos Ministérios Militares — bastando que se destaque o número avultado de disputas entre a União e particulares para avaliar sua importância neste setor.

Não é suficiente a perfeita delimitação do imóvel urbano ou rústico, impõe-se o estudo e o levantamento da respectiva documentação, para que nada se perca com o perpassar do tempo.

Em torno de boa parte das propriedades rurais existentes no país gravitam demandas e litígios possessórios, decorrentes não só da preca-

riedade nas lindes e imprecisão dos marcos como também de escrituras rudimentares que podem conduzir a situações equívocas.

O episódio a que nos reportaremos muito ilustrará o debate e diz respeito à posse de terras situadas em Copacabana. A União conseguiu manter a propriedade do Morro do Inhangá, em zona altamente valorizada, no decorrer de rumorosa e prolongada disputa com uma Companhia Imobiliária (há 25 anos atrás), únicamente pela descoberta de dois preciosos documentos. Insistia a Companhia — ao contestar a legitimidade na posse governamental — na tese de que nunca houvera ocupação militar do Inhangá, procurando evidenciar tal assertiva pela inexistência de vestígios de qualquer construção de pristinas épocas. Providencialmente, foi encontrada uma parte do então Capitão Tasso Fragoso, acompanhada de protesto judicial que a corroborava, datados de 1893, pedindo providências contra a firma particular que estava invadindo o morro do Inhangá e destruindo as *antigas fortificações construídas pelos portugueses*. Não fôra a feliz inspiração do digno e ilustre militar (cujas funções à época davam-lhe jurisdição sobre aquela área) de oficializar o seu protesto, não se conseguiria restabelecer a verdade histórica e a existência pretérita de fortificações que provaram a ocupação militar desde o tempo colonial, fundamento da propriedade por parte da Fazenda Nacional.

Tôdas as medidas preventivas e assecuatorias, neste relevante campo, poderão ser levadas a efeito por advogados militares para resguardar a propriedade pública, intervindo prontamente na demanda.

Com êstes exemplos concretos não será difícil chegar-se a uma inevitável conclusão: Carecem os órgãos da Administração Militar da atuação de uma Assessoria em assuntos legais...

A assistência jurídica prestada em caráter efetivo e permanente tem inegável relevância, dado o apreciável número de atribuições conferidas pelo CJM ao Comando, como tivemos ocasião de estudar detalhadamente em anterior artigo.

Dirão alguns em raciocínio simplista, não haver necessidade em mudanças ou complementos, pois se chegamos até hoje com tal estrutura, bem poderemos assim prosseguir...

Os que conhecem o problema responderão que, malgrado a valiosa experiência de poucos — mesmo sem formação jurídica regular — esse "status" tem custado muita improvisação, mal-estar e sobrecarga de trabalho, sem contar inevitáveis correições judiciais e um sem número de ações propostas pelos que tiveram legítimos interesses contrariados.

Poder-se-ia inquinar de faccioso o militar, também bacharel em direito, que pugnasse pela estruturação de um Corpo Jurídico porém, ao revés, seria covardia moral se ele, tendo a exata compreensão do problema, se furtasse a encará-lo e oferecer seu modesto subsídio.

Meditemos que as soluções são várias, umas possibilitando cura radical e outras fortalecendo o organismo...

Extravasar a Justiça Militar de suas atuais dimensões, alicerçando um Quadro de Advogados com as finalidades que tanto encarecemos, seria um salutar empreendimento. Outro rumo, com resultados mais

tardios, seria imprimir cunho prático ao ensino dos diversos ramos de Direito — costumeiramente condensados em uma disciplina nos cursos de formação de oficiais das F. A. — e instituir um Curso de especialização em assuntos jurídicos, ao nível dos demais existentes, para melhor adestrar os que terão trato direto com tais misteres, por força de certas funções.

Um tanto controversa é a situação do militar da ativa como advogado. Diga-se de passagem que quase todos os existentes desempenham, de fato, o papel de conselheiros ou encarregados de assuntos de estôfo jurídico nas organizações em que servem.

Foi-lhes permitida a inscrição na Ordem dos Advogados do Brasil — entidade de classe com podéres para disciplinar o exercício da advocacia — com as restrições que naturalmente lhes fôssem impostas, sem que o Consultor-Geral da República, em fundamentado parecer, obrigasse qualquer incompatibilidade hierárquica ou disciplinar para o exercício da advocacia, por parte do militar da ativa, no próprio fôro militar.

Tal autorização representou um significativo avanço no sentido de propiciar ao bacharel um sedimento de seus conhecimentos, os quais reverteriam, sem dúvida, em proveito da Instituição Militar.

Seria recomendável, atendendo a propósitos de real utilidade para as F. A., que ficasse explicitamente permitido ao militar da ativa — assim como é facultado aos oficiais integrantes dos Quadros de Saúde — o exercício da profissão jurídica sem prejuízo do serviço militar.

Para fixar conhecimentos nada comparável à prática ...

Poderiam tôdas as atribuições conferidas à Justiça Castrense ser exercidas, em caráter permanente, por oficiais da ativa — bacharéis em Direito — e pertencentes a um Quadro Jurídico, situado no mesmo nível que o das Armas e Serviços? Não. É fora de dúvida que estender funções judicantes, em caráter permanente, aos integrantes dêste Corpo Jurídico, envolveria óbices constitucionais. Não se poderá argumentar com o modelo estadunidense, notando-se para substanciar a diferença, que a J. M. americana é administrativa, onde o Comando é a máxima autoridade. Dentre os podéres enfeixados pelo Comando há salientar a faculdade de isentar o réu de culpa e diminuir a pena, só não podendo interferir na sentença absolutória que desde logo transita em julgado. (Vide nota sobre a Justiça Americana no fim dêste trabalho).

Encarando o problema, timbremos que o juiz permanente está abroquelado em prerrogativas constitucionais (inamovibilidade, vitaliciedade, etc.), que não se coadunariam aos vínculos hierárquicos e disciplinares da esfera militar. Deixemos bem sublinhada a localização da Justiça Militar no Poder Judiciário, diversamente de vários países que a situam como dependente do Executivo.

Acreditamos que não surgiriam inconvenientes, se tal Quadro na hipótese de ser composto por oficiais da ativa, detivesse as atribuições do Ministério Público (apenas as da Promotoria) e de Assessoria Jurídica, ficando as judicantes, de caráter permanente, nas mãos de magistrados. O oficial-general nomeado para as funções de Ministro do Superior Tribunal Militar continua a figurar no almanaque de sua Fôrça, em Quadro

especial ou suplementar, concorrendo às promoções por mero formalismo. Como membro integrante do Poder Judiciário e exercendo um cargo civil (dentro da cota reservada a cada uma das F. A.) não pode, obviamente, ter liame ou dependência disciplinar de autoridades militares; julgará os oficiais-generais mesmo que de patente superior à sua, na qualidade de juiz da mais alta corte de Justiça Militar. Tenho recolhido expressivas opiniões de ilustres chefes, com sazonada experiência no trato das coisas públicas, e alguns ressalvam a inconveniência de se elaborar um Quadro Jurídico fechado (formado por oficiais da ativa regularmente habilitados) e recomendam uma transitoriedade de funções. Seria a tarefa difícil o nos abalancarmos a uma definitiva opinião. Aspectos poliformes deveriam ser criteriosamente avaliados.

Já referimos algumas vezes que, desde a Constituição de 1934, esta a Justiça Militar capitulada no Poder Judiciário. É a Lei Magna que estatui no seu art. 106: "São órgãos da Justiça Militar o Superior Tribunal Militar e os tribunais e juízes inferiores que a lei instituir. Momentaneamente é o Código de Justiça Militar, elaborado sob a égide da Carta de 1937, quando atribuições legislativas se atrofiavam no Poder Executivo, que regula a composição de tribunais e juízes inferiores. Prevaleceu o sistema misto e colegiado em sua estrutura: O elemento togado que dá a orientação jurídica e oficiais da ativa escolhidos por sorteio. Únicamente militar é o Conselho de Justiça dos corpos de tropa, competente para julgar os delitos de deserção e insubmissão. Tal tribunal afasta-se do critério misto e tem sofrido inúmeras críticas. Argumentam os seus defensores que os processos têm curso sumário, estando plenamente ao alcance de oficiais da ativa, sem ser necessária a intervenção de um magistrado. Geralmente é o que acontece, mas pode ocorrer uma ou outra questão de mais alta indagação que exija cabedal jurídico. Exemplifiquemos ... São certas formalidades processuais, decorrentes de possível e prevista atuação de advogado civil como defensor do réu; dúvidas quando o Conselho deve declarar o processo nulo "ab initio" ou examinar o mérito e aí absolver o réu, etc... (Estes aspectos foram minuciosamente tratados em nossos anteriores artigos sobre a deserção). E não é corrente encontrar-se tal desenvoltura ...

Desta maneira finalizamos as nossas apreciações sobre os relevantes problemas jurídicos no meio militar, exortando os cultos leitores da D. N. a meditarem sobre elas.

A Justiça Militar norte-americana tem organização inteiramente diversa da nossa. Ali os membros da J. M. são verdadeiramente advogados das corporações armadas junto às quais servem. São antes de tudo militares, formando um quadro de serviço, do Exército ou da Marinha.

Integram, pois, o quadro de juízes-advogados, começando no posto de 1º Tenente e recrutados entre oficiais do Exército ativo — que demonstraram, desde os bancos acadêmicos, pronunciado pendor pelo Direito e possuindo o curso jurídico — e advogados civis, os quais deverão ter, prèviamente, a instrução de oficiais (prazo máximo de 1 ano), se

NOTA — Organização da J. M. norte-americana (in R. C. M., agosto 1960, do mesmo autor).

ainda não tiverem prestado o serviço militar podendo ser diretamente incluídos se possuírem os requisitos indispensáveis, ou após um pequeno estágio.

Além da freqüência à Escola do Serviço de Justiça, os oficiais designados que não possuírem o lastro de prática legal da advocacia, serão mandados estagiar nos escritórios de advocacia do Governo dos Estados Unidos, onde obterão tirocínio e desenvoltura necessários em tôdas as múltiplas formas de suas futuras atividades.

Sòmente após a conclusão da Escola do Serviço de Justiça, é que serão feitas as nomeações para os cargos de juízes-advogados.

Empresta-se especial relêvo ao fato de que o cabedal jurídico só é estruturado através de aprendizado e aprimoramento incessantes, e se facilita o ingresso de juiz-advogado nos cursos de pós-graduação, atendendo aos pendores do interessado e necessidade do serviço. Poderá o mesmo freqüentar cursos superiores de tempo integral, lidando com direito internacional, constitucional, administrativo e legislação trabalhista, contratos, danos, direito marítimo e legislação em geral. Não se impõem limites ao oficial que queira ampliar sua cultura, permitindo-se a quem serve no exterior o curso em escolas estrangeiras.

Quer no Exército, quer na Marinha, o Chefe do Serviço de Justiça é o "Judge Advocate General" ou Auditor Geral, sendo que na primeira das referidas corporações, que abrange a Aviação Militar, é ele General de Divisão (Major-General), existindo, ainda, oito adjuntos de Auditor-Geral, todos êles Generais-de-Brigada.

São importantíssimas, e da maior relevância, as funções dos membros da Justiça Militar dos Estados Unidos, que não são apenas juristas, como também soldados perfeitamente integrados na vida militar. O Auditor tem a seu cargo todos os problemas legais de interesse da administração militar. São tantos e tão variados os problemas que lhe cumpre resolver como os que defronta qualquer advogado civil.

O Auditor Geral é o principal conselheiro jurídico do Departamento da Guerra, compreendendo sua Repartição diversas especializadas cada uma delas em assuntos diferentes, como as de "Reclamações", "Contratos", "Assuntos Militares" e "Justiça". Também o Auditor tem a obrigação de assessorar seu Comandante em assuntos legais.

O Judge Advocate General é o mais graduado oficial jurídico do Dep. da Guerra e, por isso mesmo, suas opiniões e pareceres, a não ser quando expressamente desaprovados pelo Secretário da Guerra, devem ser acatados em todo Exército. As funções de juiz, representante do Ministério Público e defensor do réu, são indistintamente desempenhadas por qualquer dos membros do Corpo de Auditores. Quem funciona hoje como juiz letrado em um processo, poderá servir em outro como promotor ou defensor.



Secção
do CANDIDATO à



00000 - 26.007.1924.

210 / 20-N-55-A

Coordenador: Maj GERMANO SEIDL VIDAL

SUMÁRIO

I — PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS SÔBRE ASSUNTOS DE GEOGRAFIA ECONÔMICA
Maj GERMANO SEIDL VIDAL.

II — EXERCÍCIOS DE INGLÊS
Ten-Cel CELSO MEYER.



DOCUMENTOS BÁSICOS PARA O PREPARO DO CANDIDATO À ECEME

GEOGRAFIA

- Geografia do Brasil — Delgado de Carvalho
Geografia Regional do Brasil — Delgado de Carvalho
Geografia Humana de 1934 — Aroldo de Azevedo
Geografia Humana do Brasil — Pierre Deffontaines
Notas de Geografia Militar Sul-Americana — P. de Paula Cidade
História Econômica do Brasil — Roberto Simonsen
Realidades Econômicas do Brasil — Pires do Rio
Partes da Geologia da História Natural — Waldemar Petsch
Geologia do Brasil — Avelino — Oliveira e Othón A. Legnards
As Grandes Regiões do Brasil — Conselho Nacional de Geografia
Alguns Problemas brasileiros (subsídios para o seu estudo, coligidos pelo Conselho Técnico Consultivo da Confederação Nacional do Comércio — 1955)
Aspectos geográficos sul-americanos ou Projeção continental do Brasil — Mário Travassos
O Domínio da Bacia Hidrográfica do Prata — Francisco de Paula Cidade (Rev Mil Brasileira — Jan, Mar, Jun, Jul e Set 1930).
Sobre os fundamentos para o estudo dos aspectos militares da Bacia do Prata — Cel R1 João Batista de Magalhães (idem Jan-Jun 1940)
Perspectivas da Economia Brasileira — Industrialização da Economia Nacional — ISEP — 1958.

HISTÓRIA

- História do Brasil — João Ribeiro (Curso Superior)
Manual de História do Brasil — Basílio de Magalhães
História do Brasil — Barão do Rio Branco
História Geral do Brasil — Visconde de Pôrto Seguro, anotada por Rodolpho Garcia
História do Brasil — Rocha Pombo
História do Brasil — Pedro Calmon
Evolução do Povo Brasileiro — Oliveira Viana
História das Américas, publicada sob a direção de Ricardo Levone, Ed Bras dirigida por Pedro Calmon, 14 vol (Ed Jackson) — 1947
História da América — Gastão Ruch
(Das Instruções para o Concurso, atualmente em vigor)

I — PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS SÔBRE ASSUNTOS DE GEOGRAFIA ECONÔMICA

Maj GERMANO SEIDL VIDAL,
Oficial de EM

Os aspectos econômicos têm posição preponderante nos estudos geográficos hodiernos. Não fugiu desse princípio o programa do concurso de admissão à ECEME, até então vigorante, do qual destacamos os seguintes tópicos:

OFICIAIS DAS ARMAS

- 1) Aspectos gerais da geografia econômica geral e regional do Brasil.
- 2) Estudo geográfico-militar do Rio Grande do Sul, quanto aos fatores econômicos.
- 3) Estudo das bacias do Paraguai, Paraná, São Francisco, Amazônicas, Paraíba do Sul e Doce, encarando-se, principalmente, aspectos econômicos.
- 4) Aspectos econômicos do Plano e da Política Nacional de Viação.
- 5) Possibilidades decorrentes do Plano e da Política Nacional de Combustíveis (Petróleo, Carvão, Xistos, Piro-betuminosos e Turfas).
- 6) Possibilidades dos países que na América do Sul industrializaram o Carvão e o Petróleo.
- 7) Aspectos econômicos da mineração na América do Sul.
- 8) Principais núcleos industriais sul-americanos.
- 9) Aspectos da indústria brasileira que mais interessam às Forças Armadas.
- 10) Matérias-primas dos países sul-americanos, essenciais às indústrias do Brasil.
- 11) Influências da siderurgia na economia brasileira e sul-americana.
- 12) Aspectos econômicos do Plano e da Política Nacional de Energia.
- 13) Estudo do potencial hidráulico das bacias e seu aproveitamento, principalmente o das do São Francisco, Paraíba do Sul Doce, Iguaçu e Paraná.
- 14) Estudos econômicos sobre minerais fissionáveis (urânio e tório).

OFICIAIS INTENDENTES

- 1) Países da América do Sul produtores de petróleo: apreciação sobre o valor econômico dessa produção. O Petróleo no Brasil, situação atual e prossibilidade; sua importância no desenvolvimento econômico do país; sua influência na motorização do Exército.
- 2) Regiões agrícolas do Brasil que mais produzem gêneros alimentícios e forragens; importância, exportação e expressão em nossa balança comercial.
- 3) Principais centros industriais brasileiros que manuseiam, tratam e beneficiam produtos alimentícios dos reinos mineral, vegetal e animal; sua influência na balança comercial do Brasil e no suprimento dos Serviços de Subsistência do Exército.
- 4) Regiões pecuárias da Argentina, Uruguai e Paraguai e do Sul do Brasil; valor econômico e influência recíproca. Possibilidades da pecuária brasileira; sua expressão em nossa balança comercial e no abastecimento do Exército.
- 5) Importância relativa dos centros industriais do Brasil que produzem materiais necessários ao Serviço de Intendência do Exército; reflexos no comércio exterior do Brasil; produção principal; aproveitamento pelo Exército.
- 6) Análise e apreciação geral da situação relativa entre os centros produtores do Brasil e seus diversos meios de transporte (ferroviário, rodoviário, marítimo, fluvial e lacustre), tendo-se em vista o abastecimento dos grandes núcleos brasileiros de população e das principais guarnições militares.
- 7) As comunicações no Brasil: correios, telégrafos, telefones e rádios — valor e importância no desenvolvimento do intercâmbio comercial entre os Estados.
- 8) Comércio exterior do Brasil: volumes, valor, perspectivas e dificuldades; reflexos nas finanças do país.

A permanente evolução desses aspectos econômicos é incontestável e tem, no caso particular do candidato à ECEME, acompanhado o ritmo desenvolvimentista dos países sul-americanos, objeto de seus estudos. Dêsse modo torna-se difícil, senão impossível, aos Oficiais, que servem em Guarnições de poucos recursos culturais, atualizar seus conhecimentos face à economia nacional e a dos nossos vizinhos. Tais estudos exigem a leitura de publicações periódicas credenciadas, cujas assinaturas tornariam dispendiosíssimas as despesas de preparação para o Concurso.

Resolvemos, por isso, arrolar aquelas periódicos, cujos assuntos têm afinidade com os do Programa em tela, transcrevendo a seguir o resultado de nossa pesquisa:

1. "Águas e Energia Elétrica"

Conselho Nacional de Águas e Energia Elétrica
Av. Graça Aranha, 327 — 10º andar — Rio.

2. "Américas"
União Pan-Americana
Washington 6, DC — USA.
3. "Arquivos Econômicos"
Banco do Brasil S. A.
Rua 1º de Março, 66
"Arquivos Econômicos" CP 3878 — Rio.
4. "Boletim"
Superintendência da Moeda e do Crédito
Av. Presidente Vargas, 84 — 2º andar — CP 1540 — Rio.
5. "Boletim Estatístico"
IBGE — Conselho Nacional de Estatística
Av. Franklin Roosevelt, 166 — Rio.
6. "Boletim da FARESC"
Federação das Associações Rurais do Estado de Santa Catarina com a colaboração do CR/SC do Serviço Social Rural.
Edifício FARESC. Av. Irineu Bornhausen — Florianópolis, SC
7. "Boletim Geográfico"
IBGE — Conselho Nacional de Geografia
Av. Beira-Mar, 436 — Rio.
8. "Boletim Informativo"
Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) e
do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (CIESP)
Viaduto Dona Paulina, 80 — 6º andar — São Paulo.
9. "Boletim Informativo do CEPE"
Instituto de Estudos e Pesquisas Econômicas da Universidade
do Rio Grande do Sul
Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade do Rio
Grande do Sul
Av. João Pessoa, 52 — CP 2394 — Pôrto Alegre, RS.
10. "Boletim Informativo do CODEPE"
Comissão de Desenvolvimento Econômico de Pernambuco.
Recife, PE.
11. "Boletim Informativo e Estatístico"
Instituto Brasileiro do Café
Departamento de Economia e Assistência à Cafeicultura
Av. Rodrigues Alves, 129 — Rio.
12. "Boletim Informativo do Instituto do Cacau da Bahia"
Instituto de Cacau da Bahia
Rua da Espanha — CP 223 — Salvador, BA.

13. "Boletim Mensal"

Prefeitura do Município de São Paulo. Divisão de Estatística e Documentação Social
Rua José Bonifácio, 24 — 14º andar — SP.

14. "Boletim Mensal do FIEGA"

Federação das Indústrias do Estado da Guanabara e Centro Industrial do Rio de Janeiro
Av. Calógeras, 15 — 4º andar — Rio.

15. "Boletim Mensal do SNIC"

Sindicato Nacional da Indústria do Cimento
Rua 7 de Setembro, 81 — 6º andar — CP 1524 — Rio.

16. "A Bôlsa"

Bôlsa de Valores do Rio de Janeiro
Edifício da Bôlsa, Praça 15 de Novembro, 20 — Rio.

17. "Brasil Açucareiro"

Instituto do Açúcar e do Álcool
Rua do Ouvidor, 50 — 9º andar — CP 420 — Rio

18. "Brasil Madeireiro"

Instituto Nacional do Pinho
Rua México, 45 — 7º andar — CP 2093 — Rio.

19. "Brasil-Oeste"

Brasil-Oeste Editora Ltda
Praça da República, 386 — 3º andar — Conjunto 33 A — São Paulo.

20. "Brasil Salineiro"

Instituto Brasileiro do Sal
Av. Rio Branco, 311 — 8º andar — Rio.

21. "Carta Mensal"

Conselho Técnico da Confederação Nacional do Comércio (SESC)
Av. General Justo, 307 — 8º andar — Rio.

22. "Comércio Internacional"

Banco do Brasil S. A. — Rua 1º de Março, 66 — CP 3878 — Rio.

23. "Conjuntura Econômica"

Fundação Getúlio Vargas
Praia de Botafogo, 186 — CP 4081 — Rio.

24. "CNI — Notícias"

Confederação Nacional da Indústria
Rua Santa Luzia, 735 — 9º andar — Rio.

25. "Desenvolvimento e Conjuntura"
Confederação Nacional das Indústrias
Rua México, 98 — S/1004/1007 — Rio.
26. "O Digesto Econômico"
Associação Comercial de São Paulo e Federação do Comércio
do Estado de São Paulo
Av. Presidente Vargas, 502 — 19º andar — Rio.
27. "Econômica Brasileira"
Clube de Economistas
Av. Graça Aranha, 19 — 3º andar — S/3C4 — Rio.
28. "Estudos Econômicos da América Latina"
CEPAL (ONU)
Av. Providência, 871 — 7º andar — Santiago (Chile)
29. "Geologia e Metalurgia"
Centro Moraes Rego
Curso de Engenharia de Minas e Metalurgia da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo
Praça Coronel Fernando Prestes, 74 — São Paulo.
30. "Gleba"
Confederação Rural Brasileira
Av. General Justo, 171 — 5º andar — Rio.
31. "Mensário Estatístico"
Serviço de Estatística Econômica e Financeira
Ministério da Fazenda — 11º andar — Rio.
32. "Observador Econômico e Financeiro"
Editôra "O Observador" S.A.
Rua Araújo Pôrto Alegre, 36 — s/602 — CP 3114 — Rio.
33. "Petrobrás"
Petróleo Brasileiro S.A. — Assessoria-Geral de Relações Públicas
Rua Teófilo Otoni, 82 — 2º andar — CP 809 — Rio.
34. "Revista Bancária Brasileira"
Oyama Pereira Teixeira — diretor responsável
Rua México, 164 — 10º andar — s/101/102 — CP 2291 — Rio.

35. "Revista Brasileira de Economia"
Fundação Getúlio Vargas
Praia de Botafogo, 186 — CP 4081 — Rio.
36. "Revista Brasileira de Estatística"
IBGE — Conselho Nacional de Estatística
Av. Franklin Roosevelt, 166 — Rio.
37. "Revista do Conselho Nacional de Economia"
Conselho Nacional de Economia
Rua Senador Dantas, 74 — 15º andar — Rio.
38. "Revista dos Mercados"
Bôlsa de Mercadorias de São Paulo
Rua Líbero Badaró, 443 — 5º andar — s/1 — CP 1442 — São Paulo.
39. "Revista Finanças Públicas"
Conselho Técnico de Economia e Finanças do Ministério da Fazenda
Av. Presidente Antônio Carlos, 375 — 10º andar — s/1011 — CP 1580 — Rio.
40. "Rodovia"
Editôra Rodovia S.A.
Praça Mauá, 7 — 10º andar — s/1014-15 — Rio.

Procuraremos estabelecer intercâmbio com as publicações acima, através da Direção de "A DEFESA NACIONAL" e nos propomos a manter nesta Seção um informativo mensal sobre os artigos mais interessantes nela incluídos.

II — EXERCÍCIOS DE INGLÊS

Ten-Cel CELSO MEYER
Oficial de EM

Solução dos exercícios publicados no número anterior

1. TRADUÇÃO

a) O^o defensor normalmente procura ocultar sua posição principal e iludir o atacante quanto ao seu dispositivo, mediante o emprêgo de fôrças de cobertura. O reconhecimento agressivo e completo da posição inimiga e do terreno a sua frente, por fôrças de segurança avançadas, é de grande importância. Esse reconhecimento tem por finalidade encontrar indícios de que a posição atingida é realmente a posição principal do inimigo. Um sistema bem organizado de fogos defensivos inimigos, extensos campos de minas, fortificações, barreiras e cérca de arame defensivas são, freqüentemente, indícios seguros de contato com a posição principal do inimigo.

Caso os órgãos de reconhecimento aéreo e terrestre não consigam encontrar tais indícios, deve então ser feito um reconhecimento em fôrça, tendo em vista determinar o valor da posição inimiga, forçar o retrainimento de suas fôrças de cobertura e conquistar o terreno necessário ao desdobramento adequado da unidade e que proporcione boa observação da posição de combate inimiga. As tropas de 1º escalão estabelecem-se, então, nos pontos vantajosos do terreno e cobrem a preparação do ataque.

Deve-se fazer planos para a proteção dêsses elementos, tendo em vista um possível contra-ataque inimigo. Esses planos devem conter previsões relativas aos fogos de apoio e à cooperação a ser proporcionada pelos elementos da fôrça principal, a qual deve ser localizada a uma distância que possibilite tal apoio.

O máximo efetivo possível da unidade é mantido, em condições de pronto emprêgo, além do alcance eficaz do fogo de artilharia inimigo; devem ser tomadas as medidas necessárias para a sua proteção contra ataque aéreo e de blindados.

b) A exploração do êxito é iniciada mediante ordem ou quando as forças atacantes atingem um determinado objetivo ou linha de coordenação. Pode ainda ser iniciada a critério de um comandante, quando a situação, frente a sua unidade, evolua de modo a justificar tal ação.

Entre os indícios que justificam o desencadeamento da exploração do êxito, encontra-se o aumento de prisioneiros e de equipamento abandonado, o ultrapassamento ou a destruição da artilharia inimiga e, também, a conquista de PCs superiores e de instalações de comunicações, de suprimentos e de outras semelhantes.

A exploração do êxito deve ter por objetivo não proporcionar ao inimigo diminuição da pressão ofensiva e, uma vez iniciada, deve ser conduzida com agressividade e iniciativa por todos os comandantes empregados na mesma e sem qualquer diminuição de ímpeto até o objetivo final.

2. VERSÃO

a) When fully motorized by the attachment of additional transport, the Infantry Division is especially suited to execute the following type of operations: to provide close support to armored units; to consolidate and hold gains made by such units; to seize and hold important localities pending arrival of less mobile troops; to exploit success achieved by mass destruction weapons, armored, airborne, and other units; to execute envelopments and turning movements either in close cooperation with armored and other mobile units or, under favorable conditions, to execute those operations independently; to constitute a powerful mobile general reserve for use either offensively or defensively as the situation demands.

b) The penetration of an enemy position requires the accomplishment of three principal tasks: a rupture of the enemy's main line of resistance; a widening of this gap by seizing objectives within the position; and the seizure of objectives which destroy the continuity of his position.

These three phases are followed immediately by exploitation to seize vital areas deep in the hostile rear.

DA GUERRA SUBVERSIVA À "GUERRA"

TAM — Traduzido da "Revue Militaire Générale" — Junho 1960

"A guerra é uma coisa muito séria para que se a deixe aos cuidados dos militares".

Ao pronunciar estas palavras, pretendera o presidente Clemenceau, "Pai da Vitória" de 1918, mostrar que não considerava os militares como gente "séria"? Ou apenas quisera lembrar a clássica preeminência da toga sobre a espada?

O Exército seria, na verdade, apenas um instrumento — puramente técnico — nas mãos do poder? Eis uma velha questão que se apresenta periodicamente e que não parece possível ser de pronto resolvida — se assim pudesse ser — senão depois de uma apurada análise do "fenômeno — guerra".

Para conduzir essa análise a seu término, é bem possível que não seja desinteressante examinar — em algumas páginas — o rude e longo caminho que conduziu, através de tantas decepções amargas e descobertas surpreendentes, os jovens oficiais franceses, orgulhosos de sua "vitória clássica" de 1945, à tranquila certeza e à inabalável determinação que caracterizam sua maturidade.

PRIMEIRA ETAPA: DESCOBERTA DA GUERRA "SUBVERSIVA"

Esta etapa, que foi progressiva e mantida através dos anos na Indochina, tem ligação com a descoberta de uma forma de guerra "que não se aprende nas escolas": a guerra subversiva. Durante 1954-1955 as conclusões são claras: as constatações efetuadas na região do Extremo Oriente correspondem perfeitamente à teoria da "guerra revolucionária" segundo Lenine, Mao Tse Tung e os doutores do marxismo-leninismo, assim como às experiências da China, Grécia, Malásia, etc...

As características dessa forma de guerra são as seguintes:

1º) A guerra é preparada, desencadeada e conduzida por uma organização subversiva um “partido” de estrutura e ideologia totalitária, inteiro ou parcialmente clandestino, enraizado e ramificado no território a ser conquistado.

2º) O objetivo da organização subversiva é o poder absoluto sobre as almas e os corpos, isto é, o controle total, físico e psicológico, das massas (1).

3º) Para conquistar êsse objetivo, a organização desenvolve, tanto no plano estratégico como no tático, um duplo processo: dissolução moral e física da sociedade existente; construção simultânea e progressiva, no seio desta, da sociedade revolucionária totalitária. A vitória é conquistada quando a nova sociedade se encontra bastante desenvolvida, moral e materialmente, para fazer a antiga desmoronar-se.

No intuito de adiantar tanto a construção da sociedade revolucionária como a destruição da antiga, a organização subversiva militariza progressivamente as populações, para mantê-las controladas e utilizá-las no combate armado. Este combate pouco a pouco vai aumentando de intensidade, passa do terrorismo à pequena e à grande guerrilha e chega à “guerra de movimento” que lembra, em sua aparência, as operações clássicas. A guerrilha, entretanto, junta-se ao terrorismo e êstes dois processos não são abandonados quando se passa à guerra de movimento.

4º) Esses três processos de construção, destruição e militarização são desenvolvidos com a ajuda de técnicas muito aperfeiçoadas que permitem a conquista física e psicológica das massas (2).

5º) Por fim, o desenrolar da guerra revolucionária, no tempo e no espaço, apresenta um certo caráter sistemático. Inicialmente, muito mais fraca do que seu adversário, a Revolução é forçada a aumentar, pouco a pouco suas fôrças até que se torne mais poderosa que êle e passe a “contra-ofensiva (ou insurreição) geral”, que termina por destruir a sociedade atacada em condições espetaculares.

(1) Um processo empregado na Europa Oriental nas “salas de informações” mostra bem o vínculo entre o que se destina ao físico e o que visa aos sentidos: alto-falantes repetem incessantemente, a voz medida, os “chavões”: “Adenauer é um assassino” etc... Em seguida, o som e a idéia correspondente permanecem associados à imagem.

(2) “Hierarquias paralelas”, nucleamento, utilização das “organizações de massas” e das “cadeias de transmissão”, autocritica, doutrinação, propaganda científica etc...

Dêsses modo vimos uma organização subversiva trabalhar, sempre de maneira análoga, na China, na Indochina, na Grécia e na Argélia (3). De inicio, mantém uma calma aparente, ao abrigo da qual solapa a sociedade a destruir e se infiltrar nas organizações oficiais e privadas, começando a criar um clima favorável aos seus designios. Depois, progressivamente, o Partido recorre à violência para exacerbar o ambiente criado, desenvolver e militarizar sua organização e destruir as organizações adversas. Por fim, sua ação se espalha por todos os escalões, num cuidado constante para influenciar os espíritos e as atividades de toda espécie políticas, econômicas, sociais, culturais e militares. Seu fim é criar e multiplicar as bases, zonas mais ou menos importantes onde a liberdade de ação é obtida por meio de um rígido controle (clandestino ou não) da população.

Se a organização subversiva consegue dispor de numerosas bases, amplas e ricas, e, ao mesmo tempo, corromper de modo adequado, moral e materialmente, as zonas controladas pelo poder estabelecido, então a sorte da guerra está decidida: a "contra-ofensiva (ou insurreição) geral" conquista de um só golpe a vitória. Esse espetáculo nos foi dado assistir, de maneira muito surpreendente, na China de 1949, quando os vermelhos se apossaram de todo o território sem encontrar qualquer resistência, fortificando-se, ao contrário, com a adesão de todos os seus cúmplices até então dissimulados de todos os hesitantes e, mesmo, de todos os seus adversários de véspera, ansiosos por terminar a guerra ao lado dos vencedores. O advento da mais sombria das tiranias pôde, assim, desvirtuar os aspectos de festa pública de uma libertação.

* * *

Tornou-se evidente que tais descobertas, feitas não na calma serena de um gabinete mas na atmosfera apaixonada dos campos de batalha, não podiam deixar de impressionar profundamente o Exército francês. For isso, nos anos de 1953 a 1956, o termo "Guerra revolucionária" (4) entrou em moda. Nossas elites militares se consagraram de preferência

(3) Ainda que a mediocre qualidade da FLN e da ALN faça da rebelião na Argélia uma forma muito degradada da guerra revolucionária.

(4) O termo foi empregado pela primeira vez por Karl Marx; foi repetido por Lenine e Mao Tse-Tung. Chegou pela primeira vez ao nosso conhecimento ao ser retomado pela FLN (declarações de Amed Bumendjel, Chefe da delegação do GPRA à "Conferência dos povos africanos", em Tunis, a 27 de janeiro de 1960).

ao estudo do que ainda se acredita ser uma “forma” de guerra — a tal ponto que terminaram por impor sua adoção oficial e sua introdução, embora bem tímida — nos programas de informações superiores (5). Mas, de um modo geral, ainda se considera existir, nos tempos modernos, três formas de guerra: a “atômica”, a “clássica” (ou “convencional”) e a “subversiva”. Por fim, o que vai permitir a síntese, é o apêgo tradicional dos militares franceses à estratégia.

Na verdade, é surpreendente, para os espíritos que mais se dedicam às vidas de conjunto, constatar que o aparecimento e a florescência de guerras revolucionárias (sob sua forma evoluída) coincidem exatamente com o advento daquilo que nossos aliados anglo-saxões têm chamado de “a guerra fria”. Explicar êsse fenômeno (como gostam de fazer os espíritos demasiadamente mediocres) como consequência da “onda de nacionalismo que conduz os países subdesenvolvidos à rebelião”, é por demais fútil. As negociações da Grécia e do Azerbadjão, a guerra civil chinesa e mesmo a revolta da Malásia (6) não podem ter nascido desse fenômeno (cujas origens necessitam, aliás, ser esclarecidas).

Existe, portanto, uma ligação entre a guerra fria e as guerras revolucionárias dos últimos quinze anos. Esta descoberta conduz rapidamente a uma segunda etapa: *a guerra fria nada mais é do que a aplicação, em escala mundial, das teorias da guerra revolucionária*.

Se, portanto, se tenta a comparação, ponto por ponto, entre as características das guerra revolucionária — exatamente como acabaram de ser apresentadas — e a guerra fria, constata-se que são idênticas, ou antes, homotéticas.

1º Ponto: a guerra é conduzida, não por uma nação ou coalizão, mas por uma organização subversiva. Para muitos, ainda estorvados por conceções clássicas, a guerra fria é conduzida pela URSS. Não obstante, estadistas soviéticos e doutores do comunismo refutam constantemente êsse erro magistral: *o partido comunista internacional não está a serviço da Rússia; esta é que se transformou em soldado do comunismo* (a pátria do socialismo). Quem não compreendeu esta verdade fundamental, jamais poderá compreender o mundo moderno; a maior parte das derrotas ocidentais dos anos recentes se explicam por êsse desconhecimento da realidade mais essencial dos tempos atuais (7).

(5) Os espíritos lúcidos — não os inferiores — se obstinam em confundir, ainda, “guerra subversiva” (ou revolucionária) e “guerrilha” — quando não com “guerra psicológica”.

(6) Conduzida essencialmente pelos comunistas chineses fora de seu país.

(7) O espetáculo das viagens de Kruchov ao estrangeiro apenas ilustram esta afirmação.

A guerra fria é, portanto, a luta de uma organização subversiva totalitária, o partido comunista internacional, contra o resto do mundo. Nesse conflito, a organização se apresenta por *tôda parte* (alguns escândalos retumbantes dos últimos anos provam que ela age mesmo nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha); o bloco sino-soviético apenas representa uma parte de sua potência: suas "bases".

2º Ponto: Qual é o objetivo dessa organização? Não mais se pode hesitar sobre a resposta a essa pergunta, a qual milhares de vezes tem sido tão bem respondida não só pelos chefes comunistas e representantes da "nova classe" (8) como pelos teóricos do marxismo-leninismo. Para eles, trata-se, e assim o proclamam, de instaurar o comunismo em todo o mundo, isto é, de impor às populações de todo o Globo o regime que já existe nos países do Oriente: poder absoluto, controle total, físico e psicológico, dos indivíduos.

O próprio Kruchove advertia:

"Senhores capitalistas, nós vos sepultaremos a todos".

Não há possibilidades para qualquer compromisso; o comunismo quer o desaparecimento de tudo o que não lhe pertence e não pode mudar de objetivo sem se negar ou destruir a si mesmo (9).

Enquanto o comunismo não desaparecer, enquanto existir fé e organização, a guerra fria prosseguirá.

Passemos aos métodos. É claro que, no mundo inteiro, o partido da revolução mundial desenvolve seus dois processos: o construtivo e o destrutivo. Não se pode compreender a política do bloco comunista sem que se conserve sempre presente ao espírito sua dupla preocupação: reforçar a coesão e a força da sociedade marxista-leninista, tanto nas regiões onde a revolução já triunfou como nas outras regiões do Globo (10), e desagregar a sociedade não comunista, procurando a discordia entre as nações ainda livres, tornando-as inimigas entre si, lançando mão para isso, tanto dos interesses como das paixões e convicções espirituais e ideológicas.

(8) Conforme o livro de Djillas, "A Nova Classe".

(9) Uma demonstração mais completa desse ponto foi procurada, no artigo "A tentação do Comunismo" (Revue des Forces Terrestres n. 15, de janeiro de 1959), pelo Comandante Hogard.

(10) A prioridade é evidentemente concedida às "bases" já conquistadas. Assim o comunismo reprimiu a revolta da Hungria pelo terror, embora essa ação tenha sido de natureza a fazê-lo recuar no Mundo Livre. Mas, a perda da Hungria teria sido um recuo estratégico (no sentido marxista-leninista do termo), provavelmente definitivo, que acarretaria a perda de outros satélites. Enquanto que a repressão da Hungria provocou apenas um recuo tático temporário no Mundo Livre.

Para desenvolver êstes dois processos, as técnicas empregadas são as mesmas, tanto na guerra fria como na revolucionária: infiltração; utilização da "cadeias de transmissão", da "organização de massa", do sistema de "hierarquias paralelas", do recurso à doutrinação, à propaganda científica, ao processo da autocrítica, etc (11) ... Seria mesmo interessante comparar de perto a utilização pelo comunismo da grande assembléia mundial, a ONU, e a que êle fêz dos parlamentos nacionais (12).

Até o desencadeamento das guerras revolucionárias nada há que não se encontre fielmente integrado nas guerras frias. Na escala mundial, os países controlados pelos comunistas são as "bases", no sentido revolucionário do termo; os países livres representam "as retaguardas inimigas". É espantoso constatar-se que as "bases", até 1940, compreendiam apenas um país; hoje englobam dezesseis, mais de um terço da humanidade; é mais espantoso, ainda, pesquisar o "apodrecimento" dos países livres. Como se encontram exatamente as Índias, as Américas Central e do Sul, a África, algumas nações da Europa e mesmo os Estados Unidos e a Grã-Bretanha?

A única objeção que se poderia opor à comparação que acabamos de esboçar ponto por ponto, entre a guerra fria e as guerras revolucionárias que temos estudado — ou vivido — seria a ausência, na primeira, do processo de "militarização". Até agora, efetivamente, o comunismo não tentou generalizar o emprêgo da violência em todo o mundo.

A objeção acima é fácil de ser contestada. Primeiro que tudo, o processo de militarização não é obrigatório. Onde êle foi possível (na Tcheco-Eslováquia, por exemplo) o comunismo agiu com parcimônia. Entretanto, sabe-se que êsse processo serve sobretudo para aumentar rápi-

(11) Essas técnicas foram estudadas no artigo "Estratégia e Tática do Comunismo" (*Revue des Forces Terrestres* n. 8, de outubro de 1959, pelo Comandante Hogard).

(12) "Todo deputado comunista é obrigado, de acordo com decisão do Comitê Central do Partido, a ligar o trabalho legal ao ilegal. Nos países em que os deputados comunistas, em virtude de leis burguesas, gozam ainda duma certa imunidade parlamentar, devem êles servir à organização e à propaganda ilegal do Partido. Os deputados comunistas são obrigados a subordinar tôda sua atividade parlamentar à ação extraparlamentar do partido. O arquivamento regular de projetos de leis puramente demonstrativos — conhecidos, não tendo em vista sua adoção pela maioria burguesa mas, pela propaganda, agitação e organização — deve ter lugar de acordo com as indicações do Partido e do seu Comitê Central.

Todo deputado comunista tem por obrigação lembrar-se de que não é um "legislador" procurando uma linguagem comum com a de seus pares, mas um agitador do Partido lançado nas linhas inimigas para aplicar as decisões do Partido. **O deputado comunista é responsável, não perante as massas dispersas que o elegeram, mas sim perante o PC legal ou ilegal** (Lenine, prestação de contas ao II Congresso Internacional Comunista)

damente a coesão da sociedade revolucionária em formação e, só em segundo lugar, para acelerar a destruição da sociedade atacada. Nessas condições, o processo de militarização só é empregado onde a revolução exige rapidez na sua evolução ou quando precisa apoderar-se de uma posição que só a violência lhe permitirá conquistar, ou, ainda, quando a utilização do fragor das armas se tornar necessária para abalar os nervos da população do Mundo Livre.

Foi o que aconteceu na Grécia, na China, na Indochina, na Coréia e na Argélia (13). Mas, o uso da força brutal em dose exagerada é perigoso, porque poderia induzir as sociedades atacadas a adquirir consciência do perigo e a se armar, em todos os planos, para enfrentá-la. Inteiramente convencido de sua vitória final, que considera inevitável, o Comunismo não se precipita. Sua revolução não é obra de um homem ansioso por conduzi-la enquanto vive, mas a de uma organização que se julga imortal. O Partido, portanto, desenvolve, por todo mundo, seu duplo processo de construção e dissolução, porém não militariza e nem recorre à violência a não ser quando e onde lhe parece proveitoso e quando e onde pode fazê-lo sem comprometer sua estratégia mundial (14).

Em breve, nem o processo de militarização e nem o uso da violência estarão ausentes daquilo que se tem designado por "guerra fria"; entretanto, serão utilizados com discernimento. Os mestres do comunismo restabeleceram, assim, as regras de uma sã estratégia: *a força brutal não mais é empregada irrefletidamente, sua dosagem é função das vantagens resultantes e dos riscos permitidos*. Aliás, em nenhuma guerra a violência se generalizou a todo o território dos beligerantes. Mesmo no decorso das "guerras mundiais" do século XX, os combatentes pouparam a maior parte dos territórios dos países engajados nos conflitos. Nos séculos passados, os exércitos ocupavam seus "quartéis de inverno" por largo espaço de tempo sem que, por vezes, houvesse operações militares. Portanto, é absurdo pensar que não há "guerra" porque a batalha pelas armas está localizada no tempo e no espaço. A "arte da Guerra" consiste propriamente nisto: dosar e localizar a violência em função dos objetivos procurados, levando-se em conta os riscos.

(13) A revolução argeliana não é comunista (pelo menos totalmente). Mas a vitória da FLN seria uma vitória do comunismo mundial e conduziria, por consequência, a uma comunização ulterior. Sabe-se que a FLN está muito próxima do comunismo, uma vez que ela contém comunistas, adota seus métodos e, pouco a pouco, sua ideologia. Do PC francês a FLN, passando pela Estréla da África do Norte, o PPA e o MTLD, a filiação é direta.

(14) "É preciso que se retarde o momento em que os países capitalistas se compenetrem de que se passa" dizia Lénine.

A segunda etapa, nas nossas reflexões, nos conduz às seguintes conclusões :

1º. *Nós estamos em guerra, em "Guerra Revolucionária", conduzida em todo o Globo pelo comunismo internacional.*

2º. Da continuação dessa guerra dependem não sómente nossa existência como também a sobrevivência das crenças, das concepções e das formas de vida, às quais nos apegamos muito mais que a nós mesmos.

3º. *Não há possibilidade de qualquer compromisso : a própria essência do comunismo (a dialética marxista-leninista) o condena a lutar até a sua própria destruição ou a de todos seus adversários (15).*

Em breve, e eis a monstruosa novidade do século XX, novidade resultante da "perversidade intrínseca" do comunismo, *a estratégia não mais será subordinada à política ; confundir-se-á com ela (16) ; pode-se mesmo dizer que, no pensamento marxista-leninista, a política estará subordinada à estratégia.*

Nossa segunda etapa intelectual nos conduziu às conclusões que permitem abordar a terceira etapa e examinar o futuro. Essas conclusões nos autorizam, em particular, a responder à pergunta que mais freqüentemente se nos apresenta (e que não é, contudo, o essencial) :

- o Exército soviético entrará em ação algum dia ?
- o emprêgo da violência se estenderá ao conjunto do Globo ?
- haverá uma guerra nuclear ?

Mas, em primeiro lugar, qual é o papel do Exército soviético ? A teoria e a prática da Guerra Revolucionária nos indicam : o Exército vermelho nada mais é que o exército regular ("a força principal") da revolução universal. Lenine e seus sucessores têm dito e repetido : os oficiais soviéticos se preparam nas academias militares. Ora, a revolução não desgasta nem arrisca sua força principal em operações secundárias; ela só a emprenhará na "contra-ofensiva (ou insurreição) geral".

(15) "Não há meio termo : até que uma decisão final se interponha entre o capitalismo e o comunismo, o estado de guerra parcial continuará" (Lenine).

"A ditadura do proletariado é uma luta sangrenta, sem clemência ; luta mortal entre duas classes, dois mundos, duas épocas da História Universal (Lenine).

(16) A estratégia sendo definida como "a arte de dosar e de combinar as forças para atender aos objetivos fixados pela política". Bem entendido, ao lado da força militar (que pode ser violenta ou não) existe uma força econômica e uma força moral (ou "espiritual", ou "ideológica").

No entanto, ela não é de todo inútil porque, obrigando seus adversários a procurar o equilíbrio de fôrças, ela influi consideravelmente no moral e na economia dos países livres (17).

Portanto, o Exército soviético só entrará em ação quando as condições da "insurreição geral" estiverem reunidas, isto é, quando as "bases" comunistas forem suficientemente numerosas, extensas e ricas, quando as "refaguardas inimigas" (os países livres) estiverem bastante "apodrecidas". Ou melhor, um desenvolvimento bastante avançado do processo de desagregação do Mundo Livre poderia permitir alcançar a vitória sem o uso da força militar. Eis, talvez, porque os senhores do comunismo, estimando como possível, de hoje em diante, um "Super-Munique" mundial, atualmente envolvem a violência e insistem em seus desejos de paz (no sentido "burguês" — para êles absurdo — da palavra). Isto lhes permite acelerar o processo de desagregação moral.

Um dia (talvez nem isso), a luta tornar-se-á violenta em todo o mundo. A superioridade comunista em armamentos clássicos e o receio dum conflito "nuclear", cuidadosamente disseminado no Oeste, nos levam à suposição de que as armas atômicas não serão obrigatoriamente empregadas e, se o forem, evidentemente não o serão com a exclusão das outras armas. Mas, sobretudo, mesmo se durante alguns dias (ou horas) o fragor das bombas A e H fizesse esquecer qualquer outra forma de luta, o que aconteceria depois? A desorganização material e a ruína moral seriam de tal monta que a paz tornar-se-ia impossível. E os governos ainda existiriam para concluir-la? Os sobreviventes das populações consentiriam nela? Os desesperados, aquêles que tudo perderam, de um modo geral, forneceriam os mais enfurecidos combatentes. A guerra continuaria, então, segundo as suas aparências, sob a forma mais primitiva. Em breve, a guerra nuclear nada mais seria que uma fase, *uma batalha da Guerra Revolucionária Mundial*.

Então, de fato, só existem três "formas" de guerra: a atômica, a clássica e a subversiva. A guerra é uma só (e de tôdas as maneiras não se define pelas armas que nela são empregadas). O mundo se mantém em guerra desde 1917, mas o agressor age tão bem que seus adversários não se apercebem disto e, mesmo aquêles que a sentem de um modo confuso, ainda esperam pôr fim à luta por meio de um compromisso impossível.

(17) Eis aqui uma aplicação da combinação de fôrças próprias à estratégia em geral: o pleno emprêgo de uma fôrça militar só é obtido quando em íntima combinação com a fôrça espiritual (ou ideológica) e a fôrça econômica.



Preço do Exemplar

Cr\$ 30,00

SMG
IMPRENSA DO EXÉRCITO
Rio de Janeiro — 1962